

ANA DE CASTRO OSORIO

L. 137682.

O DIREITO DA MÃE

NOVELA



LIVRARIA CIVILIZAÇÃO-EDITORA
PORTO



No.
13768 P.

O direito da Mãe

OBRAS DE ANA DE CASTRO OSORIO

Romances, Novelas, Teatro

Infelizes — esgotado. — *Ambições* (romance) esgotado. — *Quatro Novelas* — esgotado. — *Dias de Festa*. — *A Verdadeira Mãe* (novela). — *O direito da Mãe* (novela). — *Mundo Novo* — (romance) a sair. — *Bem Prega Frei Thomaz* — teatro. — *Historias de Familia* — a sair. — *O Triunfo de viver* (novela) — a sair.

Questões Sociais

As Mulheres Portuguesas. — *Festas Infantis* — 2.^a Edição. — *Instrução e Educação*. — *A Mulher no Casamento e no Divorcio* — esgotado. — *A Mulher na Agricultura*. — *Em Tempo de Guerra* — 2.^a Edição. — *A Grande Aliança*: — A mulher de Portugal e do Brasil — O idealismo da raça — O urbanismo — As pequenas industrias regionaes portuguezas — O novo idealismo da raça atravez da moderna poesia portugueza — As mulheres portuguezas. — *As Pequenas Industrias Regionaes* (Bordados, Rendas e Tecidos, Sericicultura) a sair.

Obras Educativas e de Literatura Infantil

A Minha Patria — 10.^o milhar. — *Uma Lição da Historia* — 2.^a Edição — 21.^o milhar. — *Os Nossos Amigos* — 4.^a Edição — 45.^o milhar. — *Lendo e Aprendendo* — 3.^a Edição — 13.^o milhar. — *Alma Infantil* — 2.^a Edição — 5.^o milhar. — *Boas Crianças* — 3.^a Edição — 15.^o milhar. — *Os Animais* — 2.^a Edição — 10.^o milhar. — *Viagens Aventurosas de Felicio e Felizarda* — 2 volumes — 3.^o milhar: — *De como Portugal foi chamado á guerra* — 2.^a Edição — 4.^o milhar. — *O Livrinho Encantador* — 3.^a Edição — 9.^o milhar. — *Contos Tradiçionais Portuguezes* — 10 volumes em 4.^a e 5.^a Edição — a sair novas edições. — *Rimas de Maria-a-Bandeira* — Ilustrado por Leal da Camara — a sair.

reg. 178 juiz 2088. M.
ANA DE CASTRO OSORIO 22148

OFERTA

pl. 1
juiz



O direito da Mae

R. 100311

L. 13758 P.

(NOVELA)



1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORIA
Américo Fraga Linares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75 — PORTO.





I

Sem repararem que a luz do entardecer ia esmorecendo gradualmente, deixando em sombra a salinha elegante em que recebia na intimidade os amigos, Luísa e o Dr. Manuel Faria conversavam com os olhos alongados para o horizonte largo que se descobria da janela, da altura de Buenos-Aires, com a mancha rósea do Tejo onde o sol esmorecia em oiro.

Do jardim vinham as vozes claras das crianças que brincavam, com gargalhadas a cortar a serenidade do ambiente.

Pegando-lhe na mão, o medico dizia a Luísa febrilmente, na voz ansiada de quem vem esgotando os argumentos convencentes numa longa discussão:

— Se nos amamos, Luísa, se a tua vida é a razão da minha existência, os teus gostos são os meus gostos, os teus amores os meus amores... Se os teus proprios filhos, que talvez fosse logico não amar porque representam a posse odiosa que esse homem teve do teu corpo, sagrado para mim, se aos teus proprios filhos eu quero como se meus fossem, que razão pode haver para continuarmos no horror desta existencia, que é um insulto á vida, que é contraria a toda a justiça humana?

Ante o seu gesto de magoada negativa, Manuel Faria continuou:

— Porque recusas amar-me livremente, corajosamente, como eu sou capaz de amar-te, afrontando de cabeça erguida todos os preconceitos sociais? Porque não queres ser minha, como as nossas almas o são para a eternidade?!...

— Porquê?!... Porque não posso, porque tenho a certeza que não seríamos felizes no remorso duma existencia moralmente inferior...

— Dize antes que estás presa aos preconceitos duma sociedade que despresa e como sua escrava preferes martirizar-te e martirizar-me inutilmente...— concluiu com tristeza, largando a mão que conservara entre as suas e desviando a cabeça magoadamente.

— Manuel, não me aflijas mais do que eu propria me aflijo na tortura da minha duvida... Se fosse só eu a sofrer não hezitava... Mas tenho atraz de mim a minha familia e tenho os meus filhos!... Sobre tudo por eles, não me julgo no direito de dispôr livremente do meu destino e de atirar para cima das suas pobres cabeças com o pêso de uma culpa, de que só nós seríamos os responsaveis.

— Sacrificar a felicidade ao preconceito é a peor das fraquezas, chega a ser um crime... E' uma covardia moral... Não ha direito, não ha direito de o fazer!...

Levantando-se num gesto de desespero e de fadiga moral, ficou em frente da porta de vidros aberta sobre a varanda, que em larga escadaria comunicava com o jardim, e os olhos enevoados prendiam-se-lhe na mancha ridente do casarío e do mar, que contrastava com a amargura daquele momento de crise.

— Manuel — murmurou Luísa dolorosamente — não vês que seria impossível libertarmo-nos do mal estranho e mortífero que a nossa própria alma nos apontaria como uma falta? Julgas, que apesar de todo o nosso desprezo pelas convenções sociais, não teríamos a dôr física de sentirmos cair sobre nós o desprezo ou a piedade dos outros?

— Que nos importam os outros? !... — E voltando de novo a assentar-se murmurou com o ar desolado de quem se sente incapaz de vencer uma vontade alheia, que resiste magoada e contrariada a um desejo, correspondendo ao seu proprio desejo :

— Não compreendo essa covardia num espirito tão soberbamente libertado...

— Não lhe chames covardia — respondeu Luísa com vehemencia. E logo caindo em si: — Ou antes, sim!... Talvez tenhas razão! E' uma covardia ancestral, uma covardia maior do que todas as covardias materiais, porque é a imposição dum passado que não é nosso!...

Sem esforço, sem que nenhum musculo da face se movesse, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos e começaram a correr lentamente pelo rosto como naquelas imagens doloridas da Virgem, na sua paixão de mãe alanceada por todas as dores do martirio do filho bem-amado.

— Luísa, não chores, não vale a pena, cada um é o que é e procede como lhe dá prazer!... — disse baixo numa voz rouca, mas já a acusar a comoção por essas lagrimas que provocara.

— Deixa-me chorar, Manuel! Alivia-me o cora-

ção. Tu não sabes, tu não podes compreender como sinto a minha alma pesada, pesada!... Se tu pudesses compreender o horror de ter braços para lutar e senti-los amarrados!... Ter pernas para andar e senti-las presas a uma cadeia de ferro!... Ah, se tu soubesses o que é ter desejo de gritar toda a nossa ansia e toda a nossa revolta e ter receio de chamar importunos a presenciar a nossa dôr!... E' como se tivéssemos asas para voar e nos tivessem cortado as guias...

— Se quizessees viver longe de tudo e de todos... Se quizessees viver só para o nosso amor e um para o outro, que te importariam as opiniões alheias?

Olhando-o com a surpresa de quem vem dum mundo completamente diverso, Luísa respondeu:

— Isso nem chega a ser um sonho, é uma loucura, Manuel! Mesmo sem os meus filhos, que eu tenho, que nós temos, o dever de proteger e de amar; era lá possível sequestrarmo-nos da sociedade em que vivemos, de que fazemos parte, quer queirâmos quer não, e da qual temos, muitos defeitos e pontos de vista, embora isso revolte a nossa consciencia e a Inteligencia que nos coloca moralmente acima do meio que nos rodeia?!...

— Um amor que não é superior ás conveniencias!... Que miseria!

— Se soubesses como és injusto duvidando do meu amor!... E' uma crueldade dizê-lo! Pensa-o, se queres, mas não o digas porque é inferior á tua inteligencia, já nem mesmo digo ao teu coração. Pois tu não vês que tenho atraz de mim uma cadeia de sentimen-

tos que me ligam a um passado, que tu não queres admitir, mas que existe, de facto!... que tenho deveres para com um futuro que liga os meus filhos a esse passado!...

— Ser livre é a compensação das que não tem antepassados a respeitar!...— respondeu o medico com uma ironia em que punha toda a amargura da decepção dessa recusa, em nome de principios que não se habituara a sentir.

— Manuel!... — murmurou com as lagrimas a desprenderem-se-lhe dos olhos.

— Perdôa, Luísa, soffro muito!...

— Se insistes não poderei negar o que pedes, porque não quero que sofras, meu amor!... — E aperta-vá-lhe as mãos com uma ternura infinita. — A vida não se pode vencer atacando-a de frente, como um toiro furioso, é preciso dominá-la com muita fé e muita coragem. Saibamos esperar!...

— Esperar, esperar sempre!... Ha tanto tempo que a minha vida não tem outro significado senão esse!... O meu amor já não suporta mais esse tormento. Prefiro morrer!...

— Oh Manuel, que loucura!

— Chamas-lhe loucura e devias chamar-lhe paixão...

— Pelo amor de Deus, não fales como criança a uma mulher que já tem cabelos brancos e o coração torturado por tantas amarguras, que mal 'as podes imaginar!...

— Quando conhecerei bem a fundo as dores que trazes ocultas na tua alma, Luísa?... — murmurava,

já vencido na sua impetuosa vontade, com um interesse muito carinhoso, beijando-lhe os dedos que deixara abandonados nas suas mãos.—Dize, quando viverei com as tuas palavras esse passado que é um pesadelo para o meu coração?... Sabes? Às vezes sinto um remorso muito grande, como se por minha culpa tivesses sofrido!... Parece-me que foi por te não ter conhecido antes que tu sofreste e que fui eu o culpado de todas as tuas desgraças, minha querida!

— Que loucura, meu amigo! — dizia-lhe sorrindo docemente. — Quem dirá ao ver-te tão serio, tão fechado na tua fama de sabio e de estudioso, que está aqui dentro um coração tão cheio de entusiasmo e de mocidade, uma tão ardente imaginação de poeta!...

— Ris-te de mim porque não sei dizer-te frases bonitas!... Que queres, sou assim mesmo e só sei dizer o que sinto, bruscamente, toscamente... porque eu proprio sou um brusco, um desageitado.

— Rir-me de ti?! Que blasfemia, meu amigo! Se tu soubesses o que foi toda essa minha pobre existencia passada não dirias essas palavras injustas! Pois não te tenho dito já tantas vezes, que a minha alma só se sentiu libertada quando se prendeu á pureza do nosso grande affecto e ao amor dos meus filhos?!...

— Eu queria conhecer toda a tua vida, todos os teus pensamentos do passado. Parece-me que serias assim um pouco mais... a esposa da minha alma, enquanto o não és inteiramente, corpo e alma confundidos no mesmo anseio... Ha um ano que a nossa

intimidade nasceu aqui mesmo nesta sala, lembra-te?

— Se me lembro! . . .

— No momento em que a Dr.^a Carvalho me trouxe a ver o Carlinhos . . .

— E desde esse dia que te fiquei pertencendo pelo coração reconhecido, pela simpatia de ideias e de pensamentos . . . — respondeu nervosamente Lufsa, completando a frase de Manuel.

— Ha já um ano que isso foi! . . . E no entanto, eu que sei tudo quanto pensas e sentes e desejas no presente e para o futuro, do teu passado só sei que foste infeliz no casamento que te fizeram, abusando da tua ingenuidade de criança.

— Não! Eu não quero culpar ninguém! Esse casamento miserável aceitei-o satisfeita, com a responsabilidade e a consciencia duma rapariga de 17 anos, que nunca tinha saído do meio protector da familia provinciana.

— Grandes responsabilidades te podem assacar! . . . Pobresita!

— Tens razão, Manuel. Pobresita! Se soubesses o que foi para mim a revelação da vida ao sair do carinhoso meio em que fui criada com tanto mimo! . . .

— E deixarem-te assim casar aos 17 anos com um vicioso, um alcoolico, filho de alcoolico! . . . Foi um crime! Não ha direito de consentir em coisas semelhantes!

— Não acuses os meus pais, que tudo fizeram por muito me quererem. Era um bom casamento, para mim que não tinha a esperar deles senão uma vida modesta confinada no ambiente estreito da provincia.

— A miseria do dinheiro, sempre a ambição miseravel!... — comentou o medico com rancor.

— Sim, o Antonio era considerado o que vulgarmente se diz um bom casamento, só com a fortuna dos pais. Depois, com a herança que recebeu da madrinha, que quiz juntar numa só posse a sua grande fortuna para continuar no morgadio da familia, tornou-se um dos melhores partidos entre a pouco abonada aristocracia portuguesa. Sem querer, a pobre senhora, que era tão minha amiga, concorreu em grande parte para o desastre da minha vida. Mas poudes mais no seu espirito a tradição do que o affecto que me tinha... Pensando fazer-me feliz contribuiu para a minha desgraça condicionando a herança com a clausula de que a fortuna seria partilhada entre os dois no caso de não casarmos, como ella desejava. Logo que a madrinha morreu o Antonio foi com a mãe para cuidar da herança. A minha sogra, que conhecia a minha mãe de solteira e eram ainda vagamente aparentadas, como succede a todas as familias conhecidas, levava a ideia de casar o filho com uma senhora da provincia, tudo concorrendo para que fosse eu a escolhida... Foram hospedar-se em nossa casa e recebidos como parentes. O Antonio apresentou-se á minha fantasia de menina ingenua com o prestigio do homem que representava uma cultura, um meio, uma sociedade que é o sonho deslumbrador de todas as raparigas nas minhas condições... Casei assim por vontade, por paixão! — Concluiu num riso amargurado.

— Foste uma vitima...

—Para os meus pais, como para toda a parentela e amigos, esse casamento foi considerado a sorte grande que me saía na loteria da vida!... Foi um acontecimento falado na provincia e até aqui em Lisboa, onde a familia tinha uma situação social muito em destaque pelo nome e pela fortuna. Nem calculas as invejas, as intrigas e as felicitações que me envolveram, de modo a levarem-me numa onda de inconsciencia deslumbrada para a realização do que aos olhos de todos era para mim o inicio duma vida de triunfo social, que na companhia de meus pais difficilmente alcançaria.

—E nesse ponto tinham razão...—murmurou o medico, relanceando os olhos por todo o luxo discreto daquela sala, que era a moldura correspondente á graça aristocratica da dona.

—Sim, sob o ponto de vista material e social, a vida não faltou ao que prometera... Mas não era o bastante para uma alma que sonhara a perfeição na beleza harmoniosa duma existencia moralmente superior.

Passado um momento de silencio em que ambos tinham naturalmente caído numa concentração dos proprios pensamentos, o medico quebrou o enleio, dizendo:

—Olha, Luisa, o outro dia ao sair daqui, pensando no nome da tua terra, que ouvi por acaso, concluí que somos uma especie de patricios...

—Serio? Teria imensa graça...—acudiu ela, já desanuviada, numa curiosidade infantil.

—Lembra-me pouco a infancia... já tão dis-

tante!... — disse a sorrir — mas agora, depois de te conhecer e de te ouvir falar naqueles sitios a que te liga tanta saudade, comecei a fazer um grande esforço de memoria e parece-me que as minhas recordações se juntam ás tuas.

— Quanto isso me interessa! Como se chama a tua terra?!...

— Eu nasci em Lamosa, que é a terra de meu pai. Parece-me que é lá para a tua região.

— Pois é, sem duvida. Lamosa é uma aldeia muito pitoresca que fica perto de S. Torquato, onde é a nossa casa; onde fui criada e vivi até casar. Conheço toda a gente de Lamosa, que passava pela porta da nossa quinta, que chamam das «Armas» por causa do brazão, para irem ao mercado, á vila. Portanto devo conhecer a tua familia, mas não sei lá de ninguem que se chame Faria...

— Mas o meu pai não se chama Faria; a minha avó não consentiu que usasse o nome dele; Faria era ela e a minha mãe... Nem conheço o meu pai e até só lhe sei o nome quando necessito da certidão de idade.

— Mas o teu pai não quiz saber de ti?!...

— Não sei se quereria, mas a avó é que me defendeu avaramente. E ele, como todo o homem do campo, tinha mais paixão pela terra do que pelo filho. A avó não era muito generosa quando falava nele e lembra-me de lhe ouvir dizer: «que era um ambicioso, um bicho da terra, que por ela sacrificara a mulher e o filho...

— Mas que ideia!...

— Sim, ela tinha razão, porque foi a sua ganancia de homem da terra que obrigou a minha mãe a vir amamentar uma criança, para a qual andavam por ali a procurar ama. Meu pai agarrou o negocio com as mãos ambas, porque pagavam bem. Eu ainda não estava criado, mas já me podiam desmamar e apesar dos choros da minha pobre mãe, como era um espirito docil, obrigou-a a aceitar. A avó então foi-me tirar da aldeia, onde ficava entregue a uma vida sem cuidados nem conforto, e levou-me para a vila, acabando de me criar com todos os seus bons cuidados.

Luísa, seguindo com uma estranha curiosidade a narrativa difficilmente recordada, interrogou:

— O nome dessa gente que levou a tua mãe?...

— Isso é que não te sei dizer. O que me lembra é que a minha avó chorava muito pela filha e que foi ela que me criou á custa do seu trabalho, fazendo doces para vender pela vila e aldeias dos arredores, porque tinha sido criada num convento e tinha muitas especialidades e receitas... Ainda me lembro muito bem de comer alguns — terminou rindo.

— A tua mãe morreu?... — perguntou Luísa cada vez mais interessada.

— Sim — respondeu com rudeza — mataram-na! O pequeno tinha uma doença hereditaria que pegou á ama. Morreu!... Não me lembra dela, nunca a vi. A avósinha é que me contava essas coisas baralhadas e incompletas e eu só depois de medico é que bem compreendi o crime de que fui victima.

— E teu pai o que disse?

— Não sei! Nunca o vi. A minha avó tinha-lhe

ódio, acusando-o de ser o culpado da morte da filha e nunca me deixou ir vê-lo. Também, por sua vez, ele nunca procurou saber de mim, talvez com receio de que a justiça lhe fosse tomar contas da minha parte na herança. Casou outra vez... dizia a avó que tinha muitos filhos... agora já deve ter netos. Certamente eu era para eles o intruso, o filho das «fidalgas», como chamava á avó e á mãe.

— Mas a tua avó... Não estava na terra?...

— Não! A avó criou-me á custa do trabalho, vendendo doce, como te disse, que eu, já maiorsinho, ia vender ás casas ricas da vila e arredores.

— Ah!... Então... Bem me parecia a mim que eras tu!...—interrompeu Luísa alvoroçadamente.— Sim, eras tu, eras tu!...

— Mas eu quem?!...

— Tu, o pequeno que ias vender doces á quinta e sempre me davas o melhor bolinho. Não te lembras?... Eu era muito pequenina, por ahí uns quatro anos, mas ainda me lembro, tu eras maior...

— Eu tinha dez anos quando saí da vila. Uma senhora que era a amiga da minha avó convidou-a a vir para Lisboa para governanta duma casa, o que ela aceitou com a condição de me trazer. Assim foi: Eram dois velhinhos muito simpáticos que nos receberam como se fossemos a sua família. Como tinham tido um filho que morrera, ligaram-se com muita saudade á ternura que lhes trazia com a minha ingenua criancice. Acharam que era esperto e que era pena que ficasse sem educação, de maneira que foram eles que me educaram. Nunca poderei esquecer a sua

memoria e só tenho penã de que tivessem morrido sem lhes poder agradecer quanto fizeram por mim!... O que sou, muito ou pouco, só o devo á coragem heroica da minha avó e depois, aos meus santos padrinhos.

—Coitados!... Eram os meus primos Leites, em que a minha mãe falava sempre com imensa ternura; foi ela que lhes descobriu e recomendou a tua avó como pessoa de confiança, porque eram dois velhotes que não tinham familia e estavam sem ninguem que os tratasse. Quantas vezes lho ouvi contar!... Que alegria me faz que sejas tu o afilhado de quem falavam com tanto entusiasmo!...

—E eu estou encantado porque nos reconhecemos assim amigos velhos!... Quer dizer, que é ainda aos teus que devo quanto poude ser!... —E beijava-lhe as mãos com transporte.

—E eu sinto-me feliz porque já sei que foste o meu sonho de criança—e continuou, sorrindo docemente — porque nós, as raparigas de provincia somos muito ingenuas e idealistas. Todas sonhamos o nosso romance... Tu foste o meu romance escondido no fundo, bem no intimo do pensamento... Quando contavam como tu eras considerado um bom estudante e ouvia dizer: «que ainda havias de ser alguem», pensava que não te esquecerias nunca de mim, que um dia, homem celebre, me irias buscar... Um romance á Julio Diniz, estás vendo!...

—E eu, bruto, não pensei mais em ti, minha flor!

—Depois tambem eu te perdi de vista... tambem eu me esqueci.

—Agora é que me recordo de que eras linda e graciosa em pequenina! É que tu nem podes compreender o que seja a luta dos que teem de conquistar sósinhos, um lugar na vida! É brutal, dura e egoista!... Até o coração se torna de pedra e o sentimento não o anima. Tornamo-nos uns brutos!...

—Em ti não succedeu isso, porque eu bem sei que sob esse teu ar superior de indiferença a tua alma é ingenua e linda como era dantes!... Mas conta-me: E a tua avó? Gostava de a conhecer. Quando escrever hei-de contar este verdadeiro romance á minha mãe. Vai gostar imenso de ter noticias dela porque falava sempre da sua corajosa honestidade com muito interesse.

—A avó morreu no ano em que saí medico— respondeu com uma grande nuvem de tristeza a velar-lhe o rosto—tive tanta pena! Era a minha unica familia! Nem ao menos teve a consolação de ver o seu *doutor* (como ella dizia) já formado!...

Melancolicamente, depois dum momento de silencio, Luísa perguntou:

—Pensas muitas vezes em tua mãe?...

Estremecendo com violencia o medico respondeu:

—Ah, se pensol Com horror! com odio á sociedade que a matou, a essa criança apodrecida que a envenenou!... Á mãe egoista que para salvar um ser inutil me deixou orfão.

—Não lhe tenhas odio!...—murmurou com piedade.—É que ella não sabia o mal que inconscientemente podia fazer... e era mãe!...

—Parece que a conheces!...

—Infelizmente!... É a mãe de meu marido.

—Ah, Luísa!... Foi por causa dele, que...

—Não, não!—atalhou aflita.—Seria horrível, o pai de meus filhos! Ele é mais velho. Era um irmão que morreu também!...

—De ti e dos teus, Luísa, todo o bem me veio, deles só o mal, o mal horrível!...—murmurou estertorosamente, num desespero contido e violento.

—É uma raça maldita! Desgraçada dela, da pobre mãe! Se soubesses o que no fundo ha de horrível nessas vidas que se apresentam tão orgulhosas!...

—O que eu quero é conhecer o que ha na tua!... Conta-me tudo, quero saber esse passado que pelo seu misterio é o meu maior tormento.

Levantando-se de novo, numa grande excitação nervosa, deu alguns passos no gabinete e voltando continuou, numa voz imperiosa, quasi junto de Luísa que o olhava ânsiada:

—Quero, quero saber tudo!... Já não suporto mais esta situação vergonhosa e indigna! O que sou eu para ti, Luísa?!...

—Mas... o homem que amo, a unica pessoa que me ampara na esperança de viver para o futuro!...

—Honesto como és, e como eu te amo e como quero que sejas, não podes ser a minha amante na casa de teu marido!...

—Ah, isso não!... Preferia mil mortes.

—E no entanto, não é possível continuarmos a viver assim. É uma situação vergonhosa para mim e para ti. A nossa honestidade não nos garante aos olhos do mundo...

— Garante-nos perante a nossa consciencia.

— Mas não é possível continuar assim! Deixa-me repetir!... Sejamos francos, sejamos leais para com as nossas proprias almas. Ha um ano que vivemos na esperança duma lei que desculpe a tua covardia social.

— A minha covardia?!... — murmurou Luísa amarguradamente. — Pois tu não vês que se eu fosse só arrostando, corajosamente com tudo e assumia a responsabilidade dos meus actos, fiada na justiça da minha consciencia!... Mas tu não comprehendes que não tenho direito de o fazer pelos outros e é pelos outros que soffro este horror de resistir a mim propria, ao meu coração, ao meu desejo?!...

— E não terás coragem de venceres esses outros, que são o vago impessoal, por mim, por ti e até pelos teus proprios filhos, que tens o dever de salvar do contagio moral que os rodeia?!...

— Os meus filhos!... Mas tu não vês que todos os que amo soffreriam do meu gesto de revolta... exactamente por eles, pelas crianças sem culpa, que seriam as verdadeiras vitimas sociais da nossa culpa?!...

— No primeiro momento talvez, depois comprehenderiam o bem que fazias aos teus filhos purificando-os para a vida num ambiente duma alta moralidade. É o direito da mãe, proteger a alma dos seus filhos...

— A sociedade não o julgaria assim e quando entrassem nela soffreriam duplamente...

— E nós não soffremos? Queres poupar os outros sacrificando-nos?!

— Nós temos a força que nos dá a consciencia do nosso proprio sacrificio... Os outros sofreriam sem compensação nenhuma...

A pouco e pouco a luz esmorecia dentro da sala. Fóra, a ultima claridade do dia confundia-se com o luar, que punha no jardim grandes manchas de sombra atravez da ramaria das arvores. Por momentos as vozes das crianças deixaram de ouvir-se e naquele religioso silencio que os apartava da vida, Manuel, já senhor de si, uma grande calma na voz comovida, disse-lhe:—Ouve, Luísa! Respeito a tua lealdade aos principios e aos compromissos que não tens coragem de quebrar, embora os outros os não tenham respeitado. Respeito os teus escrupulos, porque são teus, porque são da tua propria alma, que adoro pela sua sensibilidade e pela sua lealdade, mas não me fales nos outros, nem faças dos preconceitos sociais uma lei... porque esses desprezo-os profundamente. Sou medico e os medicos, Luísa, estudando indiferentemente a vida e a morte acostumam-se a desprezar igualmente uma e outra e só respeitam a Natureza soberana, com os seus direitos fatais e iniludiveis.

A pouco e pouco a sua voz tornava-se mais persuasiva, mais aquecida no fogo duma paixão que trasbordava das suas proprias palavras, atraindo Luísa, que enlevada se levantara tambem:

— Eu que nunca soube o que era o amor, porque ao apertar uma mulher nos braços apenas encontrava a materia inconsciente, a carne sem espirito, o corpo sem alma, como um cadaver que se levantasse da mēsa anatomica... Por ti, minha adorada, é outra coi-

sa! Amo-te com o extase dum crente, com o respeito dum irmão, com a admiração dum inferior... Amo-te com tudo quanto na minha alma se conservou intacto na tua pureza, amo-te espirito feito carne, materia espiritualizada pela intelligencia...

—É por esse teu amor tão grande que ainda mais te amo... —dizia Luísa baixo, esforçando-se por mostrar uma serenidade que era trahida pelo nervosismo dos seus gestos e das proprias palavras. —Deixa-me procurar a libertação para te dar a minha vida sem escrupulos.

—Quando, quando?!...

—Juro que serei tua quando na minha consciencia me julgar livre, se não conseguir que a lei me proteja!...

—Obrigado, Luísa! Creio em ti! E não te peço mais nada! Serás daqui para o futuro o unico arbitro das nossas existencias. Dar-me-has a felicidade completa quando quizeres... Mas has-de da-la, não é verdade?!...

—A felicidade já nós a temos neste affecto que nos alheia da vida.

—Não é bastante... A vida exige mais, meu amor!...

E naturalmente envoltos pela claridade branca do luar, ele puxou-a docemente para si e os seus beijos trocaram-se pela primeira vez, quasi religiosamente.

II

As crianças algazarravam fóra chamando a mãe, tendo encontrado na visita de Marta de Menezes, que entrara com Leonor da Fonseca e a filhita, Julinha, o pretexto para uma grande expansão de alegria.

Desprendendo-se dos braços que a cingiam docemente, Luísa deu volta ao comutador electrico inundando a sala com a luz branca cahindo do tecto atravez da porcelana coalhada das lampadas e respondeu ao apêlo, chamãndo para a salinha da sua preferencia as amigas e as crianças que as annunciavam.

E sorrindo para Manuel:

—Éstavamos ás escuras sein ter dado por isso!...

—É verdade! É que nunca senti tanta luz na minha alma...

A entrada das senhoras não a deixou responder, mas toda a sua intima felicidade irradiava na alegria efusiva com que as recebeu.

Marta de Menezes, duma elegancia sobria e equilibrada, não parecendo mais nova nem mais velha do que realmente era, tinha o ar insinuante das intelligencias que se impõem por uma obra realisada.

Leonor, na sua mocidade exuberante, muito fresca, muito entusiasta e comprehensiva na curiosidade intelligente que punha em tudo, fazia da com-

panhia de Marta o prazer mais intelectual da sua vida. Sem serem amigas íntimas, no sentido da camaradagem de idade e de situação social, as suas relações apertavam-se dia a dia, com uma ternura, que da parte de Leonor era um refugio onde o seu coração orfanado sentia um carinho e um amparo moral que a amiga lhe não regateava, cheia de simpatia benevolente pela coragem intelectual que punha na existencia.

Na confusão alegre dos cumprimentos as crianças continuavam na insistencia dos pedidos que vinham fazendo:

— Senhora D. Marta, deixe cá a Julinha para amanhã, logo pela manhã dar os parabens ao Carlos... — dizia Joaninha muito séria, com o ar de pequena boneca senhoril que lhe dava o seu caracter reservado e aparentemente timido.

— Pois claro, das festas as vesperas... Vcem amanhã cedo, descansem. Ainda os há-de encontrar na cama.

— A mim não — gritava o Carlinhos exuberante, aos pulos deante da pequena — a mim não, que nem hoje me deito para acordar cedo.

— É remedio radical — sorria Luísa. — Mas que loucura esta! Nem ainda viram quem ali está!...

Ao descobrirem o medico, as crianças correram para ele, sendo Carlinhos o primeiro que lhe saltou ao pescoço:

— Estava cá e não dizia nada á gente, grande mau!

— É muito ingrato, este doutor — sentenciou Joaninha.

— Ai, isso não! É muito bom — acudiu Julinha, que tinha a graça infantil duma sincera ingenuidade.

— Vejam a injustiça destes meninos — comentava o Dr. Manuel Faria a rir, sob a catadupa de beijos do pequeno e acariciando as meninas que juntava no mesmo abraço: — Não os quiz interromper nas suas brincadeiras; fico á espera que Ss. Ex.^{as} se resolvam a recolher a casa e por cima ainda me chamam ingrato!... Qual era o medico que faria isto, digam lá?!...

Saltando do seu colo e correndo para os braços da mãe, que se sentara conversando com as senhoras, o Carlinhos respondeu:

— Não to agradeço, não!... A conversar com esta mãesinha, que sabe historias tão lindas, o tempo corre sem a gente dar por isso.

— Meu Deus!... Este menino não tem juizo — ralhava a mãe docemente, córando, um pouco enleada.

— A's vezes não tem juizo, mas agora acertou, não acha doutor? — sorriu Leonor, benevola.

— E' certo! A verdade está na boca das crianças — respondeu o medico.

— Nem sempre!... — sentenciou Joaninha. — Este Carlos diz cada mentira!...

— Diz, diz!... — ria Julinha ingenuamente. — Ainda o outro dia a querer que o chamassemos D. Carlos de Vasconcelos de Mascarenhas e Melo... E a dizer que era o nome dele!... E que podia ser conde no dia em que quizesse.

— E posso! — respondeu o pequeno, indignado perante o riso das meninas. — Isso não é mentira. Foi a avó

que me disse que me chamava assim e quando fosse grande todos me haviam de chamar D. Carlos e havia de ter uma espada como os avós!... E se quizesse podia ser conde.

—D. Carlos, D. Carlos II, naturalmente! —ria Juliinha.

—D. Carlos de Alem-mar... —sorria desdenhosa, com o seu arsinho mulheril a irmã.

A discussão iria embrenhar-se em luta sem a intervenção do medico e de Leonor que os distrafram.

Entre-olhando-se, Marta perguntou a Luísa: —E' verdade o que diz o pequeno?

—É! Foi um dia jantar a casa da avó e veio com a cabeça cheia de ideias que lá lhe meteram...

—Não o devias deixar ir só; é uma criança muito viva e precoce e podem dizer-lhe coisas inconvenientes.

—Não posso evitá-lo! Seria uma crueldade para que não tenho coragem. A avó é doida por ele! E' o seu orgulho e a sua unica esperança na continuidade da familia, que é a sua religião... mais do que a catolica, que pratica com o ritual da indiferença...

—E' capaz de lhe ensinar um dia a não te respeitar, a não ser teu amigo...

—Isso não! Primeiro porque o seu coraçãozinho me é fiel, depois... porque a minha sogra não me tem odio, antes pelo contrario!... Tenho a certeza que se não fosse mãe de meu marido, seria muito minha amiga e a primeira a justificar a minha revolta; assim não se julga nesse direito...

—Em todo o caso... eu não o deixava ir sem mim.

— Vou lá poucas vezes, como comprehendes!... Entre mim e ela está o odio que me separa do filho... E por outro lado tenho escrupulo de lhe roubar completamente o prazer de ver o neto, que é o seu orgulho como herdeiro do nome da familia...—concluiu com um sorriso de magoada ironia.

— Oxalá seja só do nome e não das qualidades!... E á pequena não diz nada?...

— Dessa não se importa que vá ou que deixe de ir.

— Pudera! A Joanninha és tu, toda inteira. Quando a vejo parece-me que te estou a ver quando nos conhecemos na Figueira...

— Ha quantos anos isso lá vai!... Até parece que são coisas que se não passaram comigo!...

As crianças que não largavam o medico, diziam-lhe, querendo arrasta-lo para fóra da sala:

— Venha, venha, ande!...

— Temos um cinema-bébé que a mamã comprou e eu arranjei um cinematografo na casa da costura; amanhã é a inauguração publica. Está belo! — dizia o Carlinhos.

— Eu já vou ter com vocês — condescendia o medico — vão acendendo as luzes e arrumando as cadeiras. Em tendo a sessão preparada chamem-me...

— Vão brincar os três e não macem o seu amigo, assim todos perdem o gosto de merecer a vossa amizade... — ralhou Luísa. — Tenham cautela com as brincadeiras, e tu, Carlos, que já és um homem, não arrelies a Julinha.

— Eu cá estou para olhar por ela — respondeu a Joanninha pegando na mão da pequena de quem o

irmão gostava muito, mas exigindo a mais completa submissão, no seu instintivo orgulho de homem.

— A Joanhinha- até nisso se parece contigo, que eras a protectora de todos os fracos. Lembras-te?...

— sorriu Marta.

— Eu vou com eles, fiquem descansadas— ofereceu Leonor, que se divertia francamente na companhia das crianças.

Mal saíram, Manuel perguntou a Marta, na ânsia que o tomara de viver o passado da mulher amada:

— Conhecem-se de crianças, não é verdade?...

— Eu tinha oito anos e a Luísa dez. Não calcula como era engraçada, com um arzinho de mulher pequena protegendo-me contra a trupe endiabrada dos rapazes...

— E tu, que eras brava como um animalzinho selvagem, ao mesmo tempo tinhas um mimo que ninguém te podia tocar com um dêdo!... — Comentou Luísa a rir.

— Pudera! Uma filha unica depois de cinco rapazes!... Os meus pais tinham medo que o vento me levasse.

— E V. Ex.^a abusava da situação, pelo que vejo!...

— Talvez abusasse um pouco, mas em verdade os rapazes eram diabolicos... — respondeu Luísa a rir.

— Eu não tenho razão de queixa, comigo foste sempre muito condescendente.

— Porque era tua amiga e sentia que tu eras tambem minha amiga. Ser condescendente com aqueles que nos amam não é virtude...

— É até um prazer — concluiu o medico..

— Tu foste sempre uma criatura feliz. Não calcula, doutor!... Criada com uns mimos que estragariam outras, lisongeada, estimada, escutada... já em solteira era uma personagem importante, com opiniões e rebeldias...

— Ao contrario de ti, que foste sempre timida, e só á custa das vergastadas da sorte é que te revoltas...

— Mas quando a minha revolta chega, é definitiva e não ha quem me faça desistir.

— Cabeçuda, teimosinha... isso sim, foste sempre. Já em pequena, em amarrando para um lado, não havia volta a dar-te...

— Depois mudei muito... Foi naquela época em que não convivemos tanto, lembras-te? Nem sei porquê, mas houve um tempo em que estivemos muito afastadas!

— Porque uma temporada nós estivemos em Lisboa e depois acompanhamos meu pai aos Açores, onde foi Governador Civil...

— Emfim, foi nesse tempo que deixamos de nos ver que comecei a ouvir contar as tuas respostas, a repetir os teus ditos de espirito e pelo que me diziam cheguei a irritar-me e a temer encontrar-te com receio de estragar as recordações carinhosas que me tinha deixado a nossa amizade de infancia.

— É boa!... Nunca me tinhas contado isso!... — comentou Marta a rir. — Então aos teus olhos era quasi um monstro!...

— Cheguei a ter receio de ti como de uma pessoa extraordinaria, capaz das maiores estravagancias... E ao mesmo tempo, no intimo, sentia-me orgulhosa

quando confessava que tinhas sido tu a minha unica e verdadeira amiga de infancia, tu, uma rapariga tão rara, tão diferente das outras, tão discutida e respeitada!...

— Era já o seu character que se revelava... A alma a tentar libertar-se e a lutar contra os preconceitos que a prendiam e a educação que a ligava ao passado... — comentou o medico.

— Ah, inas é que o doutor não pode calcular as extravagancias que se contavam da Marta, mantendo numa surpresa contínua o práchismo preconceituoso da provincia!...

— Imagino!... E só a ideia me faz rir.

— Extravagancias?!... Não exageres, Lufsa! Eram coisas que nesse tempo e nesse meio poderiam chamar audacias mas que hoje toda a gente faz.

— Mesmo hoje não as fariam a maior parte das raparigas, sem que tivessem uma fama desgraçada. E tu fazias tudo com um ar tão natural que todos aceitavam em ti o que ás outras não era permitido.

— Seriamente, Lufsa, eu não sei o que eram essas extravagancias que me criavam uma fama que desconhecia — dizia Marta rindo.

— Andavas só, num tempo em que uma senhora de estimação não punha os pés na rua sem guarda... Ainda que fosse uma criadinha de poucos anos...

— Andava só!... Pobre de mim! Quem te ouvisse julgava que andava, como hoje se anda, sósinha por toda a parte. Afinal ia de casa para casa dentro da vila e pela quinta sahia ao campo com o meu cão da Estrela...

— Já não era pequena audacia. Depois passeavas a cavalo com os teus irmãos, guiavas um carro e... sobre tudo, nas reuniões em que os sexos estavam em salas diferentes, separados como nas igrejas pela teia, deixavas as senhoras a falar das modas, das receitas e das criadas e ias conversar com eles... E as mulheres resmungavam mas não tinham ciumes.

— Ah, mas nisso é preciso distinguir... conversava com os velhotes que eram mais interessantes; porque entendiam de assuntos de que me podiam vir alguns conhecimentos uteis...

— E as velhas não se zangavam...

— Era o que faltava!... Teria morrido a rir.

— Mas com a tua prima não sucedia o mesmo, bem sabes!...

— É que a minha prima tinha uma função especial na existencia, que era ser linda e fazer-se admirar. Eu não. O que sempre pretendi foi viver a minha propria vida, alargando quanto possivel a area que a sociedade nos dera por homenagem.

— Mas não fazias só isso; lias imenso e falavas dos livros que lias, num tempo em que nós escondiamos cuidadosamente a paixão pela leitura, como se fosse um pecado... Toda a gente considerava um roubo feito aos deveres domesticos o tempo gasto na leitura; e uma rapariga que falasse em literatura era alcunhada de donzela Teodora, sabichona, preciosa ridicula... Sei lá! .. Outra que fizesse o que tu fazias, francamente, ficaria mal vista e perderia toda a probabilidade de casar...

— Mas, como vê, doutor, o libelo acusatorio não

descobre nenhum crime e sómente mostra a vantagem da franqueza, que é uma força que, ás vezes, consegue fazer triunfar melhor do que a hipocrisia.

—É o que eu digo—apoiou intencionalmente o medico.

—Quasi nunca assim succede, infelizmente!...—acudiu Lufsa —Mas por excepção esta querida Marta teve tanta e tão justa sorte, que até encontrou o ideal dos maridos.

—Não tenhas duvida! E toda a minha felicidade no casamento vem dele, da sua intelligencia, da sua bondade, e, sobre tudo, da coherencia das suas ideias com as suas acções, que é uma coisa rara nos homens...

—O que tem graça é que ele diz o mesmo de ti e proclama que a felicidade da vossa união vem das tuas qualidades...

—Somos dois companheiros, dois amigos, dois aliados para a vida e para a morte...

—Esse é que é o verdadeiro sentido do casamento.—Apoiou o medico.

—E no meio de tudo o que me faz olhar-te com admiração, Marta, é que, tendo tu conseguido realizar na vida essa felicidade rarissima, tens a generosidade de dedicares o teu tempo, a tua intelligencia e energia combativa á defeza dos infelizes.

—É por isso mesmo! A desgraça é que nos torna egoistas e não a felicidade verdadeira, a que vem de dentro, da harmonia da nossa propria alma com a vida; que essa torna-nos expansivos e compreensivos...

As crianças vindo em correria chamar o medico, interromperam a conversa. E levaram-nos numa grande camaradagem alegre, annunciando: que a Sr.^a D. Leonor puzera o cinematografo a funcionar e estava uma coisa linda.

— É um homem encantador este Manuel. Basta o amor que as crianças lhe teem para provar a sua intelligente bondade.

— E, vê tu, Marta!... Até ele que é tão bom, me faz sofrer!

— Naturalmente por culpa tua, ia jura-lo!

— Talvez! Mas que queres?! É superior ás minhas forças o fazer-lhe a vontade, tomando uma resolução imediata e definitiva...

— É muito grave!

— É o que eu lhe digo. Não tenho o direito de o fazer! Não achas, Marta?!

— Nestas coisas não ha conselhos possiveis. Tu é que deves pensar e ponderar bem todos os lados da questão e depois, ou resolves para um lado ou pões de parte o assunto.

— E quem sabe se o melhor não será sempre pôr os assuntos de parte, deixando ao tempo o encargo de os resolver?!

— É o expediente de muitos que não teem coragem nem forças para dirigir o seu proprio destino. Por mim prefiro a revolução no golpe necessario para orientar os acontecimentos, e deixo á evolução o encargo de amaciar as arestas e normalisar os sobressaltos que os repelões de energia levantam sempre.

—Quem me dera ter a força das tuas convicções, a energia do teu caracter!—murmurou Luísa com desespero.

—Concentra energicamente a tua vontade e revive hora a hora as tuas amarguras, os teus vexames, as tuas dôres... Gera em ti propria a revolta contra a injustiça alheia e criarás a força que te falta.

—Intimamente sinto tudo isso... o que me falta é a coragem para dar fórma exterior aos meus sentimentos:

—E no entanto, se te não defendes, atacando imediatamente a questão juridica, como te disse o Henrique, corres o risco de seres privada de todos os meios de defeza, inclusivamente da tutoria e guarda dos teus filhos!...

—Não me digas isso, Marta!...

—Para to dizer é que vim. É necessario que fales com o Henrique, porque para requerer a separação de pessoas e bens, como queres, parece-me que não ha motivo legal. Poderás tentar dá-lo por pródigo e tirar-lhe a administração do casal...

—Isso não me interessa. A administração dos bens não me importa, se tiver de continuar ligada a ele. O que eu quero é a separação legal, para ficarmos dois estranhos...

—Em todo o caso requerer a interdição dele era já um passo para a separação... que te não liberta, como sabes! Serás sempre a sua mulher e nunca ele deixará de ser o pai de teus filhos, que em qualquer altura pode arrancar ao teu convívio, desde que os juizes lhe dêem razão... E tu bem sabes que os

juiſes ſão homens e eſtes teem uma ſolidariedade que nós não temos umas com as outras...

— Isso não é poſſivel... E o meu direito de mãe?!...

— É um direito tão fragil que um nada o pode alienar...

— Um nada?!...— comentou Luíſa com um vago e triste ſorriso.

— Pensa bem, Luíſa, o codigo dá ao marido a administração de todos os bens do casal, ſem excepção mesmo dos teus proprios. E ſe houver ſeparação com fundamento de adulterio pela mulher, ele continuará a ſer ſempre o administrador do casal, recebendo a mulher apenas uma meſada correspondente á ſua meação...

— Já te diſſe que os bens não me interessam, o que eu quero é ſer livre e ter os meus filhos...

— Isso é romantismo. É neceſſario veres as coisas como elas ſão e pensaſes como pensa uma mulher do noſſo tempo. Pois ſe o teu marido arruinar a fortuna, que de reſto é tambem tua, o que haſde fazer na vida e como poderás criar e educar os teus filhos? Olha que a lei dá ao marido o direito de, incluſivamente, alienar o mobiliario da caſa...

— Isso é que não consentirei porque eſtas coisas ſão mais minhas do que dele; quaſi tudo foi eſcolhido por mim, fui eu que as diſpuz, teem vivido no meu ambiente, fazem parte da minha vida... A caſa pertence mais á mulher do que ao homem; eſſa lei é iniqua e vexatoria... Nunca darei o meu consentimento para alienar as minhas coisas!...

—Para dispor dos bens moveis não necessita do teu consentimento. Depois do mal feito protestarias, mas esses protestos são sempre platonicos; nunca mais se resolvem...

—Se ele me tirar tudo, nem assim me deixarei vencer!... Trabalharei e ganharei para sustentar os meus filhos.

—Não tenhas ilusões, minha pobre Luísa!... O trabalho das mulheres não vale nada senão quando estamos preparadas para desempenhar as profissões que os homens reservaram para si...

—Mas o que heide eu fazer, Marta?! Orienta-me neste inferno, neste desespero de vida horrivel!...

—Tu não tens motivo para requerer a separação judicial, segundo diz o Henrique, que me entregou esta nota para te dar. Ora ouve:—tirando da carteira um pequeno papel, Marta leu—Artigo 1.204—Podem ser causa legitima da separação de pessoas e bens: § 1.º o adultério da mulher... Em qualquer circumstancia—comentou.

2.º O adultério do marido com escandalo publico ou completo desamparo da mulher, ou concubina teúda e manteúda no domicilio conjugal.

3.º Tens qualquer destes motivos?

—Não. Esses horrores não tenho, nem os quere-ria alegar.

—Então?!

—As razões que tenho já as dei ao Henrique. O Antonio passa uma vida desregrada com os seus amigos e companheiros, ao que me dizem, que isso não me interessa... Aparece em casa a cair de bebedo,

é jogador, arruinando-se de dia para dia... não tenho provas nenhuma, nem as procurei nunca, de adultério com escandalo... Mas de tudo o que considero o motivo maximo do divorcio são as doenças contagiosas de que sofre, o perigo fisico e moral que é para os filhos o vivermos juntos.

— Nada disso é motivo para separação!... E só pode servir para requereres a sua interdição na administração dos bens.

— Não digas isso, Marta! Então que leis são essas que não dão á mãe o direito moral de proteger, de salvar os seus filhos?!...

— São as que ha, minha pobre Luísa. Não temos outras! — E com uma voz energica, que se impunha á amiga: — É urgente que hoje mesmo fales com o Henrique e lhe dês a tua procuração, porque teu marido pode fazer-te uma surpresa desagradavel.

— Ai, meu Deus!... — gemeu ela. — Então não ha esperança de que venha a lei do divorcio simplificar a questão, sem maior escandalo?!...

— Pobre Luísa! A lei é uma aspiração e uma esperança para muita gente... mas não creio que venha sem um grande desmoronamento social que corresponda ao tal gesto necessario de que te falei... Estas coisas muito faceis em palavras quando se faz propaganda, são difficilimas em realisação porque vão de encontro a muitos interesses criados... Mas se tu, como mulher, podes esperar, como mãe não o deves fazer.

— Meu Deus, meu Deus, o que se poderá fazer se não ha leis que nos protejam?!...

— As leis fizeram-se para os fracos, Lufsa! Quem as sabe manejar sempre pode encontrar nelas um elemento de defeza... O Henrique entende que tu deves começar por atacar, defendendo o teu direito de mãe, depois se verá sobre o direito de mulher...

— Vocês desculpem—entrou dizendo Maria Valente—encontrei a porta aberta e fui-me guiando por esta luz, como nos contos de fadas...

— A porta estava aberta?—preguntou Lufsa sobressaltada, levantando-se para a cumprimentar.

— Encontrei-a aberta... Mas já ficou fechada. Era a criada que conversava no vestibulo com alguém que se escondeu...

— A de fóra?

— Isso não sei. Era uma alta...

— Era a Sabina—disse Marta a meia voz.—Tem cautela, Lufsa.

— Nada se faz de bom de certa gente, é horrível! Tenho a sensação de estar rodeada de perigos... e de traições!...

Sem reparar na preocupação que as suas informações causaram ás duas senhoras, Maria Valente, alta, angulosa, sem beleza e sem graça feminina nas maneiras, pouco se preocupando com a elegancia exterior do seu trajo modesto e duma simplicidade máscula, disse para Lufsa:

— Esta visita não é para si, não ma agradeça!...

— Está bem, estimo-a e não lha agradecerei—respondeu sorrindo amavelmente.

— É que fui a sua casa, D. Marta, e lá é que me disseram que estava aqui.

— Tinha algum assunto urgente?!...

— Venho oferecer-me para prestar o meu concurso á propaganda pela lei do divorcio...

— Serio?... mas você ainda ha dois dias me afirmava que o assunto não lhe interessava.

— Sim, porque em teoria eu defendo a união livre.

— Já lhe expuz o outro dia os perigos que tem essas ideias postas em pratica.

— A união livre de duas pessoas, ligadas para sempre pelo amor, é o ideal magnifico dos seres conscientes!...

— Se não houvesse filhos, vá! Individualmente, cada um é senhor de si, mas ninguem pode nem deve colocar os filhos na contingencia duma inferioridade moral... Você não sabe que de mil pessoas há uma que é capaz de cumprir o seu dever sem ser forçado pelas leis, pelos costumes e pela autoridade?!...

— Você julga muito mal da humanidade!... Também não é assim!... Uma mulher libertada deve ter mais confiança em si propria, dispensa a protecção das leis!

— Você nem calcula o mal que essas ideias extremistas fazem á causa feminina, num país como o nosso em que a enorme maioria, para não dizer a quási totalidade, não tem independencia economica nem coragem moral para enfrentar as leis e os costumes!...

— Façam como eu, trabalhem para conquistar a libertação...

— Você cuida que a sua vida tão difficil e tão mal-sinada não aterra a maior parte das mulheres?!... Em lugar de as animar tira-lhes a coragem.

— Pois!... O que elas querem é terem o arrimo do homem.

— É natural, numa raça em que eles são fundamentalmente polígamos...

— Santo Deus!... Como a vida é triste e má!... — comentou Luísa.

— Mas como não temos outra, minha filha, em vez de nos lamentarmos tratemos de a melhorar.

— Está bem, você tem sempre razão e eu já concordo... Também não admira, eu deixo-me levar pelo sentimento e você pelo raciocínio...

— É menos brilhante, mas é mais solido. Pois bem, eu registro o seu oferecimento e depois combinarei com o Henrique o trabalho que se lhe confiará na propaganda.

— O que quizer! Agora sigo este rumo e vou com todas as forças e toda a sinceridade. Como você sabe o meu feitio, escuso de dizer mais. Tenho toda a confiança em seu marido, que tem sido um propagandista incansável...

— É admirável! Sem ele o que seria esta questão, mal conduzida pela maior parte dos defensores, que só veem nela os seus interesses directos?!... — comentou Luísa.

— O Henrique tomou o assunto a peito, sem outro movel que não seja a sua consciencia juridica e social. Como advogado, que conhece os dramas a que conduz, por vezes, a indissolubilidade...

— Pois eu, minha querida amiga, até aqui não me tenho interessado pela questão porque achava que quem quere libertar-se sempre se liberta e que só é

tolo quem se deixa prender pelas leis, mas ha um tempo a esta parte teem chegado até mim dramas tais, que na verdade vinha hoje disposta a dar-lhe as mãos á palmatoria. Em primeiro lugar as que preferem a união livre são abandonadas sem garantia nenhuma e os filhos sofrem...

—E mais tarde queixam-se porque são colocados na sociedade em condições de inferioridade muito desfavoraveis, em face dos legitimos.

—Embora no nosso país não haja um grande escrupulo em admitir os filhos naturais, teem a seu desfavor o estarem sempre na contingencia de ter que defender e julgar os actos dos pais e especialmente das mães, tirando-lhes todo o prestigio que as divisa...

—É a teoria catolica de que pagam os inocentes a falta dos culpados...

—Isso é que é uma injustiça insuportavel!... O que teem os pobres filhos que se responsabilizar pelos actos dos pais?!...—Protestou Luísa com indignação.

—Então que queres? Tambem gosam do beneficio das suas boas acções...

—Assim os pais tivessem os olhos no futuro dos filhos!... Mas não teem! Cada qual só quiere saber do egoismo da hora presente!

—Você hoje vem cheia de amarga filosofia; bom é que ponha essa indignação ao serviço da propaganda, Maria Valente.

—Se lhe parece!... Hoje, logo de manhã, procurou-me uma pobre mulher para me pedir auxilio

moral contra o marido, de quem se separa. Tinha o corpo cheio de nodoas negras, e como sahiu de casa com um filhito que tem, ele foi-lho hoje buscar com a policia para o entregar á mãe... a pretexto de que ela se porta mal e não ganha para sustentar a criança.

—E a sogra queria?

—Parece que ela mesma arranjou todo este sari-lho, porque quiere que a criança use o nome do pai. Mas o que é mais interessante é que a rapariga nunca deixou de trabalhar e de ganhar dinheiro, sendo ela que sustentava a casa nas ocasiões frequentes em que ele não tinha trabalho.

—E agora? O que hade essa mulher fazer?... — Preguntava Lulsa aterrada.

—Hade separar-se judicialmente porque sempre é uma garantia, emquanto não ha coisa melhor. Assim não tem nada a fazer, porque de facto os filhos pertencem ao pai emquanto judicialmente não se resolve o contrario, com provas, que façam os juises preferir as mães.

—A felicidade da mãe e dos filhos fica nas mãos dos juises... que são homens.

—Sempre é um pouco mais de garantia do que o não estarem sob a vigilancia de ninguem, sujeita aos caprichos dos pais!... O Henrique tem uma questão ainda peor do que essa. Uma pobre rapariga viuva que se apaixonou por um homem casado, que vive ha imenso tempo separado da mulher. Pois o pai dela tirou-lhe os filhos com o fundamento de inconduta moral. É claro que este é o fundamento

45

mas a verdade é que ele deseja continuar a ser o administrador dos bens dos netos, que são bastante ricos. Porque, no fim de contas, no fundo de quasi todas estas questões de familia, ha o interesse material...

—Que coisas horriveis ha na vida!... —suspirou Luísa.

—É necessario estarmos sempre armados para a defesa —concluiu Marta.—Mais vale atacar do que ser atacado, para não dar tempo aos outros de escolher as armas e as melhores posições na luta.

—Você tem razão! Se a rapariga em vez de fugir de casa tivesse chamado testemunhas e apelado para a justiça, já não lhe tiravam o filho —disse a jornalista.—Este caso vai ser o tēma do meu primeiro artigo de propaganda.

—Quanta desgraça pelo mundo, santo Deus!... Que horror os homens fizeram da vida!... —murmurou Luísa.

—Quando as sociedades chegam ao ponto de não ter compensações moraes, nem a força duma fé que imponha sacrificios, são necessarias as leis para harmonizar os conflitos que se dão, como sempre se deram, mas que tomam um aspecto que não se harmonisa com as ideias geraes, porque estas já saltaram para fora da lei.

—Você acha que a questão do divorcio...

—É um remedio para solucionar muitos casos que sem ela são inuteis tragedias sem beleza... Desde que a indissolubilidade não é uma questão de consciencia religiosa é sim um preconceito legal, é ne-

cessario harmonisar a lei com os novos costumes e dar um novo aspecto ao preconceito social.

— Porque hade ser a vida uma tão grande tragedia se, afinal, só os homens a complicam com as suas mentiras?!...

— Quem sabe se é exactamente por ser assim que a estimamos, Luísa?!...

— Pois bem, fiquem-se vocês a filosofar sobre a questão, que eu vou-me embora!... — disse Maria Valente.

— Ainda é cedo!...

— Não é, não!... Tenho que passar pelo jornal para rever as provas e depois ir para casa, que o meu filho espera-me para lhe ler uma historia antes de se deitar.

— E porque não o trouxe? Os pequenos gostam muito de o cá ter.

— Tambem ele está sempre a pular para vir ver o Carlinhos, mas hoje, como lhe disse, a visita não era para si. Foi em casa da D. Marta que me disseram que a encontrava aqui e por isso vim cá bater. Amanhã é que já lhe prometi vir dar os parabens ao Carlinhos...

— Então mande-o para jantarem juntos. Gostam imenso dessa festa.

— Está dito! Adeus, D. Luísa...

— Para onde vai com essa pressa?... — Entrou dizendo Henrique de Castro. — E' por eu entrar?!

— Não senhor, como vê já estava á porta...

— Tenho muito que lhe dizer...

— Amanhã, amanhã! .. Vou ao jornal, que já é tarde.

—Serio? Então faça favor de rever a reportagem da minha conferencia de hontem, porque assim poderei deixar de lá ir!...

—Está dito, adeus! Não se incomode, D. Luísa...
—dizia para a dona da casa, que apesar disso o acompanhou fóra da sala.

—E então, Marta, o que ha?—preguntou Henrique cumprimentando carinhosamente a mulher.

—Pobre Luísa! Está numa crise terrivel, nem sabe o que quer nem o que hade fazer. Só tem confiança em ti...

Voltando para a sala, Luísa veio junto do advogado e apertando-lhe a mão, nervosamente, disse-lhe:

—Estou resolvida a tudo para defender o meu direito de mae. Quero libertar os meus filhos da tutela dum homem que não sabe ser pai!... Henrique, proteja-me, salve-me, porque eu sinto que me encobrem qualquer coisa, que ha um perigo que me rodeia e aperta e me leva... nem eu sei para onde!

—Socegue, Luísa! Efectivamente é necessario defender-se, mas havemos de triunfar, descanse!...

—A mim, pessoalmente, podem atacar-me, martirizarem-me, fazerem o que quizerem. Mas que respeitem o meu coração de mãe, aliás sou capaz de todas as violencias.—Sem poder resistir desatou a soluçar, aliviando numa crise de lagrimas a tensão dos nervos.

—Luísa, então, olha que podem vir os pequenos e o Manuel...

—Tens razão, Marta! Desculpe a minha fraqueza, Henrique; daqui para o futuro serei forte...

— Tenha coragem, Luísa ! E' por muito a estimarmos que a queremos prevenir para a defeza.

Ouvindo as vozes das crianças que se aproximavam com Leonor e com o medico, Luísa limpou as lagrimas, aparentando uma calma que era bem o contrario do que sentia na sua pobre alma perturbada por tantas emoções.

III

Os anos do Carlinhos foram o pretexto para se reunirem no palacete de Buenos-Aires os amigos mais intimos de Luisa, que aproveitavam agora todo o ensejo para a acompanharem, sabendo-a publicamente vexada pela conduta do marido, que já não escondia as suas baixas aventuras e a frequencia das casas de jogo, onde ia perdendo quantias avultadas, alcoolisand^o-se miseravelmente.

Apezar disso mantinha um resto de inconsciente ligação á vida familiar, um pouco pela covardia do habito, um pouco pela imposição da mãe, que á custa de todos os sacrificios queria manter perante a sociedade a apparencia de harmonia dentro do casal.

Assim, apezar de todas as suas faltas, D. Antonio de Vasconcelos, que não usava o titulo de conde pela fidelidade mantida pela familia ao ramo absolutista dos Braganças, não deixava de vir a casa diariamente, ocupando o seu quarto e mantendo a autoridade de dono, que a mulher correctamente fazia respeitada pelos filhos e pelos criados.

Após as irremediáveis desilusões da sua vida intima, Luisa, sem dar publicamente a menor mostra de desagrado, organisára á parte a sua vida com a dos filhos, fechando-se num orgulhoso retrahimento moral, que a pouco e pouco a afastou da

sociedade em que o casamento a tinha colocado em Lisboa.

Para a sua alma, que ficára intransigentemente pura na moldagem forte da velha educação tradicionalista da família, o contacto com a sociedade superficial onde teria de se enfrentar constantemente com o marido e com a sogra — que o mesmo era para a sua sensibilidade compreensiva de mãe — causava-lhe uma verdadeira e invencível repugnancia.

Pela propria reacção do espirito, que não aceitava transigencias covardes, aproveitou todos os pretextos para um retrahimento que a principio fora notado, mas que já hoje era aceite com a naturalidade tolerante com que todas as coisas definitivas se impõem num meio sem estabilidade moral nos principios, que se tornaram apenas formulas sociais.

A pouco e pouco o seu meio social fora-se reorganizando por intermedio da velha amizade de Marta de Menezes, que o acaso dumas ferias na provincia pozera de novo ao alcance do seu coração confiante e dolorido, rodeando-se de pessoas que mal conheciam o marido dum apresentação superficial.

Levada pelo entusiasmo, mais ou menos interesseiro, da sua propria questão moral, que desejava resolver, Luisa apaixonara-se pela propaganda social em que a amiga tinha o lugar de mais forte destaque, exactamente porque a sua acção partia dum pessoa com ligações de sangue e de aparentes interesses morais na velha sociedade, que combatia para que se renovasse e purificasse.

Com verdadeiro escandalo para todos os que a

tinham recebido com benevolencia admirativa ao entrar na vida com a temeridade sorridente dos fortes, Marta de Menezes conseguira realizar o seu sonho de independencia e de harmonia adentro do casamento com Henrique de Castro, um dos mais considerados juriconsultos da geração nova, já com um nome que se impunha ao lado do da mulher, sem se confundirem na acção em que ambos mantinham um forte e simpatico individualismo.

Para Luísa como para todos que, interessada ou desinteressadamente, faziam nesse momento a propaganda do divorcio, a vida intima de Marta e de Henrique era um dos mais fortes argumentos para convencer os que só viam nas ideias o reflexo das proprias paixões, não compreendendo sacrificios pelo impulso generoso das almas.

Apezar dos pequenos dissabores que lhe trazia a sua attitude moral perante a violencia dos adversarios, Marta sentia-se bastante forte na consciencia das suas convicções e na força que lhe dava a intelligente cooperação do marido, para receber, sem se magoar, alem do desagrado epidermico duma picada de insecto, os ataques que recebia sob a comoda e abjecta forma de insultos em cartas anónimas ou as diatribes em jornais, que muitas vezes não iam alem de sueltos grosseiros ou venenosos.

A lei do divorcio, cuja propaganda apaixonára o país inteiro, tão violentos no ataque uns, como injustos na defeza outros, era apenas uma modalidade do seu vasto plano de reorganisação social, vindo com surpresa, não isenta de magua, que dum e doutro

lado se perdera o equilibrio e a noção do que a lei, em verdade, representã adentro duma sociedade já sem força moral para o inutil sacrificio. Quasi todos os propagandistas eram movidos pelo interesse das proprias situações que desejavam solucionar socialmente pela legalisação; enquanto que os defensores da indissolubilidade quasi todos mascaravam os interesses materiais da questão com escrupulos religiosos, que mais tarde provaram só excepcionalmente serem sinceros.

No salão forrado a vermelho, com reposteiros de veludo brazonados e os grandès quadros de familia nas paredes, com o aspecto repousante do velho mobiliario portugûes, sobria e elegantemente completado pelas loiças preciosas que Luísa escolhera entre as mais belas das riquissimas colecções de familia, formavam-se varios grupos conversando animadamente, num á-vontade que a dona da casa conseguia manter entre os seus amigos, embora eles, muitas vezes, não conseguissem ligar-se em simpatia e opiniões.

Jorge de Menezes entrara, cumprimentando Luísa e as senhoras que de mais perto a rodeavam, beijando Marta com a ternura amavel dum irmão que estando de acordo em ideias pode melhor exteriorisar os sentimentos fraternais.

Muito simpatico e gosando a fama duma graça anedotica que não era exagerada, de todos os lados a sua entrada foi saudada, correspondendo com um largo cumprimento familiar e risonho, que os envolvia a todos.

— Ha alguma novidade? — perguntou Henrique ao cunhado.

— Não! Como sabia que eram os anos do Carlínhos e que vocês vinham aqui, vim também para entregar a Marta umas poucas de listas cobertas de assinaturas a pedir a lei do divórcio.

— São colegas seus? — perguntou Maria Valente, sempre inquieta por novidades de sensação, com o faro do jornalista reporter.

— Isso sim!... O exercito vive em santa aliança com a igreja...

— A cruz e a espada, como no tempo do sr. D. Miguel!...

— A D. Maria ri-se, mas a verdade é que o caso é sintomatico; raro é o militar que tem coragem de defender a sua propria consciencia da influencia de Roma; é o jesuita que triunfa!...

— Já me constou que ha um pedido colectivo, assinado por varios officiais desejando não desembainharem as espadas nos domingos e dias santos... — sorriu o Henrique.

— E' para que os não mandem para as profundas dos infernos...

— O caso é sintomatico e a D. Maria bem podia fazer um suelto lá no seu jornal «O jesuita na caserna».

— Na primeira oportunidade conte com isso, mas depois espero que me defenderá dos odios inimigos. Vão atirar-me como a lobo danado, e se podérem, lapidam-me...

— Uma Valente não necessita de paladinos, mas em todo o caso pode contar com a nossa defeza.

—E' melhor não contar com isso, Maria!... Trabalhe-mos pelo nosso ideal e seguindo o nosso criterio equilibradamente, não nos fiando em promessas dos homens, que neste momento precisam mais de nós do que nós deles... Pela minha parte não tenho ilusões e sigo na propaganda, aproveitando todos e não acreditando em ninguem — disse Marta.

— Nem em mim?... — perguntou Henrique.

— Em ti, sim, porque tu e eu vivemos o mesmo sonho sem interesse immediato.

— Como na biblia « duo in carne una » ... Mas tambem debes confiar no irmão... que sinceramente traz o seu concurso nestas grandes listas de assinaturas... — sorriu Jorge, tirando-as da algibeira e entregando-lhas satisfeito.

— Magnifico! A propaganda é difficil, mas vai avançando sempre e alguma coisa se fará.

— O que eu admiro é a sua coragem na fé, senhora D. Marta — disse Manuel que conversava, um pouco afastado da conversa geral, dirigindo-se a Henrique de Castro, que representava para ele a esperanza na libertação de Luísa, o seu sonho de cada hora, sabendo hoje que apesar do amor cada vez mais seguro que os ligava e da harmonia completa em que as suas almas se isolavam da sociedade, nunca seria feliz com ela sem uma vida moralmente equilibrada dentro da noção do dever que a educação lhe marcára fundamente na consciencia.

— Oh, doutor! .. Então está assim desiludido?...

— Não creio que uma sociedade que cahiu na hipocrisia moral e no fétichismo, que nem sequer chega

já a ser religião, como a nossa cahiu, tenha a coragem de aceitar a lei do divorcio... Embora no fundo a de-seje e dela venha a usar largamente, se lha impuzerem...

—Pois eu, ao contrario, tenho uma opinião oposta! Tenho a certeza que a lei do divorcio e outras semelhantes serão aceites em breve, porque a transigencia com as ideias da época é uma forma de se manter um regimen sem força moral... Se quizerem reagir estão perdidos, porque não teem raizes fundas para se prenderem á terra.—Explicou Henrique a sua opinião, confirmando a confiança que a mulher tinha na propaganda.

—Pois estarão perdidos, mas não transigem. A sociedade portuguesa lembra um esqueleto emparedado durante seculos que se conserva em pé e com toda a apparencia de eternidade, mas se um dia se põe em contacto com o ar, desfaz-se em pó, desaparece sem deixar mais do que um pouco de lixo.

—Se assim succedesse já não seria sem tempo—disse Luísa, que nas palavras de Manuel notára a profunda amargura que a sua situação lhe causava.

—Bravo, D. Luísa!—disse Maria Valente, que ficára conversando com Jorge de Menezes e se voltára ao ouvir aquella frase reveladora.—Essa coragem agrada-me.

—Veja doutor!—apoiava Marta com muita convicção.—Devemos ter fé no futuro porque estamos assistindo ao despertar da alma feminina. Ainda ontem as que ousavam revoltar-se contra a servidão a que nos condenaram era um pequeno estado maior e

hoje somos um exercito... Amanhã seremos a legião que há-de triunfar.

— Quem dera ter a sua crença e essa bela serenidade na esperança do futuro.

— Há-de sentir da mesma forma quando fôr feliz.

— Feliz, eu?!...

— Trabalharemos para que o seja, não é verdade, Luísa?

— Decerto que sim!... Mas que queres? Não tem confiança em nós...

— Tenho toda a confiança na propaganda, mas duvido do resultado, se não houver uma grande modificação social.

— Mas não duvide!... Porque um dos factores com que devemos contar é com a fé.

Nesse momento a entrada da medica doutora Beatris Carvalhal fez com que todos se levantassem para a receber com a alegria que sempre causava com as suas raras e apreciadas visitas... Muito simples, fundamentalmente boa, duma bondade humana e sem complicações psicologicas, como duma grande intelligencia sem largos vãos, mas cheia de clareza e de equilibrio, era entre as colegas femininas aquella que melhor conseguira manter a camaradagem simpatica e respeitosa dos homens, que eram os primeiros a indicá-la á clientela feminina para os tratamentos em que se especialisára.

Sem procurar os requintes da moda, vestia com gosto e uma elegancia cara que lhe dava a linha de distincão, que a tornava simpatica e marcava o lugar

que porventura a sua bonomia democratica lhe não alcançaria na sociedade.

—Minha querida Luísa—dizia, cumprimentando-a—passei por aqui e como vi luz nas janelas mandei parar o carro e vim dar-lhe um abraço.

—Que alegria me deu, doutora! São tão poucas as ocasiões que tenho de a vêr!... Os pequenos estão sempre perguntando por você...

—Não sou senhora de mim, é um trabalho continuo... Quando consigo libertar-me uns momentos é para me meter em casa a brincar com a minha pequena...—e muito expansiva cumprimentando Marta.—Ainda bem que a encontro, precisava mesmo falar-lhe...

Apertando a mão e cumprimentando amavelmente todos que a rodeavam, chegou a Manuel:—E tu também por cá?! Que bom palpite que tive de entrar! Queria recomendar-te uma pobre mulher que vai amanhã apresentar-se no hospital.

—Bem sabes que estou sempre ás tuas ordens. Não pedes, mandas!...

—Obrigada!... Olha que é um caso extraordinario: uma das minhas clientes, uma pobre mulher que trato por muito dó que me causa a sua miseria, teve um filho completamente sifilizado. É um horror! E a mãe parece-me sã... Quero que a observes.

-- Com muito gosto, porque até necessito de casos desses para completar os estudos que estou fazendo.

—Isso é possível?!... E a mãe terá ficado sem lesão nenhuma?...—perguntou Luísa interessada.

—Ha criaturas tão sãs que se podem considerar

indemnes a todo o contagio...—confirmou o medico.

— A sciencia é ás vezes consoladora — comentou Marta.

— Acho que é sempre consoladora. — Afirmou a doutora Beatris Carvalhal.

— Não concordo contigo — respondeu-lhe Manuel — pois como diz a sr.^a D. Marta, ás vezes é consoladora mas outras é desesperadora, pelo menos para nós, pela impotencia em que nos coloca perante a dor e a morte!...

— Queres dizer que ainda não é o que deverá ser no futuro, mas lá chegaremos.

— Já lhe dou razão, senhora D. Marta! A minha colega deu-me agora uma grande lição e prova que é V. Ex.^a quem vê bem o futuro...

— Como?....

— Quando há pouco me disse que as mulheres hão-de triunfar porque teem a fé, que já nos falta a nós! ..

— E porque lhes falta? — perguntou Luísa.

— Porque estão desmoralizados pelo poder — concluiu Marta a rir.

— Talvez seja isso, talvez!...

— Então vou mudar as minhas opiniões e propaganda! Ao contrario do que tenho dito e prégado, vou pugnar por que as mulheres não sejam chamadas a exercer funções sociais, para que se não desmoralizem... — riu francamente Henrique de Castro.

— Pois claro! Aproveitou logo a deixal Todos os pretextos servem para reclamar a tirania. Vocês

sempre são umas peças!... — criticou Maria Valente.

No outro lado do salão, formando um grupo animado, Jorge de Menezes conversava com Regina de Albuquerque, Leonor, Berta Vilar, Miguel Mendes e mais algumas senhoras e rapazes, discutindo as mesmas ideias que apaixonavam a sociedade portuguesa, vivendo um momento de nervosismo e de reacção, embora com pouca profundidade no sentir.

— Cá por mim — dizia Regina com o ar desdenhoso a que a sua linda cabeça romantica e os olhos negros e fulgurantes davam uma imposição desconcertante — cá por mim não vejo interesse nas vossas propagandas libertadoras. Olha, Leonor, por mais que vocês digam e façam a mulher não tem nem precisa ter esses direitos, porque ha um só que ninguem lhe pode negar e, por mais que façam, nenhuma força humana lhe arrancará: é o direito de amar e ser amada.

Leonor protestou, ao ver a amiga apoiada com entusiasmo por Miguel e pelos outros rapazes.

— Que fantasia, Reginal Isso não é direito, é uma fatalidade — respondeu Marta do outro grupo, aproximando-se e dando o seu apoio a Leonor, que triunfava, sentindo-se mais forte com os argumentos da amiga, que todos respeitavam.

— Vocês partem dum principio, falso, que é pensarem que a mulher, em geral, deseja a libertação...

— Nós não partimos desse principio que seria idiota, nós partimos do principio de que a mulher, em

geral, é escravizada pela sua propria inconsciência e inferioridade e que a maioria o será sempre...

—Então?... Para que trabalham?

—Ouve primeiro... Não respondas no ar — protestava Leonor.

—Ouçamos pois...

É claro que a maioria, a massa não reage conscientemente, mas quando os factos materiais actuarem sobre ela, forçosamente hade reagir indisciplinadamente e perigosamente, se não houver uma *élite* que ponha então um dique ás correntes contraditórias... Podes ter a certeza, Regina, as questões morais são derivadas em geral de simples questões economicas e essas impõem-se de tal forma que não ha idealismo que resista.

—Estás fugindo á questão... .

—Não fujo, não senhora! Ora atende: Dizes que a mulher só tem um direito e esse inalienavel: que é amar e ser amada!

É claro!

—Pois bem, a mulher escravizada pelos preconceitos sociais nem sequer tem esse direito.

—Essa agora!...

—Não tem, porque a maior parte das mulheres que só teem como futuro social o casamento não casam com quem gostam mas simplesmente com o primeiro que toma o encargo de as aceitar por mulher.

—Isso não o podes negar! — apoiou Leonor. — Lembra-te daquela tua amiga que te disse depois de muito namorar «este parece-me que calha»...

— Isso são factos isolados... — defendia-se Regina, mal segura.

— Não são, não! Ouve um pouco. Nós bem sabemos que a mulher tal como está educada não vai ser feliz com a nova orientação social, mas o seu sofrimento é que hade preparar a maior justiça de amanhã.

Maria Valente e o proprio advogado foram-se aproximando do grupo aumentando argumentos e dando força a Leonor, que estava radiante por ter conseguido que Regina, a sua amiga mais intima, concordasse com algumas das razões que lhe déra Marta.

Do outro lado, Lulsa ficando só com a Dr.^a Carvalho e Manuel Faria, dizia o cuidado imenso que lhe causara a doença do Carlinhos.

— Nunca julguei que o podessemos salvar!... Se não fosse o doutor, tenho a certeza que ficaria sem o meu filho!

— Eu não fiz mais do que auxiliar a reacção da Natureza...

— Não seja modesto! — disse a mãe, vibrando na paixão reconhecida do seu amor. — Nós bem sabemos que depois de Deus foi o doutor que lhe deu a vida.

— E não fala em si, na sua dedicação, no seu sacrificio de todos os momentos, no seu trabalho exgo-tante de todas as horas... que outra não teria!...

— Mas eu sou mãe, não é verdade, doutora? Tudo quanto fazemos pelos nossos filhos nos parece nada em face do interesse de lhes salvarmos a vida...

— É o instinto natural e humano... mas nem todas as mães o teem.

— Isso não são mães! Mas o doutor pode bem dizer-se que lhe deu pela segunda vez a vida, que já não tinha. Agora está magnifico! Vou-lho buscar para o vêr.

Enquanto Lufsa se afastava, a medica interrogou:

— Mas chegou a estar assim tão mal?!...

— Noutra qualquer criança ter-se-ia curado dum simples ataque de gripe, mas o Carlinhos é uma herança desgraçada dumas poucas de gerações de intoxicados... sabes como a gripe nestes casos é traçoira. É duma sensibilidade fisica e moral verdadeiramente alarmante.

— Pobre mãe! O futuro que a espera é tremendo! Casa-se sem pensar nas consequencias e atira-se para cima dos inocentes com todo o peso das increcidas desgraças...

— O caso não é desesperado e estou certa que a Sr.^a D. Lufsa, que é mãe admiravel e duma grande inteligencia e cultura, hade conseguir vencer e salvar a criança para a tornar um homem são. Por agora o que tem é uma sensibilidade exagerada, moral e fisica. Está numa continua vibração de nervos, que são uma verdadeira pilha, sobreexcitando-lhe a inteligencia, que é bastante grande e precoce.

— Pobre mãe!...

No outro grupo a discussão mantinha-se com entusiasmo, nem Regina nem Miguel com os que apoiavam a sua defeza, queriam confessar-se vencidos.

— A minha pena é ter que me safar — disse Maria

Valente, olhando o relógio prêso numa fita ao pulso.
—O que vale é que deixo a questão bem entregue e depois me contarão da honra do triunfo!...

—Faz uma falta!...—murmurou Regina, que não simpatisava com a jornalista, porque a chocava com a sua falta de elegancia e de graça feminina...

Luisa que entrava com as crianças accitou a sua despedida e beijou o pequeno Quim, acompanhando-os á porta.

Nesse momento, Raul de Athayde, que entrava, olhou a jornalista com um ar impertinente e dirigindo-se a Luisa cumprimentou-a com affectação, beijando-lhe a mão e dizendo ironicamente:

—Minha querida prima, que surpresa encontrar gente desta no seu salão.

—O primo conhece a senhora que sahio?!... — perguntou Luisa entre surpresa e repreensiva. ●

—Um pouco, de vista, e pelo que dizem dela as pessoas honestas.

—Então conhece-a mal para se surpreender de a ver na minha casa. E será bom averiguar tambem o que se diz das pessoas honestas que falam dela. ●

Raul de Athayde disfarçou com um sorriso o desagrado da resposta e começou a cumprimentar as pessoas conhecidas.

—No divorcio ha uma coisa que verdadeiramente merece ponderação, que é a questão dos filhos — dizia Marta continuando a conversa que interessava agora toda a gente.

—Mesmo essa fica melhor definida e é mais honesta a situação, seja ela qual fôr, do que dentro

dum casal que vive com desarmonia. — Disse Luísa com energia. — Estou certa que a mãe velará sempre pelos filhos e reclama-los-ha para si...

— Nem sempre l... — respondeu-lhe Henrique de Castro. — Em muitos casos é exactamente a mãe que os não quiere e os não merece.

— Isso não são mulheres... e muito menos mães

— Não ha regras fixas, cada pessoa é um caso... — acrescentou Marta. — Não ha nada mais falso do que a igualdade... Se ha mulheres que são verdadeiras vitimas, ha tambem homens que tem uma paciencia digna de registro...

— Para mim — dizia Miguel Mendes — o que me assusta no divorcio é a situação da mulher divorciada... O seu isolamento para o futuro.

— Por esse motivo não se apoquente você — acudiu a Dr.^a Beatris Carvalhal — porque a mulher divorciada entra na categoria das viúvas e estas encontram marido mais facilmente do que as solteiras.

— Vejo que se discute a questão do divorcio!... Essa lei imoral que lançaria a familia na mais horriavel confusão, não virá para o nosso país, se Deus quizer! — Raul de Athayde lançou esta frase numa voz irritante, que conseguiu sobresahir a todas.

— Que a lei venha lançar a confusão na familia, não é verdade — respondeu-lhe Marta com uma grande calma. — O divorcio não é defendido como um bem, mas tão sómente como remedio a um mal. Se ha confusão e desmoralisação na familia, não é a lei que a traz.

— É uma lei ordinaria que só aproveitaria á gente

baixa. Uma senhora verdadeiramente aristocratica não usaria da faculdade de se divorciar, fosse qual fosse a razão.

— Isso é o que só depois se poderá dizer — respondeu Jorge de Menezes, olhando-o furioso.

— Pois o que é o divorcio?!... Como separação dos mal casados não é necessario porque já temos o desquite. Para legalisar novas situações é uma grande imoralidade. O casamento dos divorciados é uma mancebia legal... ainda ontem o ouvi dizer a um padre... Não haverá senhora da sociedade, que respeite o seu nome e tenha religião, que defenda tal lei.

— Decerto! Os catolicos não aceitam o divorcio porque adoptaram a indissolubilidade como um dogma, está bem! É lá com eles, mas o que não podem é sujeitar toda a sociedade descrente ás suas convicções.

— Só no tempo da inquisição se admitia o *crê ou morres*...

— Ó Raul, não venha você com essas ideias ranciosas... — comentou Regina de Albuquerque; que não tolerava a hipocrisia da sociedade de que se afastara por tédio.

— Hade haver sempre quem prefira o adulterio á sombra protectora da lei e da igreja... — continuou Marta.

— É mais comodo. A hipocrisia é uma grande força social — acrescentou a medica.

— Isso é uma ofensa ás senhoras da alta sociedade, que teem uma honestidade comprovada.

— Simplesmente defendo a opinião das senhoras

que nem se incomodam a comprovar a sua honestidade, porque está bem acima de qualquer suspeita e nada tem com as opiniões que discutem.

— De resto, o meu caro amigo não deve ser contra o divorcio!...— disse Jorge de Menezes batendo-lhe no hombro.

— Porque diz isso?...— perguntou Raul sobresaltado.

— Não se assuste, — continuou rindo. — É porque sendo monarquico convicto deve saber que os reis teem aprovado em todos os tempos a dissolução do casamento para uso proprio... é o mesmo que o divorcio.

— Ah, mas é que os reis!...

— São-no por graça de Deus, bem sei!... Já lhe ouvi dizer isso ha tempos.

— Ah, o senhor acredita nos ungidos de Deus?...
— perguntou a doutora Carvalhal.

— É por vêr casos semelhantes que descreio ás vezes da evolução da especie.— disse Manuel Faria para Henrique de Castro.

— Em todas as classes zoologicas ha fenomenos de regressão...— respondeu o advogado, afastando-se para outra sala onde ficaram a conversar.

Para desviar as atenções que se fixavam em Raul, num perfeito conhecimento dos deveres de dona de casa, Luisa perguntou-lhe amavel:

— O primo ainda me não disse a que devia o prazer da sua visita!...

— Vinha com uma delicada missão diplomatica...
— respondeu o moço elegante, que se tinha descon-

certado um pouco, voltando á attitude costumada, concertando o monoculo.

— É então na qualidade de embaixador, que temos o prazer da sua visita?... — sorriu Luísa.

— Oh sim, minha prima! Foi minha irmã que me encarregou de vir dizer-lhe que espera o seu concurso para a grande festa de caridade que se vai realizar... É um acontecimento chic, em que toma parte toda a alta sociedade. — E olhando com um ar triunfante por cima do monoculo, concluiu: — Suas Magestades prometeram comparecer.

— Você desculpe-me junto de sua irmã, Raul!... Nesta ocasião é-me absolutamente impossivel tomar parte em festas...

— Mas isso não pode ser, prima, porque seu marido é um dos promotores. Pertence á comissão organisadora...

— Mais uma razão para eu não pertencer... — sorriu com dolorosa ironia.

— A senhora condessa de Santo André, minha illustre prima e sua sogra, deu-me ordem para incluir o nome de V. Ex.^a na lista. Tem o lugar que lhe pertence *par droit de naissance et de conquête*... — insistiu Raul com um leve tom impertinente.

Sem alterar a doçura altiva da sua voz, Luísa respondeu:

— Minha sogra enganou-se. O lugar só a ella é que pertence pelas convicções e pelos direitos que representa.

— Mas Vosselencia é a esposa de D. Antonio de Vasconcelos!... E portanto é a prima que tem os direitos de representação...

— Abdico voluntariamente deles; ha pessoas que teem abdicado de prerogativas mais importantes... — concluiu a sorrir.

— Mas que resposta heide levar á comissão de senhoras de que é presidente a senhora Condessa do Ameixoal, minha tia?! — tentava convencê-la, como quem deita mão dum ultimo e triunfante argumento.

— Meu caro Raul, não se aflija por minha causa. Diga ás senhoras que sou uma alma perdida, uma ovelha tresmalhada do rebanho e... lancem-me ás feras.

No grupo onde a discussão continuava, a Dr.^a Beatris Carvalho dizia: — Eu concordo com você, Berta, a lei não será disputada em Portugal porque estupidamente fizeram dela um cavallo de batalha, tanto os reaccionarios como os liberaes.

Berta Vilar, conservando, á força de sacrificios incontaveis, a elegancia custosa duma artista da aristocracia, reflectia sempre a opinião da sociedade em que tinha as suas discipulas e as relações das familias, que cultivava com desvanecimento.

— De facto a lei do divorcio não é elegante!... Desequilibra a sociedade, vocês verão, se um dia a conseguirem impôr...

— Não hão de conseguir, que nós o não consentiremos!... — interveio Raul com ar superior.

— Ainda vocês discutem essa questão do divorcio? — disse Regina.

— É a questão actual no nosso país, que anda sempre atrazado nas modas... — sorriu Marta.

— Graças a Deus, não é só o nosso país que repu-

dia essa imoralidade!... — protestou ainda Raul aproveitando o ensejo para se despedir de Luísa e sahir triunfante.

— Que primo tão enjoativo que tu arranjaste, Luísa!... — comentou Marta.

— Chega a meter dó que se queira manter uma sociedade que tem sustentaculos semelhantes — disse a medica.

— Coitado! É inofensivo!...

— Não o creias, Luísa! Olha que estes insignificantes teem ás vezes na vida o papel desgraçado das traças, que nos destroem as roupas... — respondeu Regina.

— Agora que já tive o prazer de as ver, dê-me licença que me retire, D. Luísa — disse a medica levantando-se.

— Uma visita tão curta! Bem se vê que é medica!...

— A doutora não esqueça que temos reunião na quinta feira — disse Marta.

— Não me esqueço, não! E a conferencia de seu marido quando é?

— No sabado. Mas na reunião combinamos tudo.

— E tu, Manuel, porque não fazes tambem uma conferencia sobre a lei do divorcio sob o ponto de vista medico? — disse a Dr.^a Carvalho apertando a mão a Manuel de Faria que voltára da sala contigua para se despedir.

— Só se a quizessem com o têmea do estudo que estou fazendo: «O alcoolismo e as doenças contagiosas como motivo de divorcio».

—O tema é interessantíssimo, não deixes de a fazer... merecerá um grande réclame.

Aproveitando a saída da medica, despediram-se quasi todas as pessoas, que Leonor acompanhou á porta.

Ao voltar ao salão tambem Jorge de Menezes e o cunhado esperavam Marta, que fôra chamar e arranjar Julinha e os irmãos para sahirem tambem.

—Então vão-se todos embora?—preguntou Luísa.
—Ainda é tão cedo!...

—Temos de estudar ainda hoje o meu processo...
—respondeu Jorge de Menezes.

—A sua separação vai em bom caminho?...

—Felizmente!... Estivemos uma vez de acordo, minha mulher e eu! A separação vai ser julgada sem escandalo.

—Ainda bem!... Assim eu o pudesse fazer!

—Afinal a separação não adianta nada... Fica-se prêso da mesma maneira!... A mim, como homem, não me faz diferença, não tenciono mesmo tornar a casar... Em todo o caso é uma servidão.

—Ah, mas enquanto não ha divorcio a separação judicial é já uma satisfação para a nossa consciencia e uma garantia para os filhos.

Marta entrou com as crianças já preparada para sahir.

—Eu acompanho-os tambem—disse Manuel Faria despedindo-se.

—Vão-se todos tão cedo, protestou Carlinhos—olhe que é o dia dos meus anos!...

—Ele tem razão—disse Luísa para o medico—hoje mal viu o nosso doentinho!...

—Observei-o bem quando estive lá dentro. V. Ex.^a desculpe-me mas ainda hoje tenho que ir vêr um doente.—E para o pequeno que o segurava pelos braços.—Amanhã venho ver-te mais cêdo, Carlinhos; hoje precisas de descansar e ires já para a cama. Tens brincado demais.

—Que tal o acha?... —preguntou a mãe ansiosa.

—Vai muito bem, mas é preciso não o deixar excitar.

—Tem esperança de mo dar completamente curado?

—Havemos de triunfar, tenho confiança... —disse comovidamente, apertando-lhe a mão com força.

Quando todos sahiram Luísa despediu-se de Joanninha, que tinha já o seu pequeno quarto todo branco de menina, cuidado com um grande sentimento da propriedade e foi ela propria deitar o pequeno, que sentia nesses cuidados, exagerados depois da doença, a maior felicidade.

—Mãesinha — dizia numa explosão de ternura reconhecida.—Não é verdade que heide melhorar?

—Sim, meu amorsinho, bem ouviste o que disse o doutor!...

—E se o Manuel o disse é porque é verdade, porque os sabios não mentem, não é verdade?

—Não, decerto! Os sabios podem enganar-se, mas não podem mentir.

—Ele nunca pode mentir porque nunca se engana!... Não é verdade, mãesinha?

Com as lagrimas nos olhos Lufsa beijou a criança freneticamente, murmurando:—Oh não! Ele nunca se engana!

IV

A recusa de Lúsa em tomar parte na festa de caridade em que o marido e a sogra tinham lugar preponderante, acrescentada dos comentarios de Raul de Athayde, que contára em casa da baroneza do Lamegal o que ouvira e vira naquela noite em que a procurára, fizera um verdadeiro escandalo na sociedade.

A sua attitude era comentada sobre todos os aspectos e nenhuma desculpa ou atenuante encontravam a um procedimento, que perturbava profundamente as normas ordinarias da vida, como a sociedade preceitúa, com todas as desculpas e facilidades para os iniciados, desde que não saiam para fóra da linha, aliás bastante larga, em que os limitam.

O aspecto de orgulho revoltado que dava á sua attitude, mais de protesto e discordancia do que de resignação, collocavam-na como réproba fóra do meio em que entrára rodeada de prestigio e adulada por todos, que na propria discordia do seu lar encontravam o motivo interessante que a distinguia.

Durante os primeiros anos do seu casamento, apresentada com ternura pela sogra a quem todos davam na intimidade o titulo de condessa de Santo André, que publicamente não usava, mas cuja corôa marcava os objectos do seu uso, Lúsa fôra a «menina

bonita» dentro do largo meio das suas relações sociais.

A sua graça um pouco esquiva, a estranheza da sua atitude duma profunda e instintiva moralidade, tornavam-na interessante até pelo contraste com as outras senhoras, que a rodeavam sem receio da concorrência na galanteria, que a não interessava.

A sua cultura e as tendências literarias, que timidamente mostrara na publicação dum livro de contos lindamente ilustrado, destinado ás crianças, davam-lhe o prestigioso lugar duma Sévigné, que não perdera o encanto duma vida de elegancia no convívio igualitario das ideias, que profundamente agitam a vida moderna.

As suas relações com Marta de Menezes, de que a sogra pretendia afastá-la, apesar do parentesco que na provincia se estende de geração em geração numa elasticidade sem limites, fôra o primeiro rebate para uma hostilidade que ia entrar na crise decisiva.

A escritora consagrada pela critica, duma personalidade marcada e forte, fôra no inicio da sua vida literaria acolhida com uma benevolencia entusiastica no meio social a que o nascimento a ligava.

Depois, na indiferença pelas opiniões alheias que marcara desde logo a autoritaria liberdade do sentir e pensar, Marta quebrára violentamente as ligações que possivelmente lhe teriam dado um mais facil triunfo, mas sem a compensação intelectual e moral de realizar o seu proprio destino, numa personalidade distinta.

O seu casamento com Henrique de Castro, com um lugar e um nome nitidamente marcados na propaganda patriótica que preparava o triunfo da república, cortara definitivamente as ligações com a sociedade de que Luísa se ia voluntariamente afastar.

As notícias do que se dizia nos salões da alta roda, a que tinha a ingenua vaidade de pertencer, foram trazidas a Luísa por Berta Vilar, a professora de pintura das meninas da sociedade.

Especialmente em casa da baronesa do Lamegal, grupo um pouco afastado da verdadeira linha aristocrática das famílias tradicionais, o caso de Luísa de Sá «a defender o divórcio e a receber na sua casa gente que o defendia» causara o verdadeiro escândalo da semana.

Essas opiniões partidas de gente marcada dum arrivismo snob e sem elegância moral, falha de escrúpulos e de honestidade, indignaram Luísa, que não queria admitir-lhes o direito de julgarem o seu procedimento.

Logo que Berta Vilar sahira muito afadigada, nos seus afazeres de trabalho e de mundanismo, sempre preocupada com a elegância dos vestidos e com o chique das suas relações, Luísa sentou-se á secretária para desabafar escrevendo a Marta, a amiga a que o seu coração se encostava com a ternura confiante duma irmã, que fosse quasi filha.

—O que estás a fazer, mãesinha?—entrou perguntando Carlinhos, atirando-se para o seu colo numa grande explosão de carícias e beijos.

— A escrever á tia Marta para lhe pedir que venha cá.

— Mandas-te-lhe dizer para vir tambem a Julinha? Os rapazes não podem vir porque estão na escola.

— Não! Esqueceu-me!

— Então mandal Abre a carta e dize-lhe assim: « Não deixes de trazer a Julinha, os pequenos estão muito aborrecidos »! ... Não achas, Joaninha? — acrescentou para a irmã que entrara atraz dele.

— Ah, isso acho!

— Mas o melhor é vocês irem com o Francisco a casa dela, levam a carta e assim passeiam e trazem a Julinha.

— Isso, isso é que é bom! ... — saltou o pequeno a bater as palmas. Mas cahindo logo numa reacção de tristeza.

— A Joaninha não quer sahir! ... Ela em a tirando do quarto a lêr os livros e a brincar com as bonecas, é como quem a mata! ...

— Não! Para ir a casa da tia Marta e trazer a Julinha vai contente.

— Isso vou! ...

— Então vamos, anda! ...

— A Sabina que os arranje ...

— Eu não preciso de ninguem para me vestir ...
— protestou Joaninha, gravemente.

— E eu tambem não a quero, não gosto dela, vou pedir á Lai-lai que me vista ...

E voltando atraz, como quem se lembra de qualquer coisa que o tenha preocupado.

— O mãesinha, o que quer dizer ser amante?

Estremecendo, Luísa voltou-se vivamente e perguntou:

— Onde aprendeste essa palavra?

— Porquê, mãesinha, é uma palavra feia?!...

— Não, feia não é, mas não é costume dizer-se, não sei como a aprendeste...

— Ouvia-a na cosinha, numa grande briga das criadas. A Joaquina estava a dizer para a Lai-lai e para o Francisco que parecia impossível que só o papá se esquecesse do dia dos meus anos, pois todos se lembraram de mim e a avósinha mandou tanta coisa boa e bonita! A Lai-lai com muita pena disse assim: «é verdade! Nem sei que me lembra aquele senhor, que nem parece filho de quem é!...» E o Francisco disse assim: «Eu de quem tenho pena é da senhora, que bem merecia melhor sorte».

A Sabina que estava a escutar, veio de lá a berrar e a dizer muita coisa. Então a cosinheira muito furiosa berrou e disse: «Você está muito enganada! Eu aqui sirvo a senhora e os meninos e não me importa para nada com as amantes do patrão... Então a Lai-lai reparou que eu estava a ouvir, mandou-as calar e levou-me para o jardim e por mais que eu lhe perguntasse o que queria dizer aquilo não quiz dizer, e até se zangou: «que não era coisa para meninos!» A Joanhinha também não sabe o que é.

— Ora, meu filho, não merecia a pena andares a perguntar a todos, devias vir logo ter com a tua mãesinha, que é a tua mestra. — E puxando docemente a criança para si, beijou-a nos cabelos loiros e

sedosos, ligeiramente encaracolados e disfarçando a sua perturbação continuou. — Amante, quer dizer ser muito amiga...

— Então eu sou teu amante, mãesinha, não é verdade? Não ha ninguem mais teu amigo, pois não?!...

— Sim meu amor — e abraçando-o com transporte — Vocês dois são os meus amores, os meus amantes!

— Sim, mãesinha, sim!... Eu gosto tanto de ti, tanto, que não ha nada nas lojas de que eu goste mais!...

Beijando-o nervosamente Luísa disse-lhe com um sorriso de infinita melancolia:

— Acredito, meu filho! E tambem para mim não ha nada de que eu mais goste!... Mas agora vai; chama o Francisco e a Joaninha e leva esta carta á tia Marta, vê lá, não a percas...

— Não! Eu já sou um homem.

— E dize á Lai-lai que venha cá, depois de te arranjar.

— Está bem, está bem!... — E depois de dar mais beijos e mais abraços, o pequeno sahiu correndo, enquanto Luísa, encostando a cabeça na mão, ficava a pensar na infinita amargura duma vida a refazer sobre os destroços que ela propria ia criar num passado de que não tinha saudades, mas que eram os melhores anos inutilizados numa existencia falhada.

O que vagamente as palavras da criança lhe sugerira dava-lhe a satisfação de ter, finalmente, alcançado uma arma de defeza e ataque. Apesar disso, no momento de entrar em luta, sentia a instintiva covardia da alma perante a hora suprema.

— A menina mandou-me chamar?!... — entrou dizendo a velha criada, que era na casa a verdadeira providencia no governo e na disciplina, de que Luísa apenas mantinha a ordem superior. Vindo servir a familia ao nascimento de Luísa servira-lhe de ama seca e acompanhara-a sempre como pessoa de confiança, num prolongamento affectivo da familia, que nem mesmo a considerava criada.

— Sim, Adelaide, mandei-te chamar... — disse Luísa levantando a cabeça e fitando-a magoadamente.

— A menina está apoquentada?!... — perguntou aflita a pobre mulher, que na sua maternidade affectiva resumia todo o tesouro da pobre alma cheia de dedicação e fidelidade. — Teve algum desgosto?!...

— Os desgostos são sempre os mesmos.

— Ai, meu Deus!... quem havia de dizer, quem havia de dizer que o sr. D. Antonio havia de dar nisto? Minha rica menina, se os paisinhos soubessem da sua vida!... Se cá estivessem os seus manos!... Assim, está p'ráqui abandonada, sem ninguem que a defenda!... — E as lagrimas corriam-lhe pela cara abaixo, apesar do esforço em querer disfarçar a sua grande dôr, assoando-se ruidosamente.

— Não chores, Adelaide!... — sorria docemente Luísa. — Eu não sou hoje mais infeliz do que ontem; quem sabe até se poderei ser mais feliz com o que tu me vais dizer.

— Quem dêra, menina, que eu lhe pudesse dar algum socego!...

—Que historia foi essa entre a cosinheira e a Sabina?...

—Qual historia?!...

—Uma discussão que elas tiveram e que o Carlinhos ouviu...

—Ora, meu Deus! Aquela criança sempre é ladina!... Não lhe escapa nada!...

—Pois não, não!... É até vivo de mais, o que me assusta bastante, mas em todo o caso ouviu... Conta-me o que se passou.

—Oh menina!... Foi uma conversa sem importancia, coisa de criadas sem educação... Não vale a pena a menina dar importancia a essas historias.

—Ao contrario, Adelaide! Dou importancia, e muita! Pelo que me disse o Carlinhos é para mim duma importancia enorme. A Joaquina não se referia á Sabina quando disse que não queria servir as amantes do patrão?!...

—Oh, minha querida menina, não dê importancia a esses ditos. São coisas tão feias!... Nem vale a pena saber!

—Pois tu não comprehendes que eu quero saber!... Que eu quero mesmo que seja verdade?!...

—Quere que seja verdade?!...—abriu os olhos muito apavorada a pobre mulher.

—Sim, quero! Só dessa fórma eu terei motivo para requerer a separação...

—Então a menina quere separar-se do senhor D. Antonio, deixar esta casa, ficar sem amparo no mundo?! E o que dirá a senhora condessa?!... Ai, meu Deus; meu Deus!...—gemeu cada vez mais

aterrada, limpando os olhos ao avental.— O que dirão os seus paisinhos e os manos?...

— Ouve, Adelaide, não faças alarido. Todos hão de falar, mas no fim todos se hão de calar. Eu não posso mais suportar esta vida! ..

— Olhe, menina, os homens todos teem as suas verduras, depois com os anos assentam e ás vezes tornam-se até muito bons... O pai do senhor D. Antonio foi a mesma coisa e por fim nem já sahia de casa e a senhora condessa tinha-o ali como uma criança...

— Quasi paralitico, bem sei, já me contaram isso. Dessa maneira todos são bons. Mas eu não me importa que ele seja bom ou mau... o que quero é livrar-me desta vergonha...

— Eu nem acredito, menina, nisso que os criados dizem agora, com a Sabina... Ela é que é mesmo uma desavergonhada! Se não fosse ter sido recomendada pela senhora condessa eu já tinha prevenido a menina para a mandar embora...

— Que mal fizeste em me não dizer logo, Adelaide!...

— Se eu nem quero crêr que o senhor D. Antonio...

— Mas quero eu crêr, quero eu que seja! Dize lá o que falam os criados, ainda! O que eu quero é testemunhas e provas!... Ai, meu Deus, se isso pudesse ser!... Anda, Lai-lai, o que sabes tu, o que viste?... Conta!...—dizia convencente e nervosa, pondo-lhe a mão familiarmente nos hombros.

— Mas então a menina está contente com uma coisa destas?!... Eu nem acredito! Bem vejo que está com uma cara desfigurada, não diga que não tem des-

gosto!... Um casamento tão invejado, quem havia de dizer?!... — E limpava as lagrimas que não deixavam de lhe vir aos olhos repuxadas pela sinceridade da sua dôr.

— Olha, Adelaide, eu tenho pena de mim propria, de toda a minha vida perdida com este casamento invejado... como tu dizes, e que tão pouco tempo me deu de felicidade!

— Oh menina!... Eu nunca percebi que não fosse feliz, tinha tudo quanto era preciso!... Só depois do nascimento daquele menino, que não foi ávante...

— Olha, Lai-lai, tu não podias perceber estas coisas... Por isso não te dizia nada. Para que te havia de afligir? Agora é preciso que saibas que eu fui a mais desgraçada das mulheres desde que compreendi a ilusão dêsse triste casamento, tão invejado... — concluiu num amargurado sorriso.

— Quem o havia de dizer!...

— Digo-to eu e é bastante, pois não é?

— Se a menina o diz é porque é verdade.

— E tu tambem o hasde dizer quando for preciso.

— Eu, menina?!...

— Sim, tu! Então não podes dizer que me vias triste e aborrecida e que o senhor D. Antonio era muitas vezes inconveniente na maneira de tratar...

— Sim, isso posso dizer, que é a verdade. Mas era só quando ele vinha um pouco... esquisito. Coisas de homens! .. Bastantes vezes vi a menina com os olhos inchados de chorar... Mas estas coisas acontecem em todas as casas...

— Nem em todas, senão ninguem se casava.

— Sim, menina, os homens são todos difíceis de aturar...

— Não digas isso; olha o meu pai, os meus irmãos. o Sr. Dr. Henrique...

— Mas eu falo dos que são assim como o Sr. D. Antonio...

— Está bem, Adelaide, eu conto com a tua amizade por mim. O que quero é que me digas o que se passa nesta casa com essa mulher... dize a verdade. Tu viste alguma coisa?...

— Eu, menina, vêr, vêr, nunca vi senão ela ir arrumar o quarto quando o senhor lá estava e falarem muito, mas como foi recomendada pela senhora condessa julgava que era inocentemente...

— Sim, inocentemente... devia ser isso. A minha sogra pô-la ahi como espia, disse já eu desconfiava, mas como não faço nada que todos não possam saber não me importe nada com o facto.

— Foi no que a menina não fez bem... ela é muito atrevida, disse coisas que até a gente fica doida... Credo!

— Eu não me importo com o que ela diz, o que quero saber é o que os outros dizem dela e se são capazes de ser testemunhas quando eu os chamar.

— A Joaquina é mulher de palavra, isso é! E o Francisco também é rapaz serio, mas como é afilhado da senhora condessa, não sei o que fará... mas a costureira e o jardineiro disseram também muita coisa... até que ela mostrou prendas muito bonitas que lhe deu o sr. D. Antonio.

— E tu não me dizias nada!...

— Via-a tão triste, menina, que a não queria afligir mais e só pedia a Nossa Senhora que tudo acabasse em bem.

— Há-de acabar, sim, há-de acabar — disse Lúsa sorrindo, tendo adquirido uma serenidade e uma precisão nos pensamentos de que ela própria se admirava. Como certos combatentes que estremecem só de pensar nos perigos e sentem um retrahimento absurdo antes da luta, tornados herois quando o combate os empurra para a acção, também ela apavorada e hesitante com o pensamento do que teria de fazer para se libertar, agora que as circunstancias lhe punham os elementos de combate ao alcance das mãos, adquiria uma energia e uma coragem disciplinada que a transformavam por completo.

— Agora vai ter com a Sabina e dize-lhe que te chamei para te dar ordem de a despedir imediatamente. Não a quero nem mais uma hora nesta casa.

— Ela vai fazer um escandalo...

— Melhor! diz-lhe o recado deante de todas as outras e quanto mais falar melhor.

— E se ela disser coisas... sim, se ela falar na menina?!...

— Deixa-a falar, o que quero é que fale deante das outras e diga muita coisa.

A velha criada olhou-a subjugada e sahiu na docilidade confiante do seu amor feito de cega e humilde confiança.

V

O escandalo, propositadamente provocado por Luísa, fôra mais longe ainda do que ella supozera, porque o marido, numa irreflexão que a impunidade até ahí gosada lhe garantia, procurou-a logo, chamado do seu quarto pelos gritos queixosos da criada, que tentava resistir ás ordens que a governanta lhe transmitira.

Sentindo-o entrar sem pedir licença, Luísa, que escrevia serenamente, levantou a cabeça numa inter-rogação.

D. Antonio olhou-a com o ar provocante e desdenhoso que adótara nas raras occasiões em que se encontravam a sós, e perguntou com uma affectada ironia na voz:

— V. Ex.^a não me faz o favor de dizer o que se passa hoje nesta casa?...

— O mesmo de todos dias — respondeu olhando-o com serenidade, sem se mover do lugar onde estava, nem alterar a voz calma do costume.

Pela janela entreaberta uma nesga de sol entrava fazendo brilhar como pequeninas joias luminosas as poeiras esparsas no ar. Do jardim bem regado e fresco subia um doce perfume ás glicínias roxas que se entrelaçavam nas grades da escada e começavam a vestir o terraço, lutando com as rozeiras e com os jasmíns

delicados, que eram os preferidos de Luísa. No fundo transparente do céu, dum azul muito nitido a confundir-se com o azul do mar, uma velha araucaria estampava no fundo transparente do ar a sua linha correcta, ao lado do bracejar opulento duma enorme magnolia secular, atestado honroso dos pergaminhos da moradia aristocratica.

Na salinha onde a luz violenta de fora era quebrada docemente pelos estores cahidos com elegancia, as pequenas coisas que o gosto e a riqueza dumas poucas de gerações accumulara e escolhera, immobilisavam-se numa grande harmonia de beleza no conjunto de arte.

Mais uma vez a calma recolhida das coisas contrastava com a perturbação dos espiritos, criando o contraste de um ambiente de violencia e desagrado.

—O mesmo de todos ós dias, não!... Os seus filhos foram afastados inexplicavelmente e uma pessoa do serviço foi despedida sem razão...— respondeu D. Antonio com mal contida violencia, quebrando-se ante a attitude álgida da mulher.

—Os meus filhos — frizou Luísa — foram fazer uma simples visita de amizade... Enquanto ás pessoas do serviço da casa, só eu é que posso ser arbitra das razões que tenho para as conservar ou despedir do meu serviço.

—E' boa!... Mas então o que sou eu nesta casa?... Nem sequer me dá a honra de me consultar num assunto que igualmente me interessa, como chefe da familia? — continuou com o mesmo ar des-

denhoso que affectava ironico, mas a irritar-se cada vez mais com o ar sereno de Luísa.

— No serviço das criadas sempre me pareceu desnecessario que os homens se incomodassem, dispensando-me de o consultar. Demais a mais tratando-se duma serviçal, que não é fiel e que só por 'deferencia com a Senhora Condessa que a recomendou, não entrego á policia.

— A' policia?! E' bôa! E porquê não fará o favor de me dizer?!...

— Porque... certamente rouba os patrões uma criada que mostra joias de valor, dizendo que lhe foram dadas pelo dono da casa...

— E que fossem?! O que tinha a senhora com isso?!... — Preguntou irritado, contrastando com o ar de perfeita naturalidade que queria affectar, assentando-se em frente de Luísa, que não se movera.

— Moralmente não tenho nada com isso, mas legalmente devo ter... alem de não querer que se passem coisas desagradaveis na casa onde habitam os meus filhos.

— Os filhos pertencem-me mais do que á senhora e só eu posso ser o arbitro dos bons ou maus exemplos que tenham nesta casa...

— Como sou sua mãe e quem os tem criado e educado, sem necessitar dos seus conselhos ou da sua autoridade, continuarei a vigiar e a afastar do seu caminho o que lhes possa ser nocivo... material e moralmente.

— Para todos os efeitos eu é que sou o pai e perante a lei e a sociedade posso dispor deles e de tudo

que está nesta casa, sem mesmo a consultar...—respondeu D. Antonio, esforçando-se por manter o ar ironico com que encetara a conversa.

—Pode ser que assim seja, até ao momento em que um poder mais alto se oponha a essa injustiça.

—Não ha poder alto ou baixo que me tire o direito de pai.

—É afirmar muito...

—Vejo que está hoje muito misteriosa... Quem lhe ensinou essa doutrina?...—disse ele numa irritação que já mal podia conter.

—Como sempre não procuro o senhor para meu confidente—respondeu Luísa, fitando-o com altivez.

—Mas tem que procurar, porque eu é que sou o chefe da familia, o dono desta casa, o seu marido e senhor. Tudo quanto aqui está me pertence e posso dispor de todas as coisas, sem mesmo a consultar...—repisou, acentuando-se, com a irritação, o tique nervoso que lhe apanhava toda a face direita.

—E eu já lhe disse tambem, que a lei lhe dá esse direito até ao momento de lho retirar, por indigno de o ter...

—Indigno, eu?!... A senhora sabe bem o que está dizendo?—gritou cada vez mais irritado e levantando-se palido de colera. Os olhos de um azul desbotado encovavam-se mais do que de ordinario e uma palidez esverdeada lhe cobriu as faces, descolorindo os labios finos que tremiam de raiva.

—Sei muito bem o que digo—respondeu Luísa erguendo-se tambem. O senhor não tem autoridade para falar dessa maneira!... O senhor, que tem

arrastado o seu nome por todas as vergonhas e acaba por meter as suas amantes na casa onde vivem seus filhos... já não falo em mim, que só por elcs aqui estou.

— A senhora é que não tem o direito de me acusar porque me autorizou a fazê-lo negando-se a ser minha mulher, como tinha o dever de ser, como eu tinha o direito de lho exigir que fosse, se ainda me interessasse alguma coisa !...

— Já lho disse muita vez : as suas ironias como as suas irritações e violencias são-me igualmente indiferentes; eu não sou mais do que a mãe dessas pobres crianças, que não têm culpa de terem vindo ao mundo nas condições em que vieram.

— Está bem!... — Continuou ele a sorrir e assentando-se de novo, dominando aparentemente a colera que o tomara perante a serenidade de Luísa. — Mas o que me resta saber é se a mãe é tão digna de respeito como quer aparentar !...

Luísa teve um movimento de revolta e ia protestar, mas, dominando-se, respondeu com a mesma calma, que não perdera desde o principio. — Vejo que é impossivel manter por mais tempo uma situação que me inferioriza... até perante os seus olhos. É pois o momento de requerer a separação judicial.

Surprezo, as palpebras bateram-lhe nervosamente e dominando-se a custo, D. Antonio respondeu entre escarninho e violento :

— Separar-se judicialmente, é boa!... Para isso era preciso que eu quizesse. Eu é que a vou obrigar a viver comigo como esposa honrada e digna.

— Como esposa, eu?! — Protestou Luísa indignadamente, recuando num instintivo movimento de inconsciente defeza.

— Não é necessario fugir, que a não quero violentar — riu desdenhosamente — Heide obriga-la legalmente a cumprir os deveres, que ha quatro anos se recusa a cumprir.

— E quatro seculos que vivesse me recusaria a cumprir esses deveres imorais e infames. Morta que estivesse, se o senhor se chegasse ao pé de mim com esse sentido, levantar-me-hia para lhe repctir o meu desprezo.

— Bela tirada — gargalhou sarcastico. — Foram os seus amigos jornalistas que lhe ensinaram a representar a tragedia? Ora deixa-te de asneiras, Luísa...

— Continuou mudando de tom e affectando uma affectuosa familiaridade. — Porque afinal o que tens tu contra mim?... Até, se fosses outra, levantavas as mãos ao céu por teres um marido como eu!...

— É o que faço todos os dias — respondeu ela no mesmo tom.

— Dizes por troça o que no fundo é uma verdade. Imaginas que havia outro homem que consentisse em viver na mesma casa com a sua mulher... sua perante a lei e perante Deus — frisou numa nova irritação que ia crescendo, vinda com as proprias palavras, que procurava. — Com a *sua mulher* que durante quatro anos se recusa a cumprir os seus deveres de esposa?!...

— Deveres?!... Eu só conheço os deveres que a minha consciencia me ordena.

— E a sua consciencia não lhe ordena que respeite seu marido?!...— perguntou, já fora de si.

— Um marido como o senhor, que não soube respeitar sua mulher, deixou de o ser perante a minha consciencia, repito!

— Tudo isso é palavriado — gritou numa furia que já não dominava. — Ou vive comigo como mulher ou sou eu que a expulso de casa tirando-lhe os filhos, com o poder que a lei me dá.

— Se tenta vencer-me pelo medo como fez para que lhe desse mais esse desgraçadinho que foi para o cemiterio desfeito em podridão, está enganado! Então ameaçou-me da mesma forma e eu cedi porque era fraca e porque era ignorante, hoje é outra coisa!...

— Ah, sim!... Hoje está muito forte e muito instruida... Pois nós veremos quem vence. Eu tenho por mim a lei e Deus!...— ante um leve sorriso que Luísa esboçou, concluiu irritado — Ri-se de Deus, não é assim? É por a senhora ser hoje uma mulher sem crenças nem temor de Deus, que tambem se ri dos seus deveres!...

— Dou-lhe os parabens pela sua nova profissão de fé. Houve tempo em que o senhor ria das minhas pobres crenças de menina ingenua e dizia que a religião era uma coisa que se conservava por elegancia social...

— E nesse tempo a senhora simulava uma devoção que não tinha.

— Está enganado! Nesse tempo eu era sincera na minha fé e foi por ouvir as suas palavras e ver a

hipocrisia de todos que me rodeavam que raciocinei e duvidei.

— Isso foi trabalho das suas amigas livre-pensadeiras, demagôgas, feministas, e mais disparates, que a elucidaram?!...— Concluiu numa gargalhada de escarneo.

— Fosse quem fosse, eu não discuto consigo. Os factos são claros, o senhor mesmo o confessa; ha quatro anos que o seu procedimento fez com que me recuze a ser sua mulher, consentindo em viver nesta casa ao lado dos meus filhos a pedido de sua mãe, que a chorar me implorou que não fizesse escandalo.

— Por favor, não é verdade?...

— Por favor, efectivamente!... Ainda que o diga por ironia é a pura verdade. Por favor a sua mãe, de quem não tenho senão motivos de amizade e que me pediu que evitasse o escandalo duma separação.

— Que generosidade a de V. Ex.^a!...

— Hoje, como mãe e como educadora, entendo que não devo continuar a manter uma situação que o senhor não soube respeitar, aproveitando esta casa para ter as suas amantes ao lado da sua propria filha!... A sua presença aqui é um escandalo e uma vergonha para os seus filhos e para mim.

— Quer dizer que a minha presença a incomoda, não!... Naturalmente deseja o meu lugar para outro mais puro, não?...

— Deixe-me em paz. As suas insinuações são tão baixas e tão vis como o seu proprio character.

— Ah, eu é que insinuo, não é toda a gente que vê o que se passa com as suas intimidades?!...— dizia

bamboleando-se na cadeira num cinismo elegante, vendo que finalmente encontrara um ponto vulneravel no coração e no orgulho de Luísa.—Pois minha querida mulher, agora sou eu o senhor, sou eu que decido e mando: Ou vai viver comigo como esposa, não proseguindo no escandalo em que quer desacreditar essa pobre rapariga, que minha mãe lhe recomendou e protege, ou sou eu que faço escandalo e que requeiro a separação com motivos que a deixem para sempre perdida no conceito social e a privarão dos seus direitos de mãe.

—O senhor está doido! A minha consciencia põe-me acima de todas as insinuações infames...

—Ora, ora, a consciencia! Vale mais o dinheiro para arranjar provas e testemunhas do que o palavriado duma mulher, que se põe fora do seu meio e da sociedade, defendendo teorias imoraes e reles... só proprias da canalha.

—Pois se o senhor não quer sahir desta casa— protestou já com violencia, Luísa, que as palavras do marido finalmente atingiam na alma, causando-lhe uma dor violenta— eu saio com os meus filhos.

—A senhora pode sahir, só... ou com os seus amantes... Mas enquanto aos filhos fia mais fino, porque me pertencem. E ainda eu tenho o direito de a matar sendo louvado por toda a gente... porque lavei a honra ultrajada!—comentou numa gargalhada de ironia cinica.

—Se a lei fosse como o senhor diz, fugiria á lei, porque os filhos são meus, pertencem a mim só!...— Avançou numa indignação forte e sincera.—Fui eu

que os tive no meu proprio corpo, que lhe dei o meu sangue, a minha saude, a minha vida; que os protegi contra toda a inferioridade da sua herança miseravel!... Criei-os ao meu peito, ensinei-lhes a viver... Ah, era o que faltava que houvesse uma lei capaz de nos tirar!... Com as suas ameaças, o senhor só merece o meu despreso!...

— Bem me importa a mim com o seu despreso!... O meu direito está na lei.

— Provarei que o senhor é um miseravel, um vicioso, um crápula... Para salvar os meus filhos não terei pudor em dizer tudo!... tudo!... tudo!... Em provar todas as miserias e todas as vergonhas em que o senhor tentou poluir o meu corpo e a minha alma. Provarei que é um ebrio, um devasso, um cínico... que a sua linguagem de arceiro dentro de casa é o peor exemplo para os filhos... — E numa violencia arrebatada ante o riso escarninho do marido: — Hei-de dizer tudo, tudo!... Não terei medo do escandalo, hei-de provar a minha miseria perante os seus crimes...

Numa exaltação que venceu todo o dominio dos seus nervos enfrentava-se com o marido, que espumava de raiva vencido pela energia com que ela avançava, dominando-o com a sua força moral e com o vigor fisico da sua boa saude, opondo-se á miseria dum corpo torcido por todos os vicios que inferiorizam e vencem a vida no que tem de mais belo, a sua forma estectica.

— Ah, quer escandalo?!... — Gritou ele, já perdida toda a serenidade, que afectara até ahi. — Quer escandalo?!... Pois façamos escandalo. Eu não tenho medo

do escandalo!... Diga o que disser, todos se hão-de-
rir de si!... Um homem não receia o escandalo!...
A senhora verá, a senhora verá como vai dançar na
corda bamba!...

Ao sahir num gesto de ameaça e de violencia em-
purrou Marta que vinha entrando surpreendida pela
scena inexperada. E voltando-se num ar chocarreiro,
gritou ainda:

—Querem escandalo?!... Pois assim o terão.
Hão-de ir todos, conselheiros e conselheiras, metidos
no mesmo embrulho, corja!...—E sahiu com violencia.

Soluçando, Lúsa cahiu nos braços de Marta que
ficara á porta estarecida com a scena que não com-
preendia.

—Perdôa, perdôa, Marta! Por minha causa foste
e serás insultada!...

—Mas o que foi, filha, o que se passou?...

Uma gritaria dentro e as vozes das crianças cho-
rando, chamaram Lúsa, que sem responder correu
para fóra como louca, seguida de Marta que temia
uma desgraça e não sabia que fazer na hezitação de
tudo que se passava e era um misterio para ela.

D. Antonio, na violencia da sua colera, encon-
trara as crianças que tinham voltado com Marta e
agarrando-as pelos braços bradou-lhes:

—Venham comigo immediatamente, quero eu!... Eu
é que sou o dono da casa!... Eu é que tenho o direito
de os mandar! Sou o seu Pai, ouviram bem?... Ve-
nham já comigo; já; já!...

Ante o espanto espavorido dos filhos e da criada-
gem, que viera toda, acorrendo aos gritos aflitivos das

crianças e á violencia da sua voz irritada, chamava por Sabina :

— Vem daí!... Tu é que has de ser a sua mãe!... Agarra-os; tapa-lhes a boca, tu é que és a minha verdadeira mulher!...

— Senhor D. Antonio, Senhor D. Antonio, por quem é!... — gritava Adelaide agarrando as crianças, que lhe estendiam os braços livres numa supplica angustiada.

— Para onde vai você, sua desavergonhada!... — dizia Francisco, segurando Sabina, que mal se podia defender dos protestos violentos da cosinheira, insultando-a com a energia acumulada do seu odio, ante a curiosidade escandalosa de todo o pessoal da casa, que aparecia correndo.

Louca de angustia, Lúsa correu para os filhos, empurrando violentamente o marido, que avançara na intenção violenta de a maltratar.

Dominado facilmente pelos braços vigorosos do criado e de Adelaide, que fazia do seu proprio corpo uma barreira, dando ensejo a que Lúsa fugisse, D. Antonio gritava em delirio todas as violencias e insultava a mulher, repetindo numa obsecação de demente :

— Eu é que sou o dono!... Eu é que mando!... Eu é que sou o senhor da casa!... A Sabina é a minha mulher!...

Com o Carlinhos desmaiado nos braços e Joannha chorando, agarrada ao vestido, Lúsa entrou ofegante, gritando para Marta :

— Matou, matou o meu filho!... Telefona para o

Manuel. Que venha, que venha sem perder um instante!.. Que venha salvar o meu filho!..

E cafu a chorar convulsivamente junto do sofá onde a criança, pálida de morte, não fazia um movimento.

VI

Naquele dia, só tarde, depois de ver o Carlinhos entregue aos cuidados do Dr. Manuel Faria, a que aflitivamente telefonara, é que Marta voltara a casa, levando Joaninha com a filha, ambas chorosas e magoadas com a scena violenta a que tinham assistido, sem nitidamente compreenderem o seu alcance, apesar do pavor que lhes causara.

Depois voltara todos os dias a acompanhar Luísa, que não mais saíra da cabeceira do pequenino leito onde a criança quasi morria na febre intensa em que o susto lhe abalara os delicados nervos hereditariamente excitados.

Nos primeiros dias a agonia de Luísa fôra um calvario incomportavel, não vivendo senão da vida hesitante da criança, que o medico erguia da morte com uma dedicação infinita, vigiando momento a momento as fases da doença com a ânsia de quem a esse fiosinho débil de vida tivesse ligada a esperança da sua propria felicidade.

Luísa esquecera tudo; todos os interesses desapareciam perante aquele interesse unico, que era a vida do filho.

Nem mais soubera nem procurara saber do marido, que de restoq tambem nada se preocupara com a saúde do filho, enchendo a cidade com o

escandalo da sua vida dissoluta, fazendo gala em falar da mulher com um cinismo, que até aí não tivera nos assuntos que diziam respeito à propria familia.

Depois da crise que mais parecêra um ataque de loucura, saíra com Sabina levando-a para um hotel elegante e fazendo luxo em ostentar as suas relações com a rapariga, que mandara encadernar em senhora e «lançava na vida elegante» como proclamava nas orgias com os amigos.

Luisa, sem dar por isso, nem para tal resultado fazer um gesto, começava a subir no conceito da «sociedade» chocada no convencionalismo das atitudes, pelo cinismo escandaloso de D. Antonio. Os proprios amigos que o acompanhavam nas orgias, em que dissipava largamente o dinheiro e a saude, eram os primeiros que o criticavam, carregando as aventuras contadas em familia com as cores mais violentas e chocantes.

A condessa de Santo André, desolada com os factos que inutilisavam todo o seu longo sacrificio de anos amargurados, só vividos na intimidade orgulhosa do seu coração, mal soubera da doença do neto correr a vê-lo e voltara todos os dias, passando junto do telefone, na ânsia de noticias, as horas do dia.

Luisa, que tinha uma infinita piedade pelo sofrimento da sogra, de quem só se sentia afastada pelo facto material da existencia do marido, que nunca as deixara entenderem-se e estimarem-se, como tudo o indicara nos primeiros anos da sua convivencia, dera

ordem para que estivesse sempre alguém junto do aparelho, de modo a atenderem a avó na sua ansiedade dolorosa.

Agora, com as melhoras do Carlinhos, embora muito lentamente conseguidas, uma preocupação apavorada enchia o espirito de Luísa: De dia e de noite tremia com o receio de que o marido, em novo ataque de furia, voltasse a casa, da qual não podia ainda saír sem perigo para a criança, que numa nova excitação poderia ser atingida pelo mal que era o seu pavor, essa meningite a que o predispunha a hereditariiedade viciosa.

Para evitar esse facto que de dia para dia a assustava mais, ocupando no seu espirito o logar que os cuidados pelo doente iam alargando, começou a juntar os documentos que julgava necessarios e outros que Henrique lhe indicara para dar os primeiros passos e requerer a separação judicial, que a garantisse duma surpresa, vinda duma pessoa que perdera toda a noção das conveniencias, já mesmo não se tratando da moral.

Entregando à amiga o envelope contendo os documentos, Luísa pedira-lhe que insistisse com o marido para não protelar o assunto, pois só assim podia continuar socegada a cuidar do filho.

Era o que Marta fazia nesse momento, debruçada sobre o hombro de Henrique, que os examinava cuidadosamente, assentado à sua grande secretária de trabalho onde todas as coisas tinham lugar marcado, numa ordem meticulosa que correspondia perfeitamente à ordem disciplinada das suas ideias.

— Que te parece, Henrique, essas provas serão suficientes para se requerer a separação imediata, além da testemunhal... é claro!...

— Vamos a ver... Mas essa é que é importante. Aqui até ha coisas inúteis e que ela... com certeza, não arranjou agora.

— O que é?... Acho que documentos e provas nunca são demais numa questão. — Disse Marta pegando no papel que o marido lhe entregava e examinando-o com o conhecimento de quem, desde pequena, se vê rodeada de assuntos juridicos.

— Por exemplo, esta certidão de obito do pequeno que nasceu morto e a declaração dos medicos...

— Ora essa!... Não concordo com essa opinião. Acho que esse documento em que os peritos declaram que a criança nasceu morta em completo estado de decomposição sifilitica, só por milagre não contagiando a mãe, é uma prova importante para o processo.

— Moralmente, se os juizes o quizerem ler, pode influir no julgamento, mas juridicamente não nos serve para nada.

— Hasde confessar que é uma infamia.

— Pois é, mas que queres? Os advogados só podem trabalhar com a lei na mão. Os motivos para a separação judicial lá estão bem expressos no Codigo, artigo 1204...

— Bem sei, bem sei, já me deste a nota que entreguei à Luísa.

— Portanto, aqui só temos um motivo serio, que é o: «Adulterio do marido, com o escandalo publico e concubinage no domicilio conjugal»!...

— Oh senhores!... Isso é até uma ofensa à mulher; pois não é muito maior crime o facto de matar um filho e poder contagiar a mãe?...

Marta, que em solteira fora a secretária do pai, interessando-se pelos seus trabalhos numa camaradagem intelectual que o marido continuava, discutia as questões jurídicas com o interesse social e combativo da sua viva intelligencia, dando ao talento e, ao sãber legalista do marido um incitamento que lhe eram de grande vantagem.

— Pois sim — respondeu-lhe com grande calma — para a nossa consciencia esse facto é um crime, mas as leis são leis e os juizes não julgam com a consciencia nem com o coração!... Teem de julgar juridicamente, em face das provas legais, e só dessas!...

— Se eu fosse juiz não julgava dessa forma.

— Se tu fosses juiz!... Havia de ser bonito, um juiz a desprezar as leis!...

— Fazia como o bom juiz Magnaud, que julga em primeiro lugar a sociedade que dá aso a que os crimes se cometam:

— Pois sim!... Hade fazer muito com as suas theorias esse Salomãosinho do seculo 20, cheio de boas intenções, não o nego, mas impotente para solucionar os problemas morais e sociais do nosso tempo e aumentando ainda a confusão em que vivemos.

— No entanto, todos o admiram e o seu exemplo é apontado!...

— Mas tu verás que ha de ser forçado a retirar-se da vida juridica, pela reacção da propria França, legalista e conservadora. O que ele está fazendo é

uma propaganda dissolvente e anarquista que não pode ser permitida.

—Se lhe retirassem a faculdade de julgar conforme a sua consciencia e a intelligente visão das coisas, seria uma infamia!

—Não digas isso, Marta! O que é necessario é modificar as leis e não desrespeitá-las. Embora más e deficientes sempre são um apoio moral e uma garantia. Sem elas teriamos o arbitrio dum juiz... falível. Hoje era um julgamento bom, porque partia duma pessoa inteligente e conscienciosa; mas caíamos amanhã numa infamia injusta se o juiz fosse mau, estúpido ou venal...

—A questão era escolher juizes bons!...

—A gente sabe lá onde eles estão!... Depois, o criterio humano é falível e o que é bom para uns é mau para outros.

—Não!... Ha sempre uma certa justiça imanente das coisas...

—Não te iludas, Martasinha, amiga e generosa; caíamos na justiça de moiro...

—No entanto o juri... que veio substituir o juizo de Deus, que é a voz do povo, baseia-se na consciencia dos homens e não nas provas juridicas.

—Está bem, temos o juri para atenuar o rigor das leis... Concordo!... O que é preciso é que elas existam e se modifiquem conforme as necessidades sociais, mas que se respeitem enquanto estão em vigor. Isso é que é necessario!...

—Mas a prova de que as leis nem sempre correspondem á justiça verdadeira e há necessidade

de as restringir ou alargar, é que se instituiu o juri...

— Pois olha, o proprio juri, que foi uma aspiração liberal, vai estando um pouco desacreditado!...

— E és tu que dizes essa barbaridade, tu, um revolucionario perigoso... e propagandista?!... — disse Marta, rindo muito e apertando entre as mãos a cabeça do marido, que beijou na testa, com ternura.

— Não!... — protestou Henrique, querendo defender-se da acusação e discutindo com entusiasmo, como vulgarmente faziam quando estavam sós, considerando esse continuo trabalho de inteligencia combativa um dos prazeres maiores da sua vida intima.

Marta ria e abraçava-o proclamando-se vitoriosa, o que já começava a irritá-lo, na sua necessidade de provar a si proprio que não havia contradição entre a sua consciencia de homem e de revolucionario, que sonhava o equilibrio duma sociedade mais harmonicamente perfeita em face da evolução humana, e a sua consciencia juridica.

— Vocês, as mulheres, hão-de ser sempre umas sofistas, incapazes de compreenderem o sentimento da legalidade...

— Essa agora é ofensiva! Vê se a Porcia não julgou como nenhum juiz o faria o infame Shyloc — continuava ela a rir.

— Pois é!... Em tudo quanto seja sofismar estão vocês bem. À rétorica do crime é que vos pode servir...

— A minha pena é, não ter o curso para ser advogada...

—Sim! Advogadas poderão ser aproveitáveis, agora como julgadores nunca!...

—Estás um feminista muito masculinista!... Mas voltemos á questão principal. Então essa certidão dos medicos não vale nada?...

—Já te disse; para a questão legal da separação não vale nada... Pois as causas juridicas são ..

—Bem sei, bem sei, já tenho de cór e salteado esse estúpido artigo 1204 do Codigo Civil.

—O que te posso fazer é tomar nota para defender, quando se estudar a lei do divorcio, como um motivo dos mais serios as *doenças contagiosas*... Estás contente?

—Decerto que é justo.

—E não será tambem falta de piedade?!...

—Falta de piedade, como?!...

—Supõe que eu estava tuberculoso!...

—Oh, Henrique!...—balbuciou Marta, beijando-o com amor e com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos.—Pois tu não vês que o divorcio é só para os que se não amam e que é injusto receber uma doença duma pessoa que se despreza, como succede com a Luísa?!... Se tu estivesse doente, fosse a doença mais terrivel, ainda mesmo a lepra, de que tenho tanto horror, para mim serias sempre o mesmo, nunca deixaria de te amar e estar ao teu lado!... Até era uma consolação, que assim seria eu só a amar-te...—concluiu sorrindo por entre os beijos reconhecidos do marido.

—Aqui temos um grande caderno!... O que é isto?...—recomeçou Henrique a examinar os papeis.

— Isso é toda a historia intima da sua vida, que a Luísa escreveu para te facilitar os articulados.

— Então ha quatro anos que eles vivem de facto separados?!...—preguntou o advogado folheando o caderno.

— Sim, desde que nasceu o tal aborto.

— Não sei como o marido se tem sujeitado...

— Foi uma imposição da mãe, que é a unica pessoa por quem ele tem um bocadinho de respeito, ante a ameaça de escandalo da Luísa.

— Que vida tão estúpida!... Quando penso em casamentos destes em face do nosso, Marta, ainda mais me afervôro na minha propaganda pelo divorcio—dizia ele passando-lhe a mão pela cinta e chegando bem a si esse corpo amado, que era como uma parte da sua propria vida.

— Decerto, Henrique! O divorcio é a melhor garantia dos bons casamentos! Assim já se sabe que duas pessoas que estão juntas e mantem os seus compromissos de familia é porque se amam e se respeitam... Ao contrario do que dizem, eu acho que o divorcio só vem dar prestigio aos bons casamentos e elevar a familia...

— Eu tambem penso dessa forma e por isso o defendo... para os outros. Se todos tivessem uma mulhersinha como eu, não havia necessidade do divorcio...

— E as mulheres um marido como tu.. Não sejas modesto!...—respondeu sorrindo.

Depois continuou mostrando-lhe os documentos.

—Olha, Henrique, está aqui uma carta, que me parece também uma bõa prova...

—Deixa ver...

—É do procurador dizendo á Luísa que não pode mandar dinheiro para as despezas da casa, porque o Antonio está empenhado com dividas de jogo...

—Essa também é só uma prova moral. O jogo e a prodigalidade podem ser motivo para se lhe retirar a administração mas não para a separação!...

—Que leis!... E os filhos nascidos e creados de pais ricos; podem ficar a pedir esmola?...

—Mais outro motivo para as razões do divorcio — disse Henrique a rir.

—E bem sério é esse!... Todos os vícios deveriam ser motivo de divorcio.

—Até o fumo?—preguntou Henrique tirando um charuto que acendeu vagarosamente.

—Só aqueles que fossem consentidos... ou tolerados pelas mulheres, é que não... —sorriu Marta chegando-lhe o cinzeiro.

—Pobre Luíza!... —lamentou o marido levantando-se e passeando pelo escritorio.

Marta afundara-se no *maple* que ficava ao lado da secretaria, folheando o *dossier*. Tomava nota dos documentos que metia cuidadosamente numa pasta de papel, onde escrevera o nome da amiga e preparava assim o trabalho do marido.

No escritorio, mobilado e decorado com uma elegancia sobria e uma linha moderna acolhedora e confortavel, Henrique passeava fumando, numa grande concentração de espirito. De quando em

quando parava junto dum quadro que endireitava sobre a parede, dum cinzento unido onde as telas resaltavam bem; compunha uma estatueta ou uma jarra, parava em frente da estante dos livros e ia até á janela, verdadeiramente preocupado.

— Parece-te que o processo vai ser difficil? — perguntou Marta, chamando-lhe a atenção.

— Tudo depende das testemunhas, pois como vês nada mais podemos alegar senão o escandalo publico e a mancebia em casa...

— Sevicias e ofensas graves, tambem a Luísa aqui aponta, descrevendo scenas horrorosas. Eu nem sabia bem até onde ia aquella miseria. A Adelaide, a criada velha, é dada como testemunha e se não se atrapalhar, bastante terá que dizer. O Antonio insultava a mulher frequentemente, até mesmo deante das crianças e por vezes a brutalisou... Eu nem compreendo como a Luísa se defendeu e suportou a sua presença durante tanto tempo, especialmente nestes quatro anos!

— E ha-de ser um elemento para a defesa do advogado dele, pois dará motivo a suspeitas, uma mulher viver durante anos com um marido, que só a partir de certo tempo se lhe torna odioso e insuportavel!...

— Mas é natural!... As pessoas sofrem, sofrem até um limite, depois não é possivel mais e a medida transborda. Ela sempre julgou que poderia manter-se até que os filhos fossem grandes e lhe dessem força, pondo-se ao seu lado.

— Mas em consciencia não te parece que o Manuel Faria tenha responsabilidade moral no caso?...

—Com franqueza, acho que não. Vocês, os homens, são muito mal pensados!... — ralhou ante o gesto de duvida, mal esboçado pelo marido.

—E vocês, ainda as mais inteligentes, muito ingenuas.

—Não é ingenuidade, é o conhecimento das criaturas. É certo que a pobre alma desolada que é a Luisa encontrou um apoio sentimental no amor evidente do Manuel, mas daí a influir nos sentimentos pelo marido, não me parece sequer defensável; tanto mais que a sua separação de facto, dura ha quatro anos, como ela propria aqui diz na exposição. O Manuel é para a Luisa um refugio sentimental e platónico.

—Tens a certeza?... — sorriu Henrique voltando a sentar-se junto da mulher.

—Toda a certeza psicologica que nestes casos se pode ter... Os factos irremediáveis dependem tantas vezes de circumstancias fortuitas!... Mas a minha opinião é que, além da sua linha, duma alta moralidade intima, a Luisa não é uma apaixonada... Com todas as características da mulher portuguesa, ela é muito mais a mãe do que a amante. Tenho a certeza que seria felicissima, duma grande, serena e completa felicidade sentimental, se pudesse casar com o Manuel Faria; mas que sem isso não é capaz de ceder á paixão dele nem ao seu proprio sentimento tambem tenho a certeza.

—Dependerá tambem dele...

—Mas tu bem sabes que é um tímido, que vive em adoração da mulher superior pela educação e pela classe social a que pertence...

—Emfim!... O que é pena é que não lhes possamos dar o divorcio para serem muito felizes...

—E terem muitos meninos, como nos contos.

—No entanto, repito, é necessario trabalharem bem as testemunhas, não vão dizer qualquer coisa que favoreça a calunia de que não deixarão de lançar mão, porque a condessa quererá a todo o transe tirar-lhe os filhos.

—A Luísa confia tanto na bondade e justiça da sogra!...

—Por vagas informações que me teem chegado aos ouvidos a minha confiança não é a mesma!... É até muito limitada. Compreende-se a sua tolerancia e a sua bondade para a nóra enquanto com elas conseguia captá-la e evitar o escandalo publico dum processo, mas desde que já não os evita, ha-de lutar pelos netos...

—Pelo Carlinhos, que é o herdeiro do nome; da pequena não se importa.

—Pois bem, lutará pelo herdeiro.

—Mas a Luísa defenderá os seus direitos...

—São duas mães a defenderem o que julgam ser a sua justiça.

—Julgam, ora essa?!...

—Legalmente é o pai que tem o direito...

—Ora deixa dormir descansado esse direito torto; os filhos pertencem ás mães...

—Teorias, teorias!... Em todo o caso, voltando ao lado pratico da vida, sustentem as testemunhas. Tu has-de saber o que isso é! ..

—Suponho que devemos ter confiança nelas...

Eu, pelo menos, confio, porque são quasi todas mulheres.

— Olha que isso já é exagero de feminismo!... — riu-se o advogado.

— Não! Lembra-te do caso da D. Palmira. Por três vezes começou o processo e sempre o marido comprava a prova testemunhal, mas quando se arranjaram só senhoras, não houve peitãs possíveis e ela venceu. Até o teu colega, advogado do marido, protestava, furioso, que tinham sido as viboras das mulheres, que tudo tinham estragado...

— É verdade — riu Henrique.

— É que as mulheres teem um sentimento maior da propria responsabilidade...

— Pode ser!... Eu só recomendo cuidado com elas porque são o unico madeiro a que temos de nos agarrar...

Conversando e discutindo, naquela camaradagem espiritual e sentimental que era o maior encanto e a grande força da sua vida de casados, continuaram a trabalhar preparando o processo que ia ter uma repercursão escandalosa com a qual o advogado já contava, preparando-se para a luta.

VII

Com a apresentação em juízo do requerimento de Luísa o escândalo rebentara violento, apaixonando toda a sociedade portuguesa, porque as relações de parentesco e de amizade dos dois lados estendiam-se pelas provincias, de norte a sul do país, conhecendo-se de nome e discriminando-se as familias ramo a ramo, como se fossem todas saídas da mesma fonte.

A posição social, o nome, a propria fortuna, que o marido dissipava ruidosamente, numa inconsciencia dementada, tudo concorria para que a separação requerida por Luísa de Sá Pereira Albuquerque, das familias mais nobres das três Beiras, com solar brazonado na sua quinta das « Armas » em São Torquato da Serra, contra D. Antonio de Vasconcelos (vulgarmente conhecido pelo titulo de Conde de S.^{to} André, que não usava, por fidelidade dinastica) fosse um desses acontecimentos juridicos e sociais, que não deixava ninguem indifferente.

Dele se fizera uma questão social e politica, formando ao lado de Luísa todos os que combatiam pelas novas ideias e formas politicas, atraídos pelo nome do advogado, que tinha tomado a questão sob todos os aspectos combativos, com um interesse maior do que se fosse propriamente sua.

Com ele estavam as amigas de Marta, que discu-

tiam e defendiam o ponto de vista social chamando para o mesmo apaixonado interesse todos os que tomavam posições na grande luta, que em breve ia ser um facto historico da nação.

Pelo lado dos partidarios de D. Antonio não era menor o entusiasmo apaixonado na luta, confundida politicamente com ideias defendidas pelos contrarios.

O escandalo alastrava em intrigas e ditos e calunias, que os agentes das opiniões varias alviçaravam de casa para casa, de grupo para grupo, azedando e complicando tudo.

A opôr-se ao grupo excitado, em que Maria Valente tomava um interesse de proselitismo fanatico, estava o grupo da Baroneza do Lamegal, em cujas salas passava como torrente impetuosa de lama a reputação de toda a gente conhecida de Lisboa.

Ali era o terreno neutro, onde a verdadeira sociedade aristocratica e politica se sentia apoiada ou desapoiada, todos adulando a dona da casa cujo espirito mordaz era citado em frases marcantes, como ferrete de posse.

Em volta da sua intelligencia vivaz de nevrotica, excitada pelo éter, fervilhava uma côrte de inferiores, de arrivistas e de falhados, que á sua sombra conseguiam tomar posição na sociedade e assim a adulavam e serviam os seus caprichos...

O caso escandaloso da separação judicial assumira naquele meio uma importancia que de dia para dia aumentava.

Só Luísa, ainda absorvida nos cuidados que a doença do filho reclamava, se mantinha alheia ao

movimento da vaga escandalosa que o seu gesto de revolta provocara, mal suspeitando o que em volta do seu nome se propalava, protegida na sua ignorancia pelo cuidado do medico e das amigas mais intimas, que afastavam do seu lado todos os impertinentes e imprudentes linguareiros.

O que queria saber e todos os dias perguntava a Marta era se podia estar ali até o Carlinhos melhorar completamente, sem receio de que o marido voltasse a casa, provocando nova crise, que seria decerto fatal para o doentinho.

E no meio de todos os choques, sofrendo de todos os golpes que a violencia do combate vinha ferindo, uma pessoa sofria mais do que ninguem porque era a sua propria alma, era o seu orgulho, razão maxima da sua existencia, que se arrastava em frangalhos por todas as miserias e por todas as amarguras, sem poder opor-se nem sufocar um movimento que adquirira uma força destrutiva, que já não estava na sua mão suspender, era a mãe de D. Antonio.

Entendera-se com o advogado da sua casa, e tomara sobre si o encargo doloroso de parte, que o filho era incapaz de desempenhar cabalmente, só ameaçando em linguagem eriçada de calão todos os que julgava adversarios, embora mesmo nada soubessem do assunto.

D. Filomena de Vasconcelos, na sociedade e no convivio intimo das relações escolhidas tratada familiarmente, pela Condessa, tomara conhecimento do longo articulado em que Henrique expunha o caso juridico alargando-se em considerações sob o ponto

de vista moral e social; que nada favoreciam a parte contraria.

Entrava-se francamente na questão pessoal e odiosa que outra não podia haver em face da sequidão limitada dos artigos do Codigo.

A Condessa sentia-se esmagada pela crueza dos factos, que o respeito de que se rodeara até aí a tinham feito ignorar em toda a sua nitidez.

Em face daquele sudario, a sua alma vergava ao peso duma vergonha imerecida e todo o sacrificio da sua propria existencia se pulverisara numa inutilidade dolorosa que a révoltava.

Suster ainda o escandalo foi o pensamento que a ergueu na tragedia intima de mais um sacrificio, dirigindo-se na carruagem fechada para casa do filho, onde não voltara desde que a questão fôra começada, contentando-se com as noticias que pelo telefone sabia do neto.

Quando Lufsa foi informada por Adelaide de que a sogra a esperava no salão, uma desagradavel sensação de frio lhe percorreu a espinha.

Essa entrevista, até certo ponto inevitavel, esperava-a desde o primeiro momento e para a evitar teria feito muitas transigencias e sacrificios; mas desde que ela se aproximava como um combate a vencer a sua alma corajosa aceitava-a sem protesto.

Foi ainda junto do leito onde o Carlinhos dormia e muito de leve, quasi num sopro, os seus labios passaram nos cabelitos ligeiramente encaracolados, como o crente que beija as reliquias sagradas antes do perigo que o ameaça. Deixando Adelaide a vigiar

a criança, dirigiu-se para o salão com aparente serenidade.

Mal correspondendo ao cumprimento, a condessa entrou logo no assunto que a trazia, com uma decisão em que punha também uma coragem moral, que era uma violência.

—É então definitiva a sua resolução?!... Tudo quanto me tinham dito é verdade?!...

—Não sei o que disseram a V. Ex.^a para lhe poder responder—disse Luísa na defensiva.

—A separação judicial requerida e o escandalo que vai provocar com as razões expostas.

—Desde que requeresse a separação, as razões são as que a verdade impõe. A não ser que o filho de V. Ex.^a acordasse numa separação amigavel da qual nem quiz ouvir falar ao meu advogado.

—Uma separação proposta tirando-lhe o direito á educação do filho, era uma violencia, Luísa, que um homem da nossa familia não accitaria jamais!... Seria uma vergonha para o seu nome.

—Então a justiça que nos julgue, foi para ela que apelei... em nome dos meus filhos!

—Vai sujar a agua que eles hão-de beber!...

—Mais suja e mais venenosa do que já está, não pode tornar-se... E não fui eu que a sujei—disse Luísa com um tão grande amargor, que a velha senhora se sentiu amolecer na sequidão das suas palavras.

—Mas, Luísa—continuou com uma voz menos áspera—o escandalo não se tinha tornado publico, como vai ser agora, atirando para a sociedade com a honra da nossa casa.

— V. Ex.^a sabe que esta separação era inevitavel. Mais ano menos ano, mais mês menos mês, as coisas haviam de chegar a esta conclusão logica... Ha quatro anos que iamos caminhando para ela e se mais cedo não se deu, só em atenção por V. Ex.^a assim foi...

— Obrigada!... — murmurou amargamente.

— Embora mo não agradeça, minha senhora, foi só a estima e consideração por V. Ex.^a e o reconhecimento pela ternura que lhe mereci e amor que tem ao seu neto, que me fez recuar tanto tempo perante o inevitavel...

— E essa consideração que teve até aqui, minha filha, porque a não continuará a ter?... — disse a velha senhora com uma esperança de conciliação a iluminar-lhe os olhos.

— Tudo neste mundo tem um limite! E a paciencia e a dignidade humana tambem um dia deixam de poder transigir mais!...

— E se ele se arrependesse, se lhe pedisse desculpa das suas faltas?... — insinuou a mãe, na sua grande ânsia de remediar o mal que ainda lhe não parecia definitivo.

— Por quem é, senhora Condessa — respondeu Luisa com indignação — por quem é e pelo respeito que lhe tenho, peço-lhe que não insista nessa ideia! O que se passa são coisas que nem se deviam discutir entre nós. Os factos que se deram agora não aumentaram em coisa alguma a repulsa moral e fisica, que já me separava de seu filho... Eles apenas foram os elementos necessarios para o meu procedimento juridico...

— Quer dizer, que até os estimou!... que os provocou talvez!... — começou de novo a sentir-se a irritação na maneira quasi aggressiva como a Condessa respondeu. — Não é uma esposa ofendida no seu legitimo orgulho... é apenas uma mulher que deitou mão duma vingança para se libertar.

— Não é uma vingança — tornou Luísa, aparando o golpe com muita dignidade — não minha senhora! Eu não desejo vingar-me, porque nunca paguei o mal com o mal!... O acto a que me levaram as circunstancias é uma coisa maduramente pensada e consciente...

— O seu egoismo sacrifica o nome dos seus proprios filhos!...

— E é por eles, minha senhora, que me sujeito a todas as violencias e entro numa luta em que a minha alma vai sofrer...

— Pelo interesse de seus filhos?!... — riu sarcastica. — É pelo seu interesse que vai atirar com o nome do pai para todas as vergonhas e maledicencias escandalosas!... Vai chamar sobre a cabeça dos innocentes o desprezo da sociedade e fazer cahir uma nodoa inapagavel sobre a familia de que faz parte!...

— Se os meus filhos se sentirem mal com o nome de seu pai poderão escolher o que lhes hei-de deixar com honra...

— Isso é um insulto, que lhe não perdoarei nunca, Luísa!

— Que importa um grande nome se não corresponder a uma grande alma? É preferivel até não o ter para não deshonnar os que o deixaram...

—Essa moral é muito comoda... para uma revolucionaria. Não são as ideias duma senhora da nossa classe! Bem-se vê que a Luísa está rodeada de maus conselheiros... Nunca as senhoras desta familia disseram coisas semelhantes!...

—Senhora Condessa, é duvidar muito do meu character e da minha intelligencia supor que necessitei de conselhos para abrir os olhos á verdade e á justiça!... —E com muita dignidade— V. Ex.^a bem sabe, como vim para o casamento cheia de fé e desejando ser a continuadora das virtudes das senhoras desta familia. Foi seu filho, foi ele só, pelas suas faltas, pela sua immoralidade, por tudo quanto V. Ex.^a bem sabe... que levantou na minha alma esta revolta que não mais se acalma enquanto a minha vida depender da dele, ainda que seja por um fio!... Caluniar os meus amigos é um insulto para o meu character!...

—Eu não a quero insultar— insinuou mais transigente, no desejo de a captar pela ternura, vendo que ia prejudicando a causa com uma violencia sem razão.—Oíça, Luísa! Não veja em mim uma sogra, no sentido vulgar da palavra!...

—Nunca a olhei como tal, senhora Condessa! Bem sabe o carinho e o respeito que lhe tenho tido sempre... e só por V. Ex.^a eu suportei estes onze anos de tormento e desilusão!... No meu casamento com seu filho só houve uma coisa que tem um bom sentido e será um eterno reconhecimento para o meu espirito... é V. Ex.^a.

—Não diga isso, Luísa!... O Antonio ainda pode arrepende-se... Creio mesmo que se a menina con-

sentisse ele lhe pediria perdão das ofensas e... ainda voltariam a ter paz.

— Que horror!... — protestou num movimento instintivo de revolta.

— É o pai dos seus filhos!... Não pode ter essa repugnancia pelo homem com quem casou á face de Deus e dos homens... — ralhou docemente a velha senhora.

E Luísa cahindo em si, pensando na amargura do seu coração de mãe, continuou com mais calma:

— É impossivel! Não nos entendemos desde o principio, quando havia ainda um pouco de amizade a limar as arestas, agora... é muito tarde!

— Mas os seus filhos, Luísa?! Quer dar aos seus filhos uma situação social que lhes trará vergonha e miseria?! Já não quero que se lembre que é esposa; não! Isso está na sua consciencia de mulher, mas lembre-se que é mãe e que pelos filhos devemos sacrificar-nos até ao infinito das maiores amarguras!...

— É por ser mãe, é pelo amor dos meus filhos que luto pela minha libertação. — E com uma vehemencia que ia crescendo com o calor das proprias palavras — É por eles! Para lhes dar um ambiente moral em que possam crescer, formando-lhes o character, elevando-lhes a alma! Por eles tenho sofrido, sofrido tudo, acorrentada a todos os preconceitos, esmagada pela vergonha de mim propria; mas esse sacrificio já o reconheci inutil e prejudicial! Ter uma familia desorganizada como a nossa é o peor exemplo que se pode dar a um filho!... O meu dever, o meu direito de mãe, é defender os filhos dos exemplos que só lhes podem

diminuir a alma e amargurar-lhes toda a existencia... E V. Ex^a, que tanto ama o seu neto, quer sacrificá-lo mais?! Ainda não está livre de perigo e nunca mais se libertará do pavor das horas passadas!...

—É também filho dele!...—gritou, quasi numa defesa violenta.—Oh, vocês, as mulheres de hoje, julgam-se honestas e dignas fugindo aos deveres que a sociedade e Deus lhes marcou!... Respondem com a violencia á violencia dos seus senhores e julgam que os podem vencer! Atiram-se para uma revolta e reclamam liberdades e direitos, que Deus não consente, que Deus amaldiçoa!... Por mais que façam não poderão negar os filhos aos seus proprios pais!...

—Quem me dera ter coragem de o fazer!... Fugir com os meus filhos, negar essa paternidade miseravel!... Ah, que a vida é injusta!...—soluçou numa revolta.—O meu direito, o direito de mãe, deveria ser o escolher o pai dos meus filhos, o de criar um ambiente em que se preparassem para uma vida mais digna!...

E sem poder vencer a comoção, provocada pelas suas proprias palavras, Luísa começou a soluçar nervosamente, dolorosamente.

Comovida, a Condessa chamou-a docemente a si num carinho de mãe, e disse-lhe numa voz persuasiva, querendo insinuar-se no espirito que se mostrava abatido, vencida a rebeldia do principio.

—Ah, Luísa, vocês sabem o que é sofrer, mas não sabem o que é calar a sua dor!... Não preguntam ás outras quanto também sofreram!... Julgam que as suas maguas são unicas, que os seus desgostos não-tem igual!... Olha para mim, Luísa!... Eu também

sufri o que tu tens sofrido, eu sei bem avaliar a tua dôr e até a tua revolta! Eu nunca te disse, minha filha, mas é preciso que hoje saibas o que verdadeiramente foi a minha vida, para sofreres a tua...

— Bem sei, bem sei o que sofreu, mas tinha o amor a fazê-la perdoar.

— O amor?... Tu bem sabes como ele foge quando o insultam!... Também eu fui ingenua e pura como tu, também eu encontrei um homem que me ofendeu, que me brutalizou, que me desprezou por outras!... Peor do que tu, Lúsa, eu só encontrei sequeidão e odio na sua familia. A mãe odiava-me e queria separar-nos, com ciúme do amor que ele me teve... e tão curto foi! Ah, o que eu sofri!... Tu sabes lá o que são tormentos Moraes, sabes lá o que é sofrer!...

— Tanto como eu?!... Desgraça, desgraça ser mulher!... E não querem que a gente se revolte?!

— Não! A revolta só nos diminue! Se tu soubesses quantas vezes, com o corpo cheio de nodos negros eu tive que aparecer sorridente e amavel num jantar de cerimonia, numa festa da côrte!... O que é sofrer!... Cheguei a passar noites de frio e de chuva no jardim porque ele me expulsava do quarto numa furia de ebrio, tremendo que alguém me visse e julgasse outra coisa de mim! Depois, ele proprio me chamava para de novo me torturar!... Ah, peor, peor, do que o filho porque ninguem sabia como ele era e o que fazia; tão amavel, tão carinhoso se mostrava deante de gente! .

— Mas porque não disse?! Porque não o desmascarou?! O mal da transigencia!...

—Falas nos teus filhos, no teu filho morto, Luísa!... Também eu tive filhos que vi morrer nos meus braços apodrecidos e miseráveis. O meu proprio corpo foi pasto da miseria e da dôr!... A sua miseria causou a morte duma innocente, a orfandade de outros... Mas consegui salvar um, consegui dar vida a este, que era o meu unico orgulho! Por ele sacrifiquei tudo!... Mocidade, corpo, alma, tudo dei por bem empregado para ter um filho que fosse um herdeiro do nome ligado ás maiores glorias de Portugal!...

—Herdeiro do nome, mas também herdeiro dos crimes e das miserias do pai!...

—Mas nunca ninguem as conheceu!... Sofri-as sem testemunhas, enguli todas as lagrimas, apertei a boca para não gritar a dôr e a revolta, para que meu filho pudesse usar de cabeça erguida o seu grande nome e pudesse ocupar o lugar de honra que tinham na sociedade os seus maiores!...

—Sacrificio inutil, sacrificio prejudicial!...

—Não digas isso, Luísa! Fui eu que consegui que o pai morresse rodeado do prestigio e da simpatia de todos! Nos ultimos anos, preso á sua cadeira de paralitico, ainda por vezes tinha palavras offensivas, mas quasi sempre chorava de arrependimento e pedia-me que o não deixasse... Tinha o pavor dos criados!... Foi um horror! E só me causava repulsa .. e piedade!

—Que barbaridade, sujeitar a sua alma a essa miseria!...

—Ah, mas ninguem soube jamais o que entre nós se passava para que o meu filho não sofresse!... Depois, quando se fez homem, quiz escolher para ele

uma senhora, uma verdadeira senhora como nós, para que o aceitasse para marido, e fosse capaz de se sacrificar, como eu, conservando-lhe a dignidade do seu nome!...

Então, como se fosse ofendida na sua propria alma, maguada no seu corpo, Luísa afastou-se com horror e protestou:

— Isso não foi sacrificio, foi um crime! Em nome do seu egoismo de mãe e do seu orgulho de familia V. Ex.^a sacrificou a minha vida, desprezou a minha mocidade, tirou-me toda a alegria e toda a esperança de ser dignamente feliz!...

— Tinha a responsabilidade de manter o nome da familia e por isso escolhi uma mulher que pudesse compreender as coisas como eu e se sacrificasse pelos deveres da nossa classe, como eu me sacrifiquei!...

— Como V. Ex.^a?! Ah, não ha o direito de o fazer. O que exigia de mim era peor de que todos os crimes. Não me disse o que o pai tinha sido e escondeu o que o filho já era!... Que miseria, que logro em que me fez cahir!... É um crime, é um crime horroroso!

— Minha senhora, veja como está falando a uma pessoa que lhe deve merecer respeito!... — Ergueu-se com altivez a velha senhora, numa nobreza rigida de tragedia antiga.

— Respeito pela sua alma, senhora Condessa, tenho-o! Mas não posso negar que não respeito a sua moral, que odeio os seus sacrificios porque eles me arrastaram á miseria dos meus!... Foi um crime

contra a Natureza!... Foi um crime que Deus não pode perdoar!...

— Deus obriga-nos a respeitar os maridos, Deus exige que escondamos as misérias alheias!... Ah, é porque já não respeitam as leis de Deus, que vocês são hoje assim...

— Deus não pode desculpar tais injustiças e tantos crimes!... Ele mesmo disse: «se um membro do teu corpo te ofende, lança-o ao fogo!...»

— A religião não se discute, todo o mal vem da liberdade de pensamento que dão ás mulheres de hoje! Consulte o seu confessor, ele lhe dirá o pecado que está cometendo, apreciando as palavras de Deus!

— Eu não necessito de confessor porque o meu pensamento, melhor do que os padres, Deus o recebe e o conhece! ..

— Que heresia!... E ha-de ser a senhora a educadora dos meus netos?!... — protestou orgulhosa e energica. — Ah, isso asseguro-lhe que não ha-de succeder!...

— Tirar-me os filhos?!... — gritou Luísa — Ha-de ser difficil!

— É o que nós havemos de vêr! A senhora não tem religião nem moral para lhes dar uma educação conforme ás tradições da familia...

— Lutarei até morrer pelos meus filhos!...

— A imoralidade das mães é motivo para que a justiça lhe tire os filhos!...

— Senhora Condessa!

— Escandalo por escandalo, chegaremos a tudo!...

—Só morta me poderá vencer!...

—Lutaremos, pois!... E veremos quem vence! Já não é com seu marido que hade lutar, é comigo, é com a mãe, é com a avó do seu filho, o herdeiro e continuador do seu nome!...

—É mãe contra mãe!... Pois seja assim! Lutaremos até final!... E se ha justiça, vencerão os meus direitos de mãe!...

—Veremos! A justiça tambem se torce e transige...

Violenta e orgulhosa, puxou para os hombros a larga estola em zibelina negra, e de cabeça erguida sahio sem mesmo olhar para traz.

Luisa, que ao vê-la levantar, se levantara tambem numa attitude de defesa, ficou imovel sentindo-a sahir e ouvindo dahi a pouco a carruagem rodar surdamente na calçada, em que os cavalos batiam as ferraduras. Sem o querer mostrar, uma grande preocupação lhe empalidecia o rosto, vincado por muitos dias de amargura e de ansiedade.

—Menina, menina—vinha dizer-lhe Adelaide, que sentira sahir a Condessa.—O Carlinhos está muito impaciente, quer por força que vá para o pé dele.

—Vou já, Adelaide!... Dize-lhe que já vou, que me demorei com a avó!...

—Já lhe disse. Começou a gritar, que a avó é má, que só quer a mãesinha!...

—Querido filho!...

—Minha senhora—anunciou Francisco.—O senhor Doutor entrou para o quarto do menino.

—Vai, Adelaide, eu vou passar antes pelo espelho...

—Sim, sim, menina, para o Carlinhos não ver esses olhos de choro!... Pobre menina! Ai, quando acabará este martirio!

—Não desanimes, que eu também não desanimo —disse Luísa sorrindo com amargura, tremendo na ansiedade do seu coração afligido por todas as dúvidas e apreensões.

VIII

Naquela tarde clara e doce duma primavera, que ia já a conquistar o verão, uma grande e reconfortante alegria enchia o coração atribulado de Luísa.

Finalmente, depois dum mês de agonias e sobresaltos, o Carlinhos era declarado em franca e plena convalescença, que seguiria rodeada de cuidados, mas já sem perigo de recaída, a não ser que novos motivos exteriores viessem perturbar a marcha descrita pelo medico.

As amigas, que a não tinham abandonado durante os dias de amargura, tinham vindo nessa tarde festejar o pequenino doente, rodeando-o de carinhos e de mimos que faziam, em volta da cadeira de verga onde se escostava, um verdadeiro bazar.

Nessa tarde de luz e de reconforto nem uma leve aragem fazia mover as folhas das arvores, brilhando ao sol na frescura remoçada da nova vida, que sentiam correr na seiva que as reverdesce e revive em cada primavera, sem conhecerem a idade nem contarem os anos.

E apesar disso o ar era tepido, perfumado e leve dando aos homens a mesma sensação de frescura e de resurgimento, que faz o misterio sagrado da Natureza em cada ano, morrendo e ressurgindo para uma nova e esperançada vida.

Assentadas em grupo a um lado do terraço, Regina conversava com Leonor e Marta quando Berta Vilar entrou, já primaveril e fresca, numa elegancia muito espalhafatosa do ultimo figurino.

—Onde está a Luísa?—preguntou logo, como quem traz um assunto fixado para abordar e não deseja adiá-lo.

—A Luísa anda um pouco cansada e com mau parecer e nós pedimos á Dr.^a que a observasse... —respondeu Marta, oferecendo-lhe uma cadeira.

—Coitada da pobre Luísa, o que ela tem sofrido!...—lamentou Berta.—Mas felizmente o Carlinhos está livre de perigo?!...

—Você ainda o não viu?...—apontou Leonor para o sitio onde agora o medico o levantava nos braços e levava ao colo a dar uma volta pelo jardim, como lhe pedira, para ver as suas flores e o seu canteiro predilecto.

—Que paciencia que tem o Dr.! Um pai não faria por um filho o que ele tem feito por esta criança!... —disse Regina, fazendo com a mão um gesto de carinho ao pequeno, que de lá lhes acenava com as mãosinhas em adeuses comunicativos.

—E depois, comparando este com o verdadeiro pai!...—respondeu Marta.—Venham cá falar na voz do sangue!...

—Mas tambem por isso a pobre Luísa não se livra das criticas!... Ainda ha dias, em casa da Baroneza do Lamegal se comentava o caso com uns risinhos e uns sub-entendidos muito antipaticos...—informou Berta.

—O que essa gente diz não tem significado moral. É um verdadeiro fóco de infecção dentro da sociedade.

—Pois sim, Regina, mas dali é que partem as boas e as más reputações...

—Ali é que se forjam todas as vergonhas e calúnias, que depois correm mundo, levadas pelos alviçareiros do mal, como esse cretino do Raul de Athayde e outros semelhantes...

—E a D. Berta o que respondeu a essas calúnias?...—interrompeu Leonor.

—Achei melhor fingir que não compreendia o sentido que davam ás palavras.

—Pois se eu lá estivesse bem que os fazia voltar a dentuça venenosa para os escandalos da casa e deixarem quem nem se preocupa com as suas inuteis existencias...—protestou Regina, irritada na sua lealdade amiga e franca.

—De resto... são calúnias gratuitas a que ninguém se pode furtar. A vida de Luísa tem sido tão clara, tão passada á vista de nós todas, que uma palavra só que digâmos fará calar todas as más linguas—apoiou Marta com decisão.

—Ah, isso é muito difficil, porque o mal é que a calunia se levante!... Eu defendo-a sempre, mas sou sósinha naquele meio.

—Ainda bem que só você tem paciencia e coragem para frequentar esses antros—acrescentou Leonor, rindo.

—Vocês bem sabem que não posso desprezá-las... é o grupo mais facil de abordar e portanto mais

numeroso. São quem mais reclame faz ao meu ensino e quem me tem arranjado as melhores discipulas... sob o ponto de vista pagante, claro!

— Pois está visto, mas isso não obsta a que você diga simplesmente a verdade quando insinuarem essas poucas vergonhas. E a verdade é que a Lufsa conhece o Dr. Manuel Faria ha pouco mais dum ano, apresentado pela Dr.^a Carvalho para lhe tratar o filho, que estava, como agora esteve, em perigo de vida e que efectivamente salvou... — respondeu Marta com serenidade e intimativa.

— Ah, isso é claro, é claro!.. É o que eu tenho dito.

No outro lado do terraço o medico, voltando do jardim com a criança nos braços, assentava-o com todo o carinho na cadeira, ageitando-lhe as almofadas e dizia :

— Agora que já viste o teu jardim e deste um passeio tens que ficar muito socegado para não peorares...

— Então conta-me uma historia... mas ha-de ser uma historia muito bonita!

— Está bem, vamos a ver se gostas desta: «Era uma vez um menino muito lindo e muito bonsinho, que era muito amigo da sua mãesinha...

— Ah, essa não quero!... Já sei que sou eu! Conta-me uma daquelas lindas que tu sabes como a do Bartolomeu Marinheiro... Aquele Bartolomeu que dobrou o cabo... não me lembra os nomes. Ou a do Vasco da Gama que matou o gigante Adamastor...

— Mas ha-de ser com a condição de ficares muito

socegadinho e não começares a pensar muito, porque te pode fazer mal. Era melhor virem para aqui a Joanninha e a Julieta e brincares com o dominó. Ou elas que façam construções para tu veres...

— Não quero, não!... Maçam-me, deixa-as lá andar com as correrias e com os jantares das bonecas. Eu gosto mais de conversar contigo, mesmo que não contes historias.

— Então está bem, vamos a conversar... Começa tu...

— Olha, sempre é verdade que a mamã vai connosco para a quinta do avôsinho?!...

— Sim, em tu estando mais rijo, que possas fazer bem a viagem.

— Mas tu has-de ir também...

— Eu não posso ir agora, vou depois...

— Mas sem ti não quero ir!... Tenho muito medo!...

— Ora, medo?! Um homem não tem medo. Vai a mãesinha, a Joanninha, a Adclaide e o Francisco...

— Mas só tu é que me podes guardar. Tu é que és um homem muito forte e és muito meu amigo, não és?!...

— Lá também ha pessoas tuas amigas. Tens os avósinhos, que estão mortos por te verem... A avó vai-te contar muitas historias, verás!... E o tio Sebastião?...

— Esse não faz caso de mim, anda sempre com os cavalos e com os cães...

— Mas ha-de contar-te historias muito engraçadas de quando vai ás romarias e ás feiras, os bandi-

dos que tem encontrado pelos caminhos, as batidas na serra... Verás que te ha-de divertir. Tens tambem as tuas tias casadas, os primitos da tua idade...

—Sim.. Tudo era bom se eu já estivesse forte. Mas se o papá me fosse buscar...—murmurou num pavor.—Eles não me sabem curar! Só tu é que sabes...

—Não penses nisso, Carlinhos, ele não te vai buscar, foi só naquele dia porque estava zangado... Era uma brincadeira.

—Ai, que feia brincadeira!... Eu fiquei tão assustado como se visse na minha frente um gigante medonho!... Agora, se a avósinha me viér outra vez dizer que é preciso ser amigo do Papá, que é Nosso Senhor que manda... Eu digo-lhe assim: Se o meu Papá fosse o Manuel, então sim!... Agora um Papá que faz chorar a mãesinha e gritarias tão feias e faz os filhos adoecer!...

—Não digas nada. A avósinha é muito tua amiga e ficaria triste.

—E para que é que ela tem um filho tão mau?

—Não é mau... É doente... Bom, mas não fales mais nisso! Vamos lá a contar a tal historia do Bartolomeu Marinheiro...

—E a do Polo Norte, de que eu gosto tanto!... Os nossos Corte-Reaes foram os primeiros que lá foram...

Berta Vilar, impaciente por não poder alviçarar o que trazia para Luísa, dizia nesse momento:

—A Luísa não aparece e eu tanto a queria prevenir...

— Mas afinal que misterio é esse que você tem ahí a embuchá-la?... — perguntou Regina. — Se é alguma coisa desagradavel é melhor não dizer nada á Luisa! .. Deixe-a ter este dia, ao menos, de alegria...

— É que eu não sei se ela sabe que o marido entrou ontem para a casa de saude!...

— Sim? E então, o que tem ela com isso? É porque apanhou alguma bebedeira maior e fez-lhe mal!...

— Você sempre é, Regina!... Não tem mesmo piedade nenhuma.

— Então quer que tenha piedade dum malandro daqueles? Guardemos o sentimento para coisas que o mereçam.

— Mas enfim... o caso é muito serio!...

— De que se trata, afinal?... — perguntou Marta impacientada.

— Contaram-me que o D. Antonio estava um pouco engripado no hotel e de repente levantou-se da cama, obrigou a rapariga a ir com ele num trem de praça e mesmo de noite foi bater á porta da Condessa.

— Desgraçada mãe!... — comentou Leonor!

— Um pouco culpada pela educação que lhe deu, confessêmos!

— Pois será, mas não deixa por isso de sofrer...

— Depois, não calculam!... Fez um escandalo medonho. A pobre senhora levantou-se e lá conseguiu com os criados levá-lo para o quarto e deitá-lo; mas não deixou entrar a Sabina, que voltou na mesma carruagem para o hotel.

— Afinal essa menina saiu-se!...

— Uma criada armada em dama...

— Mas não calculam!... O D. Antonio entrou em tal furia que não havia braços que o segurassem e os medicos, chamados logo pelo telefone, tiveram que lhe pôr um colete de fôrças para se poder aguentar e logo de manhã o levaram para a Casa de Saude, com um ataque de loucura furiosa!...

— É claro! Loucura alcoolica.

— É como os medicos classificam... *Delirium tremens*... tudo provocado pela gripe!...

— Não, pela gripe, não! Não lhe lancem mais culpas do que tem a mofina. Tudo provocado pelas bebedeiras dele... juntas ás do pai, que já tinha no sangue.

— Você é terrivel, Regina.

— Mas isso foi ontem? — perguntou Marta.

— Pois foi!

— Tem graça que não constou nada por cá!

— A Condessa, coitada! pediu a todos o maior segredo e até o Raul de Athayde andou pelos amigos a pedir que não falassem no assunto, porque neste soalheiro de Lisboa tudo se espalha e se sabe.

— Isso é verdade — disse Leonor, sorrindo ironicamente.

— Sempre é certo que ha uma justiça imanente — comentou Marta.

— Mas depois?... Está na casa de saude, e o que tem a Luísa com isso? — insistiu Regina.

— Tem, que talvez não queira continuar com a separação... É o que todos dizem!...

— Pois dizem asneira, acho eu. O estar doido o marido ainda mais justifica a sua atitude... Você quer que ela continue ligada a um homem doido nessas condições?... Não te parece, Marta?

— Sou dessa opinião, em todo o caso o melhor é não se lhe dizer nada porque o Henrique vem logo af e ele, como advogado, é que a pode prevenir e aconselhar.

— Eu como amiga acho que cumpro o meu dever dizendo o que se passa, mas se vocês tomam a responsabilidade!...

— Tomamos, tomamos, não lhe diga nada neste momento, Berta — preveniu Regina vendo Luísa que vinha com a medica conversando serenamente.— Deixe-a ter este momento de socego depois dum mês de tão grande luta e sofrimento!...

— Então que tal a acha? O que diz a nossa Doutora? — perguntou Marta dirigindo-se ás duas.

— Um pouco enfraquecida. Precisa de muito cuidado e dum absoluto socego de espirito.

— Imagina!... — sorriu Luísa. — Os medicos receitam bem, mas a vida não lhes obedece.

— Ora, minha filha, agora que tens o pequeno livre de perigo, o resto deixa correr. Deita todos os males para traz das costas!... Olha que a vida é que se encarrega de resolver tudo...

— É bom de dizer... Não é?... — sorriu tristemente para Manuel, que se levantara para falar com a colega, ansiado pelas suas palavras e diagnostico.

— Menina Luísa, menina Luísa — vinha aflita a chamar a velha Adelaide.

— O que é — perguntou Regina suspendendo-a no caminho.

— E para a menina ir ao salão... Está lá a Senhora Condessa! Coitadinha! Parece uma sombra do que foi!... — gemeu a pobre mulher limpando as lágrimas.

— O que é Adelaide? — perguntou Luísa voltando-se e vendo a criada.

— É a Senhora Condessa que está no salão, menina!

— Naturalmente é para ver o neto; porque a não mandaste entrar?

— Ela não quiz, menina! Está á sua espera!...

Muita serena e quasi alegre, naquele primeiro dia de confiança absoluta, que lhe dava a doença do filho, Luísa dirigiu-se para o salão onde a figura muito grave da sogra tinha uma imponencia magestosa, que se emoldurava bem no ar austero do mobiliario antigo e na côr vermelha dos estofos e das paredes.

— Senhora Condessa — sorria Luísa docemente e dirigindo-se á sogra. — Finalmente o Carlinhos está completamente livre de perigo... -

Mas o seu sorriso paralisou-se e as palavras estacaram nos labios ante as lagrimas dolorosas que corriam pelas faces da velha senhora.

— Venho dizer-lhe — articulou difficilmente, mas esforçando-se a aparentar uma dignidade rígida e calma — Luísa!... Que está livre!...

— Livre, livre, como?!... — balbuciou ella, tremula de surpresa.

— Sim, livre! Seu marido acaba de falecer na Casa de Saude! Já não precisa da justiça dos homens para se libertar; foi Deus que a libertou nos seus altos juízos!...

— Oh, minha pobre mãe!... — teve Luisa um brado; estendendo-lhe os braços onde a velha senhora se deixou cair, enfim vencida, numa crise de lagrimas desesperadas.

— Luisa, minha pobre filha!... Não me queiras mal pelo passado e não me roubes o amor do meu neto!...

— Não, não!... Ha de ama-la e respeita-la como até aqui, como sempre, como merece, minha senhora, minha mãesinha!...

— Obrigada, Luisa, minha filha — continuava soluçando, afagando-lhe a cabeça que juntara á sua.

— É a minha unica esperança!... Sem ele, o nome da familia extingue-se completamente!...

— Então a Joanninha, não é tambem sua neta?

— Sim, sim, é minha neta, coitadinha!... Gosto muito de ambos, mas os nomes como o nosso só se transmitem pelos homens.

— Ele ha-de honrar o seu nome!...

— Seremos ambas a amá-lo e a protegê-lo, não é verdade Luisa?... E tu não me queres mal pelo passado, não?!... Bem vês que sou doutro tempo e todo o meu orgulho e toda a minha esperança a puzera nele!... E fi-lo tão desgraçado!... meu pobre filho! — gemeu num redobramento de magua, que começava a ser remorso vago dum amor maternal que não soubera fazer preservador nem construtivo.

—Façamos do neto a honra da familia, já que o pai o não pode ser!... —consolou Luísa, redobrando de ternura. —Seremos duas mães para ele!...

—E encontrará um amigo mais util, mais capaz de o proteger e dirigir, no pai que lhe has-de dar...

—Senhora Condessa!... —protestou Luísa maguada.

—Não ficarei escandalizada com isso, minha filha! É mais de que justo! Quem por duas vezes lhe salvou a vida, melhor lha ha-de saber dirigir e conservar! É Deus que assim o determina em sua alta sabedoria e na sua bondade encontro a minha resignação... Vou acompanhá-lo, Luísa!... Não o quero deixar, até ao fim!... Sou mãe, Luísa!... E só Deus sabe se tenho remorso de lhe ter dado uma vida tão inferior e tão triste!... Eu não soube usar do meu direito de mulher nem de mãe!... —gemeu, esmagada pela tragedia da sua infinita e incompensada amargura.

—Não se aflija, nem sofra de arrependimento, minha mãe!... —continuava Luísa, beijando-a com uma ternura que num momento apagava todas as sombras do passado. —Na vida nada se perde e tudo tinha de ser assim para que os filhos aproveitem do nosso sofrimento, que os ha-de purificar!...

—És uma santa, Luísa!... Agora já vou mais consolada... e levo-lhe o teu perdão!... As minhas lagrimas serão as unicas sinceras a acompanhá-lo na sua ultima morada!... Deus as receberá na sua infinita misericordia aliviando a sua pobre alma do peso das suas faltas!...

— Se o meu perdão o puder aliviar de culpas, dou-lho com todo o meu coração!...

— Obrigada, minha filha!... E não digas aos filhos o mal que ele te fez para que não tenham horror á sua memoria!...

— Oh, não! Seria diminuir-lhes a alma!...

E mais uma vez as duas mães se abraçaram, ligadas na mesma comoção e no mesmo interesse á pequenina gota do seu sangue, que por milagre de amor dum estranho se salvara da morte, ou do mal ainda peor do que a morte, e protegida na sua fragilidade ia dirigir-se com outras certezas para uma vida melhor.

II

ISOLADA



ISOLADA

Era o ultimo dia do ano; desde manhã que do céu pardacento cahira uma chuva morrinhenta que empapára as ruas em lama viscosa e negra e dava ao casarío em massa um ar lamentavel e pobre.

A noite viera cedo, quasi sem transição com a luz empalidecida do entardecer, enevoadada e triste.

Junto do fogão, Margarida, deixara cahir no regaço o livro que havia muito não lia e encostara a face á mão apoiada no braço da cadeira.

Muito vagos e como perdidos num sonho que nada tinha com a hora presente, os olhos iam-lhe presos ao chamejar da fogueira, que de quando em quando se ateava ou esmoreçia, conforme o capricho do lume, que ia consumindo a lenha grossa, que o criado viera colocar cuidadosamente, havia pouco.

Sobre uma almofada, estendia para o lume os pés pequenos, calçados de setim preto, num arrepio mais nervoso do que real, na tepidez da sala confortavel.

Ao lado, num alto suporte de bronze, a luz amortecida por um largo *abat-jour* em seda, a que os anos tinham abrandado as côres do adamascado antigo, focava-lhe a mão esquerda, que mal segurava o livro com os seus lindos dedos de princeza inactiva.

deixando-lhe na sombra a cabeça, outrora dum loiro quente e deslumbrante, agora a empalidecer, como o rosto que já ia a perder o viço da mocidade.

Lá fora as luzes mal penetravam a neblina, limitando a manchas amareladas a irradiação de cada fóco.

O vento fazia vergar lamentosamente as arvores despidas de folhagem das avenidas novas, e no chão asfaltado as poças de agua eram como pedaços de espelho, embaciados, sob a luz amortecida dos reflectores electricos.

Aquela hora e no desagrado desse principio de noite tempestuosa, os vultos cortavam apressados a rua sem carros, no desejo de se abrigarem nas casas, onde os esperava o conforto e a alegria da festa familiar.

De quando em quando o rodar amortecido duma carruagem ou o buzinar longinquo dos *autos*, mais ainda davam a sensação de isolamento que cahia no bairro elegante e afastado.

Margarida scismava: como se o recordar fosse viver, deante dos seus olhos dum sombrio azul, quasi violeta, toda a existencia decorrida passava, naquele momento em que a sensibilidade enervada da hora, punha a tristeza enorme da renuncia definitiva.

Na grande sala silenciosa em que os tapetes eram manchas de côr no soalho encerado e os quadros nas paredes apenas sombras, ela não estava materialmente só; do lado oposto, curvado sobre um bufete carregado de livros e papeis, fortemente iluminado pelas lampadas de trabalho, o marido escrevia febril-

mente, acumulando ao lado folhas sobre folhas cheias da sua letra larga e violenta.

Completamente absorvido pela tarefa, que lhe dava a satisfação energica de realizar, decerto esquecêra aquela vida que ficava entristecida a seu lado, e scismava e scismava, na vaga indecisão da hora que passa.

Era a ultima noite do ano. Santo Deus! quantas noites semelhantes já tinham vindo e cahido uma a uma sobre o seu coração, que estava tão apertado, tão amesquinhado no isolamento em que se sentia envelhecer!

Onde estariam os filhos a essa hora? Levados para longe, na satisfação dos seus destinos a realizar, sentiam-se felizes, desobrigando-se para com os pais no envio dos telegramas carinhosos que recebera havia pouco.

Não! Os filhos já não precisavam dos seus carinhos, da ternura absorvente com que os criara para a vida em que ambos entravam, cada um seguindo o seu pendor natural.

Porventura fazia falta á sua existencia isolada a companhia terna duma filha... Mas não! Uma filha teria sido para o sobresalto do seu coração e para orgulho do seu sangue mais um incomportavel sofrimento, mais uma derrota no vexame duma existencia sem personalidade.

Neles sim, neles era a alma que lhes transmitira que triunfava e dominava. Era o sangue que lhes dera dentro do seu seio, o seu leite, o seu cuidado, o que primeiro lhes ensinara e ficaria vincado para

toda a vida, que a tornavam, finalmente, a victoriosa.

É porque as mães se sentem rehabilitadas no orgulho dos filhos, que a revolta das mulheres é inconsistente e transitoria.

Nervosamente puxou a *écharpe* de seda, largamente desenhada, que escorregara deixando-lhe a descoberto o pescoço e o principio dos hombros, que o decote do vestido em veludo negro elegantemente emoldurava e embrulhou-se num arrepio friorento.

O colar de granadas que lhe cingia o pescoço, dava um ar de soberana bizantina, ao seu busto, contrastando fortemente com a invencivel melancolia do seu rosto empalidecido.

De novo tentou reatar a leitura interrompida, mas em breve as letras das paginas passadas umas sobre as outras, deixaram de fazer sentido diante dos seus olhos parados.

O velho relógio de pesos bateu na sala de fóra as espaçadas horas da sua vida lenta e o pequeno mostrador do grupo doirado, sobre o fogão, fez resoar como um pipilar alegre as seis marteladas do seu timbre.

— Henrique — tentou chamar a atenção do marido — não achas que são horas de te ires vestir? Os teus amigos podem vir mais cedo para o jantar...

Absorvido no trabalho que o preocupava nem lhe respondeu, nem sequer levantou a cabeça mostrando ter escutado.

E ela, num gesto resignado de indiferença, de

novo cahiu no scismar vago e melancolico do pensamento inconsistente.

Como era possivel que entre os dois se tivesse aberto um tão fundo abismo de isolamento, sem motivo nenhum forte que os separasse?!...

Lado a lado as suas almas seguiam destinos tão diversos, que difficilmente se tornariam a encontrar na grande vida espiritual e eterna.

Margarida scismava: Amara-o tanto, tanto!... Sentira por ele uma paixão tão violenta, tão absorvente, tão avassaladora, que para o seguir cortara sem remorso toda a ternura casta do seu passado distante, por ele esquecera tudo o que fôra o encanto da sua mocidade florida, por ele fizera sofrer quem o não merecia!...

E só de pensar nesses momentos unicos de paixão em que lhe cahira nos braços, quando a levava, noiva feliz e deslumbrada, para longe da calma doçura do seu lar, um arrepio de nervos tangidos fê-la estremecer e um pálido sorriso lhe aflorou aos labios.

Como tudo ia longe, perdido na vaga recordação dos seus sonhos de menina!

Henrique amara-a apaixonadamente, não o duvidara nunca, mas amara-a como se ama a mulher conquistada, possuida fisicamente, cheia de graça e de prazer; não procurando no corpo lindo e fresco que se lhe entregava todo inteiro, outra misteriosa posse, que ela sonhava, em que as almas se confundissem no mesmo anseio para alem da vida.

Alegremente, numa gentileza cavalheiresca e elegante, o marido levava-a como um brinquedo e ama-

ra-a como uma linda companheira para as horas boas da vida, sem lhe dar mais de si proprio do que era normal no casamento, conforme a sua maneira de o encarar. Amara-a, não o podia duvidar, mas amara-a á margem da sua existencia equilibrada e forte, só pedindo ao seu convívio a serenidade calmante dum lar onde repousasse os nervos, esticados na luta brutal duma vida consumida em energia constante, e ao mesmo tempo lhe desse o equilibrio social, que entrava no plano da sua acção na vida.

Á exaltação da sua sensibilidade apaixonada correspondera nos primeiros tempos com o entusiasmo dum noivo, que se envaidecia com o papel de iniciador duma vida nova a refflorir num corpo moço de mulher elegante e linda; mas a pouco e pouco o interesse da novidade fôra passando, viera a calma serenidade das paixões extintas e a vida exterior reapossara-se do seu espirito. Dahi para deante a sua união tomara o aspecto correcto de todos os casamentos entre pessoas duma alta educação social.

Margarida não tinha motivos de queixa, alem daqueles que teem todas as mulheres casadas e faziam sorrir as suas amigas mais intimas, como a sua propria mãe, que a ouvia, na vaga amargura da alma que se sente desamparada na incompreensão geral.

Ninguem podia julgar o sofrimento da sua paixão, esse sofrimento quasi material do ciúme casto do seu corpo, que se sentia poluido na poligamia hipocrita da sociedade moderna.

As teorias masculinas do marido, como as ironias

das amigas, deixavam-na inconvertida, embora vencida, na defesa dum sentimento tão proprio, que ninguém desculpava; porque ninguém estava dentro da sua alma para o avaliar.

— És uma idealista, uma romantica — diziam-lhe a sorrir.

— Não esperasse nada mais do que tinha, e não era somenos o seu quinhão de felicidade, porque a vida normal é isso mesmo, o dia a dia fastidioso e apertado entre as malhas dum materialismo terra a terra. O resto são fantasias para embalar as almas ingenuas. Seria até ridiculo um marido que conservasse no casamento a paixão e a felicidade dum namorado. Ridiculo e até perigoso. Nem que fosse possível os homens o confessariam, para que os outros se não rissem...

Deveria, talvez, ser essa a verdade, pois que todas, todas lhe diziam o mesmo.

Entristecida, resignada a uma vida sem a beleza moral que sonhara, refugiara-se no amor dos filhos, que foram a sua nova exaltação, o seu cuidado absorvente e apaixonado, até que a vida lhos levou para o desdobramento duma existencia que já não era propriamente a sua.

E de novo se sentira mais isolada do que nunca; de novo se sentira atraçoada na exaltação do seu amor exclusivista, vendo-os abalar alegremente para a realização da sua propria vida, dando apenas ao seu carinho a saudade e a ternura reconhecida duma felicidade que lhe deviam.

Quantas, quantas vezes na desolação do seu iso-

lamento de alma tentara reaver o marido, não o companheiro amigo que sempre fôra, duma correcção amavel e generosa, que era o exemplo apontado aos outros maridos, mas o outro o que fôra o unico e ardente amor da sua mocidade, aquelle que sentia morto e bem morto na sua alma e de cuja lembrança ainda os seus nervos vibravam tangidos pela paixão que não esfriara. Ele, sorrindo, se estava de bom humor, enfadado, se os negocios lhe não corriam a gosto, fazia-lhe compreender o ridiculo de querer renovar o que só tem graça uma vez na vida.

Mostrara-lhe um dia as cartas de amor que tinham trocado no periodo breve do seu noivado; quizera que as relesse como ela as lia ainda, corando tremula ao relembrar a ansia com que as beijara e as guardara sobre o coração a palpitar; fôra buscar o cofre artistico que ele lhe dera para as guardar, simbolicamente confundidas, como as suas vidas, ligadas pelo casamento, em que ela só vira a consagração do seu amor.

Mostrara-lhe o diario escrito nas horas rubras da sua maior paixão, paginas e paginas de letra miuda, desigual, quasi ininteligivel, que ele lia sofregamente quando se encontravam e rubricava com palavras que eram caricias.

Henrique, distraído, pensando noutros assuntos que o preocupavam, respondera-lhe num bocejo de aborrecimento:— Minha filha, essas coisas já não fazem sentido na nossa idade, deixa-as ficar arquivadas com a saudade dum passado de que se não deve falar muito, para não perder o encanto .. Todos nós temos dessas fraquezas sentimentais.

E ria-se, beijando-a distraídamente para voltar ás preocupações da sua vida de trabalho e de luta exterior.

Fôra nesse dia que ela, num repelão de orgulho, vexada na sensibilidade da sua alma, atirara para a fogueira esse espolio sentimental que lhe ficara da vida.

Fôra ali mesmo, naquele fogão onde aquecia os ultimos anos da sua mocidade a fugir-lhe, que vira o papel a torcer-se, a crepitar a arder como os beijos que essas cartas continham, como os pensamentos lindos que tinham fixado.

Esbraseadas momentaneamente numa chama viva, vira-as desfazer, desaparecer para sempre, como a paixão que sonhara eterna.

Então fechara-se altivamente naquela indiferença que era o seu tormento, naquela serenidade sorridente e calma, louvada por toda a gente como a sua maior virtude e a felicidade maxima da sua invejada existencia.

E durante toda a já longa vida desse casamento, apontado como modelo social, fôra-lhe orgulhosamente fiel, duma fidelidade de que o sabia reconhecido, mas da qual ela se não envaidecia, nem se arrendia. Fora-lhe fiel, não por ele, como julgava na sua alma, acostumada a vencer e a dominar, mas por si propria. Fiel ao seu coração que não desejava outro amor, fiel á pureza do seu corpo que repelia toda a macula, revoltando-se só com o pensamento de que alguém mais a pudesse inferiorizar em comparações materialmente repugnantes.

Fora-lhe fiel mas não por virtude, que virtude só podia haver se tivesse resistido ao seu desejo, se tivesse vencido outros amores que a solicitassem, numa ânsia de novos e inéditos prazeres... E não tivera mais do que fastio, o cansaço invencível da alma derrotada na sua aspiração de absoluto.

Esperança, a sua melhor amiga, a unica que lhe dava repouso na sua convivencia, embora lhe não pudesse dar consolação ao seu mal irreparavel, lembrara-lhe um dia :

— Talvez a religião praticada com assiduidade te desse consolação. É necessario preencher o vacuo que te ficou na alma. Esta é a função social e util que a Igreja descobriu para nós...

Margarida sorria tristemente. Esperança era uma pessoa moralmente feliz e a ninguem, jamais, esse nome risonho quadrara tão bem. A sua função na vida era mesmo essa, ser feliz ! E era-o a despeito das circumstancias mais variadas e mais absurdas.

A sua alegria irradiava num desdobramento da propria personalidade e fazia bem vê-la. Era necessaria na Natureza como a magnolia que se abre em perfume e em beleza sem utilidade imediata.

Para ela sim, para ela a religião exteriorisada em regras de praticante era um bom apoio moral, mais uma forma de encontrar a propria felicidade, entregando a Deus o cuidado de lhe aplanar o caminho da vida, atirando para a sua responsabilidade o remorso das horas más.

Era crente e praticante com a mesma fé supersticiosa com que fazia figas ás pretas que encontrava

no caminho e enguaçava com ver duas facas cruzadas ou se alegrava com os bons presagios que descobria nas coisas.

A sua religião nunca a perturbara em pensamentos metafisicos e era um repouso para a sua alma vibrante de alegria, ansiosa de felicidade.

Margarida, pelo contrario, não podera encontrar nunca na materialisação da crença que é o culto externo, consolação para a ansiedade da sua alma inquieta, profunda e absorvente.

Essa religião superficial, por assim dizer epidemica, que Esperança preconisava como um salutar calmante á sua perturbação espiritual; essa religião que se contenta com a fé sem raciocinio, repelira-a sempre instintivamente da sua alma sedenta de certezas metafisicas.

Ainda criança, sentindo-se fria perante o culto e as regras exteriores que lhe ensinavam na Igreja tivera um desejo ardente de crêr, com bases que a satisfizessem, mergulhando com paixão nas leituras misticas que descobrira na biblioteca da Avó, collecção amontoada por muitas gerações de letrados, em que havia bastos sacerdotes e varias senhoras recolhidas dos conventos extintos, regressando para morrer á velha quinta senhorial, que era o solar da familia.

Apezar dos protestos do Padre Capelão, que tinha por tentações do inimigo aquella insatisfação de rebeldia perante os ensinamentos da sua doutrina e dos dogmas estabelecidos a accites como regras imutaveis, Margarida leu os Evangelhos, decorou o *Flos-*

Santorum, procurou a comoção profunda da crença em todos os livros místicos que lhe vieram às mãos.

A sua alma elevou-se, imbebeu-se em Deus, mas o seu raciocínio renegou a comunhão com a Igreja.

Nesse período dum grande misticismo, que um pouco preocupara os pais e só encontrara apoio na Avó, que a adorava e compreendia, chegara a escrever uma oração de renúncia e de fé absoluta, que andava entre as páginas iluminadas do livro de missa, que a velhinha deixara no seu oratório.

Entregava-se a Deus sem resistência, aceitava esta vida como um fardo e sentia-se subir espiritualmente na aspiração dum comunhão perfeita com a suprema e absoluta grandeza de Deus.

Assim ficara, na aspiração espiritual do belo e do bem absoluto, sem nenhuma comunicação espiritual com as formas religiosas que a rodeavam em todos os cultos.

O mal e o bem que sofria e gosava, vinham da sua própria alma e nenhuma consolação exterior podia ter.

Era dessa época que guardava na pequena carteira onde apontava os seus pensamentos mais íntimos aquele grito de revolta de que depois ainda sorria: «E para quê, ó Cristo?!... A tua religião espiritualmente grande e pura devia vir até nós directamente, sem interesses que a amesquinham!... O serviço de Deus e da Igreja não será tão sómente trabalhar pelo bem, dar aos que não teem, ser bom, tolerante, consolador?... Muito grande é Deus para

«estar no meu coração superior a todas estas exteriorizações que o amesquinham»!

E mais adiante, já numa época de mais dolorosa acalmia, ainda escrevêra:

«Sonhos!... Fugitivas nuvens doiradas que eu quizera ligar, prender umas ás outras, envolver-me na sua macieza acariciadora e... viver assim! Ir cahindo docemente na paz e no descanso do não ser! Não ser, não pensar, não existir, julgo que é a felicidade unica e suprema. A minha alma não tem a fé ardente e mística que faz os santos, tem só a aspiração e é isso que faz o seu martirio. Oh doce e palido Jesus, compreendo as tuas doutrinas santas, amo-as e desejaria segui-las á risca, mas dá-me para isso, ó meu Senhor, o ardor da tua fé que te fez um Deus! Faz-me arder na sagrada loucura que invejo em Santa Tereza»!...

Tudo isso passara depois, arrebatado pela paixão maxima da sua juventude imperiosa.

Era o motivo porque o conselho de Esperança ficara inutil, como ela o compreendera logo pela confiança desse perturbado periodo da sua vida espiritual.

Mais tarde, quando se definira a crise suprema da sua alma, tentara encontrar na vida um motivo de interesse, que alimentasse a sua ansia de fé numa finalidade realizadora, e procurara esse motivo no estudo das questões sociais sob o aspecto mais doloroso da sensibilidade feminina.

Para melhorar a existencia de milhares de criatu-

ras que sofrem da desagregação e da incompreensão injusta da vida, entregou-se corajosamente a uma luta que a fez conhecer os peores aspectos da existencia social.

Mas tambem ahi a sua vontade naufragara perante o egoismo, a inveja e a incompreensão alheia.

Depois de alguns anos duma acção extenuante para realizar uma obra que sonhara cheia de beleza moral, vira todos os seus esforços estilhaçarem-se perante a dureza das almas e o seu egoismo immediato, todas as ideias ficando fragmentarias no seu brilho inutil.

E desligara-se, desligara-se de tudo, tendo a coragem tristissima de reconhecer que o seu esforço e o seu sacrificio resultava improficuo na sua beleza inicial, porque o pensamento tem de ser desfigurado e amesquinhado nas realizações materiaes, tendo de baixar ao pensamento e á acção inferior das maiorias.

A pouco e pouco, sem violencia, apenas pelo re-trahimento da sua vontade sem fé, fugira a todas as solicitações dos que tinham visto no seu entusiasmo um ponto de apoio para o triunfo das proprias ideias, apenas ficando a dar ás obras de assistencia, que tinha procurado construir com uma alta finalidade futura, a protecção material que lhe era facil sacrificio.

Como a camaradagem associativa repugnava fundamentalmente á sua sensibilidade de esteta intellectual, desde que o meio não compensava os fins, que sonhara cheios de beleza, nenhuma razão tinha para continuar um sacrificio inutil, convencendo-se

de que a vida é uma retorta por onde as ideias e os sentimentos*passam, não para se depurarem e purificarem, mas para adquirirem qualidades de resistência, banalisando-se, para o contacto inferior com as multidões.

De novo as horas espaçadas do grande relógio do vestibulo soaram na materialização de tempo sem finalidade nem principio. E de novo o pequeno mostrador Luiz xv repetiu alacre o éco infantil e gracioso do seu timbre.

— Henrique, os teus amigos não tardam por ahí. Seria melhor ires vestir-te.

— Já vou — respondeu desta vez — Estou a acabar o plano do meu projecto, que lhes quero expor ainda antes do jantar.

Margarida recaíra no mesmo vago scismar, ageitando com a tenaz os troncos de madeira que se desagregaram em brazido.

Depois, ainda uma vez mais recomeçou a leitura e algumas paginas passaram pelos seus olhos sem compreensão, para de novo o livro lhe cahir sobre o regaço e continuar o sonho interrompido.

Via-se agora criança, muito criança, ainda nos braços da mãe, com o seu ar de nova autoridade, fortalecida pela ternura despótica da Avó, para quem ela fôra sempre a predilecta, aceitando todos os outros netos como a côrte necessaria á sua princezinha loira.

Oh, as temporadas gloriosas na quinta a que a velha senhora conservara todo o ar aristocratico do

passado, respeitando as tradições e os costumes, e que se identificara, entrando na família com a sua mocidade radiosa e a fortuna teatral adquirida pelos pais em largos anos de criadores na vasta campina *gaúcha!*

A saudade dessa infancia distante, tão mimosa e tão acarinhada, era como um reviver os velhos contos de fadas entretecidos no oiro da lenda.

Relembrava os velhos tios passeando pelos corredores e pelos salões sombrios as suas figuras do passado, as suas pequenas manias e os seus gestos lassos e revia as velhas criadas e criados, que desde garotos ficavam todo o ano no palacio, como a hera que segura os muros da quinta.

Quando ela chegava com a Avósinha ao portão aberto de par em par, era o mesmo alvoroço, o mesmo deslumbramento, entre os criados e adherentes, que sentiam em cada Natal, quando se abria e iluminava o présepe da Capela.

Mas, entre todas essas queridas imagens da sua infancia, já tão distante, desenhava-se bem nitida, e mais simpática do que nenhuma outra, a figura estranha do tio Jacinto.

Fôra nq̃s seus tempos um moço desempenado e bonito, mas quando ela o conhecera já as carnes se lhe iam mirrando sob a pele, e começava a curvar um pouco a sua alta estatura, absorvido como andava sempre a congeminar as suas fantasias delirantes, o que aliás o não impedira de ser um engenheiro apreciado e um homem de sociedade, aparentemente equilibrado.

O tio Jacinto fôra para todas as crianças da casa —especialmente para ela e para o João Carlos, o primo que era o seu companheiro mais querido — o magico evocador de maravilhas, que as suas almas infantis viviam numa radiosa miragem.

Contava-lhes historias, mas não eram historias de fadas e de princezas, nem encantos que se guardavam nos livros, não! As historias do tio Jacinto eram vividas por ele e contadas com um poder de fantasia raciocinante que empolgava as crianças e as fazia viver uma vida bela e grande ao lado da existencia comesinha de todos os dias.

Cada trecho de mata que passava nos seus passeios aventureiros era a selva inexplorada onde rugiam feras e habitavam selvagens, que podiam dominar e vencer.

Os pequenos ribeiros engrossados pelas chuvas das trovoadas, eram as torrentes caudalosas que levam a morte na sua vida impetuosa.

Um gato pacifico que saltasse na mata da cêrca era um tigre que vira fuzilando ferocidade nos olhos com que os fitara, assustado.

Combinava caçadas corajosas ás feras, perdia-se dias e dias pelos campos em explorações, tão dificeis e aventureiros como se passassem nos sertões inexplorados da Africa.

Ao chegar a casa estafado e empoeirado, fazendo rezingar as velhas senhoras e as criadas, as crianças rodeavam-no na expectativa deslumbrada de aventuras maravilhosas que lhes narrava seriamente, vividas de facto pela sua imaginação criadora.

Uma das maiores decepções da sua vida passara-a Margarida, uma tarde em que o tio Jacinto os levava todos a passear para o campo.

Entre primos e irmãos era uma bandada de crianças, que ele dirigia orgulhosamente como *bandeira* de aventura.

A tarde fôra quente e bela, cheia de correrias e descobertas que os entusiasmara. Já um tanto cansados de tanto andar a lutar, assentaram-se todos em volta do tio Jacinto num outeiro em que se descobria o poente em fogo, a marcar grandes calores para o dia seguinte.

Embevecidos ouviram novas historias, viagens maravilhosas ao país dos elefantes, navios fantasticos percorrendo os mares, caçadas aos ursos brancos do polo, surpresas ás focas entre os gelos fulgurantes de mil cores da aurora boreal... Contava-lhes combates que vira entre moiros e cristãos, lindas princezas encantadas em grutas, que ali perto existiam, e onde já tinha ouvido as suas vozes de lamentos... Um dia, quando eles tivessem mais juizo, os levaria lá.

Ouviam ansiados, e toda a pequenada se propunha ir com o tio Jacinto lutar com os monstros, combater as feras, vencer os genios maus e libertar as lindas princezas.

Os trigaes já maduros ondeavam brandamente, acariciados pela aragem tepida dum verão que se anunciava rigoroso.

O sol, ao fundo, esmorecia numa fogueira de oiro e de purpura, dando a toda a paisagem um encanto tão irreal que mais parecia a illustração, de genio des-

sas maravilhosas historias de encanto, que lhes contava.

De repente, quando menos o esperavam, o tio Jacinto gritou:

— Fechem os olhos, deitem-se no chão! Vocês não podem ver o que eu vejo!

— Conte, conte, tio Jacinto! O que é? O que vê?!... Nós queremos também vê-l...

— Não podem! Fechem os olhos. Eu conto-lhes...

Margarida, na expectativa nervosa do momento, apertava as mãos do João Carlos, que estava sempre a seu lado, vibrando da mesma emoção, sonhando as mesmas fantasias, vivendo da mesma existencia embelezada e empolgante.

— Conte, tio Jacinto! — gritavam os pequenos — diga o que vê senão abrimos os olhos!...

— Se os abrirem acaba-se tudo!... A curiosidade tem de ser vencida!... Eu conto...

E o tio Jacinto viveu um momento de criação magnifica: — Lá no fundo do céu um grande rei avança, coroado de oiro e pedrarias, com o seu manto de púrpura e de arminho; ao lado a rainha dá-lhe a mão para subirem ao trono... Mas das nuvens desce um principe cavalgando o mais lindo corcel de batalha e seguem-no milhares e milhares de combatentes, um exercito que não tem fim... Avançam, avançam todos para um cortejo magnifico que vem do outro lado. É uma princeza toda vestida de oiro e pedrarias que caminha sorridente e leva na mão uma deslumbrante flôr de luz, que é como um sol no brilho de mil cores.

Dirige-se para o cavaleiro... Hi!... O seu sequito de damas, de pagens, de cavaleiros com todas as suas galas não teem conto nem fim.

«Já se encontraram no céu, a princeza entregou a flôr ao cavaleiro. Então uma chuva de oiro cahiu sobre os dois da fonte maravilhosa que appareceu ao lado. Deram as mãos e vêm vindo!... Agora, sobre a cabeça da princeza de cabelos de oiro, o rei magnifico poz uma coroa resplandecente...

«Vão chegar á terra... Uma multidão de criados estendem no campo uma mēsa de que não se pode ver o principio nem o fim. Ao centro são as cadeiras dos reis e dos principes. Que linda toalha bordada a oiro põem por cima! Agora cobrem-na dos manjares mais raros. Frutas de todo o mundo. É á arvore de todos os frutos que os vão buscar. O vinho nos copos, do mais fino cristal, é como topazios e rubis. Servem-se os manjares mais variados; pasteis, peixes de mil formas, assados sem conto, doces, doces, tantos doces!... Assentam-se á mesa, toda a gente cabe e vão chegando, chegando cada vez mais. Riem satisfeitos. Os criados andam numa azáfama... Veem até aqui... Talvez nos convidem...

Impacientes por verem tantas maravilhas, os mais pequenos gritaram:

—Nós tambem queremos ver! Onde estão, tio Jacinto?!...

E levantaram as cabeças, curiosos, arregalando os olhos que não viam nada.

—Pronto!—gritou desolado o tio Jacinto.—A curiosidade venceu a luta, perdeu-se tudo!... O

encanto que hoje se quebrava ficou dobrado por seculos sem fim!...

De volta para casa, o tio Jacinto, mal humorado, caminhava na frente sem responder ás perguntas que lhe faziam. E os pequenos entraram em casa cabisbaixos e vexados, como se tivessem cometido um crime.

Margarida e João Carlos, que não eram responsáveis pela sua falta, esprobavam-lhes violentamente o tragico desfecho duma tão linda aventura!

Quem sabe se a essa hora não estariam todos vivendo num país de maravilhosa opulencia e de beleza sem nòme e não seriam todos felizes no desencanto que se ia realisar? Verdadeiramente os outros tinham procedido como uns lapuzes sem poderem vencer o genio mau da curiosidade. Agora haviam de ficar toda a vida a sofrer a mesquinhez da hora presente... Quem sabe se o encanto seria vencido no momento em que o cavaleiro e a princeza comessem da arvore de todos os frutos?!... Quem sabe se os faria voltar á vida real a agua de oiro da fonte maravilhosa que o tio Jacinto vira no horizonte?...

No seu desejo natural de defesa, ante as exprobações violentas dos dois, o Manuel, um dos maiores do bando, que já mostrava tendencias muito prosaicas para a vida pratica de comerciante, nas trocas e baldrocas com os companheiros, respondeu com um ar superior e desdenhoso:

—Se calhar o tio Jacinto não viu nada daquilo. Eram mentiras para nos ter socegados!...

Mas teve de fugir á reacção violenta que essa

resposta cinica provocara em Margarida e João Carlos, que ainda á noite choravam o lindo sonho desfeito.

Mais tarde, quando já sabiam ler, o quarto do tio Jacinto era para ela e para o João Carlos o paraizo onde penetravam alvoroçados e orgulhosos da confiança merecida, que os distinguia dos outros pequenos, aos quais o tio Jacinto não ligava a importancia intelectual que lhe mereciam os dois *doutores*, como, despeitados, os chamavam os companheiros. Horas e horas folheavam sem fadiga as belas edições, que eram o unico luxo a consumir todas as economias do bom velho.

O «Orlando furioso» com as suas gravuras fantasticas, «O Inferno do Dante», as «Mil e uma noites», Os «Lusiadas», viagens a todos os países do mundo, a vida das Flores e dos Animais, obras de astronomia e obras de fantasia, tudo quanto representa o grandioso e o belo em contraste com a banalidade da vida comum, passava pagina a pagina pelos seus olhos deslumbrados.

Como andassem uma vez projectando uma expedição vingadora ás terras irridentas de Marrocos, ficara desgostosa porque a mãe, sem respeito nenhum pelas razões patrioticas que os impulsionavam, dizia ao marido :

— A fantasia desregrada do tio Jacinto desvaira estes pequenos. Achio que seria bom moderar-lhes a convivencia.

— Não! — respondera-lhe o pai a sorrir. — Se tiras-

sem ao tio Jacinto a companhia das crianças tiravam-lhe a unica sociedade em que se sente feliz. Quando nós eramos pequenos já nos contava estas mesmas historias e cada um seguiu o seu destino, uns mais praticamente, outros menos, mas nenhum ficou desvairado. Agora não nos liga importancia, mas quando eramos petizes, como estes, era o nosso comandante e organisador de expedições e aventuras. Nesse tempo o nosso sonho era descobrir minas e procurar tezoiros escondidos... Deixa-os lá que mais tarde se desembaraçarão do que vai a mais em fantasia e terão ganho alguma coisa em desenvolver as faculdades criadoras e imaginativas.

De facto, ela e o João Carlos, á proporção que iam crescendo afastavam-se insensivelmente dos sonhos do tio Jacinto, mergulhando deliciados na leitura de viagens reais aos países mais excentricos; vivendo umas vezes enlevados nas paisagens maravilhosas das ilhas Harvai, percorrendo em festa o Japão colorido das cerejeiras em flôr, conhecendo Ceilão, paraizo da terra, extaziando-se deante das piramides do velho Egipto, enregelando-se na estepe siberiana, envoltos em peles, sentindo atraz do trenó vertiginoso o uivo assustador da alcateia dos lobos... Para esta nova fase do seu entusiasmo concorria em grande parte a Avó, narrando-lhes episodios da sua infancia passada na vida larga das *estancias*, percorrendo a cavalo jornadas inconcebiveis para o limitado horizonte da vida europeia, assistindo á laçagem de rezes bravas nas manadas espalhadas nas vastas pastagens, seguindo depois para a tristeza do *char-*

que entre a *gaúchada*, que em correrias soltas os iam levando ao destino inglorio.

As historias da Avó tinham para os dois primos a sugestão da vida real em que o seu proprio sangue vivera, alargando-lhes o sonho orgulhoso da raça. Dessa época fôra a sua paixão historica pelas « descobertas », as discussões acaloradas sobre os herois, a leitura embevecida da obra portuguesa em todo o mundo. Sem lá terem ido, os dois conheciam a fundo a imensidade geografica do Brasil e toda a obra que resultou do esforço dos *bandeirantes* e colonisadores portugueses, desde o extremo Sul até á magestade do Amazonas no norte misterioso.

Quem os ouvisse, nessa época, diria que os dois pequenos tinham de facto percorrido a grande confederação Sul-Americana e estudado nas suas escolas melhor do que muitos professores.

Companheiros desde a primeira infancia, o João Carlos fôra sempre para a sua dominadora personalidade a ternura mais tolerante e persistente.

Nunca se revoltava contra a tirania da companhia, como os primos, que sendo tocados pela sua espada de pau, em guerras e combates perfeitamente organisados, ás vezes se recusavam a *morrer* á sua voz imperiosa. E era preciso, que aos seus brados e protestos acudisse a Avó para os *obrigar* a morrer, visto a prima os ter matado. « Ela era uma menina — ralhava a boa senhora — e toda a gente sabe que as vontades das meninas devem ser respeitadas pelos verdadeiros cavalheiros. . » Ao contrario dos outros, o

João Carlos não se sentia violentado na adoração da loira priminha, tolerando-lhe todos os caprichos com uma ternura tão funda e tão suave, que a fazia a senhora absoluta do seu querer.

Estudioso, retrahido, duma sensibilidade estética de pensamento que encontrara a forma perfeita nas poesias, que ambos liam sob as arvores seculares da velha quinta, ele representava para Margarida a ternura mais absorvente, a amizade mais apaixonada que sentira sempre junto de si.

Passeando ás tardes nas ruas tratadas do parque, sob a caricia doirada dos poentes de outôno, ou de manhã, nas madrugadas chilreantes das ferias da Pascoa, em que era certo a Avó reunir a familia, as suas confidencias nunca baixaram á materialidade da vida comum e a sua amizade conservara-se fraternal e pura como fôra desde o berço.

Os seus sonhos e discussões jamais saham dos limites literarios dos romances que ambos liam, já com o pensamento de comunicar as suas impressões.

Para Margarida aquella ternura carinhosa do primo era o seu maior apoio moral, na certeza dum affecto em que podia pôr toda a confiança das suas confidencias.

Em pensamento tinha-o sempre associado á grande ternura do seu coração, mas esse sentimento era tão puro que toda se arrepiava quando as velhas criadas lhe falavam no seu *noivinho*, sorrindo maliciosas á camaradagem do primo.

A Avó defendia-a vibrantemente, mandando calar essas desmioladas paroleiras que não compreendiam

a amizade dos primos, que é como de irmãos. Era até pecado ter um pensamento semelhante... Para a sua querida neta o futuro era outro. Tinha de esperar um marido, como ela sonhava, que lhe mantivesse a posição e ambiente apropriados á sua beleza, á sua educação e ao seu nome, como tinha tido até ahí, mas que á sua morte não podia continuar, porque a fortuna se iria retalhar pela bandada de netos de todos os ramos, que Deus lhe dera.

Mais tarde, quando encontrara Henrique numa estação de aguas onde acompanhara a Avó, ele realizou o deslumbrante ideal dos seus sonhos de rapariga e correspondeu em absoluto aos desejos da velha senhora, como o noivo esperado para a sua querida neta.

Sem ser já uma criança era novo bastante para despertar o interesse e o ciúme das outras meninas-casadeiras. Inteligente, duma cultura geral que lhe dava o habito duma alta vida social, era audacioso e brilhante na forma eloquente de falar. Ambicioso de dominio, sentia-se perfeitamente equilibrado na fortuna pessoal que já possuia e no futuro que o pai lhe preparava como colosso da alta finança.

O seu prestigio social fôra, ainda mais do que a sua propria pessoa, a varinha magica que tocara imediatamente a imaginação de Margarida. Sem resistencia entregara-se a esse amor com a mais absorvente e dominadora das paixões.

Todas as fantasias do tio Jacinto, todos os seus sonhos de rapariga inteligente e culta, toda a sensibilidade da sua alma sedenta de perfeição e de beleza,

a renderam vencida áquele amor que idealizou em Henrique o principe designado pelas fadas para a vir despertar do seu sonho de menina inconsciente.

E esse noivado, rapidamente decidido e apresentado á Avó com todas as regras protocolares, fize-ra-a caminhar de deslumbramento em deslumbramento até ao resultado em que o noivo, desde a primeira hora, marcara, como premio ao seu triunfo sobre todos os admiradores, que antes dele a rodeavam.

O unico desgosto que lhe enturvara os dias deslumbrantes do noivado fôra a desilusão e a amargura que reflectiam os olhos de João Carlos, quando soube do seu feliz noivado.

Pela primeira vez compreendeu o que representava para a alma do primo, que se dobrava, vencida sem luta nem resistencia perante os factos que lhe arrebatavam toda a vaga e doce esperanza em que se criara e vivera.

Pela primeira vez, tambem, o seu coração fôra obrigado a fechar-se e as palavras a medirem o abismo que as separava da profunda verdade, para não acrescentar inutilmente uma dor que presentia eterna.

Ficaram-lhe bem gravadas na memoria, e fôra a unica recordação que não revelara ao marido nos momentos em que toda a sua alma se abria na ansia de se entregar completamente ao amor sem partilhas, as palavras que João Carlos dissera tremulamente, na ultima linda tarde que passara na quinta, antes do casamento :

—Eu não casarei nunca, Margarida! Nem desejo sahir da sombra destas arvores que nos viram crescer juntos e são as unicas amigas que nos hão-de ficar para toda a vida. Quando o teu coração voltar a ser o que era, aqui encontrarás a mesma ternura fiel e consoladora de sempre...

Depois desses momentos dolorosos, em que teve nas suas mãos delicadas a alma do companheiro de todos os momentos felizes da sua infancia, é que bem profundamente compreendeu o que representava para a sua propria felicidade a felicidade do primo.

Atravez do deslumbramento da existencia que seguiu, a saudade maguada daquele doce affecto foi o moderador duma felicidade, que sem isso seria deshumana, e o refugio consolador das horas tristes. Doía-lhe como uma inutil e violenta crueldade o riso despresador de Henrique sobre as poesias do primo, que os jornaes e as revistas vinham publicando, formando-se a pouco e pouco a lenda do poeta estranho, que se conservava afastado de camarilhas e de invejas, publicando os seus livros raros, como as arvores que se infloram e produzem fruto, pela necessidade imperiosa da Natureza.

Mais tarde, quando as noticias alarmantes da saúde da Avó a chamaram á quinta, o seu coração, já então desiludido e torturado, reencontrou no affecto sempre adorativo do amigo de infancia a consoladora ternura que lhe mingudara na vida.

Sob o doce olhar da velhinha, que a morte tocara irremediavelmente, reviveram melancolicas as sau-

dades duma vida, que morrera tanto para os seus corações vivos como para o já lento coração da Avó, que os tinha bem unidos na sua grande ternura. Na desolação dessas horas amortecidas, em que a morte rondava de mansinho a casa onde a vida já mal se defendia, reviveram em saudade as alegrias e os entusiasmos ingenuos da sua infancia entrelaçada nos mesmos sonhos e no mesmo affecto.

Muito orgulhosa para confessar a derrocada da sua vida de paixão ideal, João Carlos compreendera das suas palavras o bastante para chegar a sua alma friorenta ao calor do seu profundo e inalteravel carinho, duma sensibilidade e pureza fraternal.

Em saudade reviveram, nesses dias, a recordação do tempo que passara e jámais se poderia repetir.

Às tardes, nos poentes doirados, que eram sempre da mesma beleza que tinham sido desde o principio do mundo e seriam até ao final das coisas, eles sentiam a melancolia profunda da alma que envelhece, perante a maravilha de luz, que era como um incendio na mata e nos jardins da velha quinta senhorial. A agua cahindo das fontes claras sobre os tanques e perdendo-se de arreto em arreto nas terras mimosas de cultivo; o grito áspero dos pavões sobre as ramadas das velhas arvores seculares, as vozes longinquas dos campos, davam-lhes um encanto misterioso das coisas vividas num passado morto a que as suas almas tinham ficado ligadas indestrutivelmente.

A' noite, junto do fogão, na bibliotéca, folheando os grandes livros que tinham ficado do tio-Jacinto, as

suas palavras tinham o misterioso encanto das confidencias longamente guardadas, recordando factos que a memoria havia já perdido. E a voz e o sorriso doce da velha Avó, que era já quasi uma sombra entre os vivos, juntava-os na ternura em que sempre os irmanara, como os netos favoritos do seu coração. Morta, ainda a sua alma os abrigava no mesmo desejo de prolongar-se na sua memoria, fazendo-os partilhar nessa casa onde deixara as recordações queridas de toda a sua vida.

Fôra após esse luto, que reavivara as suas relações, que de anos a anos Margarida voltara a passar alguns dias na quinta, trazendo os filhos á convivencia desse passado a que os quizera supersticiosamente ligados, como se ficassem assim mais presos ao seu sangue.

As cartas de João Carlos, raras mas sempre impregnadas daquela ternura sentimental dum affecto que não perdera no contacto da vida a pureza ideal dos primeiros tempos, davam-lhe um prazer tão intimo e uma consolação, que só a podia comparar ao encanto com que murmurava palavra a palavra as poesias dos seus livros.

A pouco e pouco uma grande amargura lhe apertava o coração ansiado.

Era o ultimo do ano e nunca lhe faltava nesse dia a lembrança dumas palavras amigas de João Carlos acompanhadas, desde a morte da Avó, do envio de camelias brancas e vermelhas, as primeiras apanhadas no bosquedo que formavam na quinta.

O que se passaria de anormal para que a sua amizade se alarmasse tanto?!...

Porventura a sua saúde perigava, no desconforto daquela vida de isolamento em que se confinara, quasi uma sombra a diluir-se no velho palacio cheio de sombras... Uma grande sensação angustiada fê-la erguer espavorida, com a testa perlada de suor frio e um grito lancinante a tragificar o gesto de pavor com que estendeu os braços para o marido, que acorrera a segura-la:

—O João Carlos, o João Carlos!... O João Carlos está doente, morreu talvez!... Vi-o ali muito triste... Ali!...

E apontava em frente, estrangulada em soluços.

—Não sejas criança, Margarida, minha filha, então?!—E apertava-a nos braços protectores.—Foi um sonho que tiveste, foi um mau sonho, vamos!

—Oh, não, não! Estava acordada, vi-o com os olhos bem abertos!...—E chorava convulsivamente.—É o primeiro ano que não escreve neste dia...

—Escreveu, decerto; foi demora no correio, receberás amanhã.—Ante a onda inestancavel de lagrimas, já impaciente e repreensivo:

—Margarida, então, é preciso não seres criança. É ridiculo! Asseguro-te que estavas a sonhar, nem me ouviste sahir quando fui mudar de fato. Serenal É necessario dominares esses nervos... As visitas esperam no salão, são horas de jantar...

Lentamente, na sala de fora o grande relógio de

pesos bateu as oito horas espaçadas, que soaram como um dobre na casa silenciosa.

Sobre o fogão o pequeno mostrador Luiz xv bateu rapido no seu timbre gárrulo a mesma hora apontada no mostrador pelo velho Tempo do grupo.

III

UM PASSO EM FALSO



UM PASSO EM FALSO

Maria Frederica e Beatriz tinham sido companheiras e amigas desde a primeira infancia, e a travez da vida, apesar dos caminhos diversos que o destino lhes dera, nunca se tinham perdido inteiramente de vista.

As suas casas vizinhavam pelas trazeiras, naquele desconsolado vizinhar da cidade moderna, com o xadrez dos quintaes em baixo e as gaiolas das varandas onde se passa ao léo parte da vida familiar.

Quasi da mesma idade, antes mesmo das familias terem encontrado antigos laços, que as relacionavam em convivio de amizade, já as duas pequenas sorriam uma para a outra e mostravam os seus bonitos de varanda a varanda.

Juntas partiam todas as manhãs para o collegio, mal sabiam ainda habiolar as primeiras lições, como juntas riram festivas com os brinquedos novos e choraram os mortos por desastre antes do tempo os usar, de forma a que o seu desaparecimento seja um alivio para os proprios donos, que já lhes sentiam a repulsa. Nas festas do ano eram comuns as suas alegrias e nunca uma pode, sem a outra, saborear as gulodices tradicionaes.

Ao entrarem, porem, na adolescencia, o destino,

que até ahí as ligara como duas astes do mesmo ramo, numa fraternização apaixonada e sincera começou a dirigi-las em separado, como se não houvesse simpatia que as podesse mais unir no mesmo caminho.

Frederica cresceu depressa, ou antes, espigou e fez-se aquella adolescente alta, esquinada, sem forma feminina que irrita os homens e os põe na duvida malévola da pureza da alma, por vezes mais cheia de ternura e de bondade do que se estivesse protegida exteriormente pela graciosidade da beleza feminina.

O pai, que era um velho militar que o limite da idade atingira, ainda cheio de energia e de vontade de trabalhar, mal se resignando ao seu papel de inactivo forçado, criara-a como um recruta, quando comandava o regimento.

Acompanhava-a ao picadeiro e mandava-a ensinar como se fosse um rapaz, não se lembrando de lhe perguntar se as horas de passeio, em que ambos faziam proezas de cavalaria destemida, a fatigavam muito.

Atingido pelo limite da idade obrigatorio da reforma, instalara-se em Lisboa, criara interesses comerciais e deixara á pequena uma liberdade excepcional na vida portuguesa. Desde criança que as suas amizades era ela propria que as escolhiá, começando cedo a andar só e a frequentar o liceu com um á vontade arrapazado que apavorava as mães da vizinhança, murmurando «não agoirarem bem de tal liberdade». Mas o velho general, com as suas ideias bem arrumadas e disciplinadas como sempre mantivera os seus soldados, dizia alto e bom som, sem

receio de incorrer no desagrado da burguesia preconceituosa: «que não queria a filha para freira, nem a criava para o mercado vergonhoso dum casamento modo-de-vida». Dava-lhe meios para se desembaraçar das dificuldades sociais e ela que seguisse depois o destino que melhor servisse á sua propria felicidade.

Resolvía todos os assuntos sem preocupações sentimentais, pelo raciocinio mais logico, sem mesmo se preocupar com os detalhes, que por vezes desviam as equações matematicas no resultado final.

Como Maria Frederica desde criança se afastara com relutancia dos serviços caseiros, pretendendo encontrar nos livros e no estudo a realisação do seu ideal de mulher autónoma e moderna, o seu desejo encontrara no pai o melhor auxiliar para a realisação do seu destino.

Alem disso, a legitima materna, que ele administrara escrupulosamente, facilitava até certo ponto a realisação do futuro que á filha conviesse.

O segundo casamento, feito quando os primeiros cabelos brancos tiravam a dureza austera ao seu perfil acentuado de lusitano, que o sol e o tempo queimara, trouxera-lhe para o lar uma doce e modesta companheira, filha de um official subalterno, que tratava a enteada em senhora morgada e lhe dera duas pequenas encantadoras, que eram a graça da casa.

Maria Frederica tinha pelas irmãzinhas uma ternura cheia de protecção como se fossem duas plantas delicadas de estufa a que o proprio ar murcha as

folhas sensitivas, e esse carinho tão excepcional na bruscaria dos seus modos angulosos, criavam no espirito reconhecido da mãe uma dedicação sem limites pela enteada.

A par e passo que os dias iam correndo e Beatriz se ia fazendo uma menina da sociedade, as relações entre as duas familias iam afrouxando e esfriando pelo cerimonial exagerado que os pais de Beatriz começaram a usar e que fazia rir o velho militar, que os alcunhava de «arrivistas pedantes» que não estava para aturar.

Como o pai, Frederica, que tinha uma grande sensibilidade orgulhosa sob aquela apparencia de um á vontade sem preconceitos, tambem favoreceu o esfriamento de relações, seguindo a sua vida de estudo sem procurar a amiga, que de longe a admirava intimamente, embora sem coragem para reagir contra a opinião geral.

É que Frederica, umas vezes sem dar por isso, outras propositadamente, numa revolta de irritação contra a maledicência de que os écos lhe chegavam por vezes aos ouvidos, conseguia trazer sempre irritadas as pessoas que a viam afrontar a opinião publica ostentando corajosamente o seu ar insexual de rapariga libertada.

Era o verdadeiro contraste de Beatriz, que ia crescendo, tornando-se uma linda rapariga sem qualidades nem defeitos que imprimissem character, preparando-se para seguir com docilidade qualquer caminho que o acaso lhe abrisse deante dos passos.

Já poucas vezes se encontravam em camarada-

gem amiga, mas quando de longe em longe se viam, Frederica fazia um cumprimento affectuoso a que a outra correspondia num alvoroço mal contido e cheio de ternura.

Um dia, já viviam moralmente tão apartadas que meses e meses se passavam sem se encontrarem nem de longe se verem, Frederica recebeu um misterioso e ingenuo bilhete da amiga pedindo-lhe que a esperasse ás tantas, no jardim da Estrela, tudo quanto ha de mais afastado dos bairros novos, onde as duas continuavam a morar; numa vizinhança que já não era de convívio.

Intrigada faltou ás aulas de direito onde ia por disciplina mental mais do que obrigação nos cursos livres, que ainda apanhara, e á hora marcada lá estava com a sua grande pasta debaixo do braço, passeando despreocupadamente na calma serenidade burguesa do pequeno jardim a desfazer-se em perfume e em côr por essa linda primavera chilreante, duma frescura deliciosa, de fruta a acabar de amadurecer.

Sorria á luz que penetrava a folhagem ainda tenra das arvores e fazia no chão desenhos inconsistentes e leves, que seguia com um interesse infantil, sentindo uma frescura na alma, tão expontanea e tão nova, que inconscientemente se poz a assobiar, como a passarada que esvoaçava numa grande animação de ramo em ramo.

Foi assim, com o ar feliz que lhe dava essa tarde de sol que a fazia leve, á força de subtileza e do per-

fume de que estava impregnada a atmosfera, que se encontrou com Beatriz, acompanhada da que fôra sua ama de leite e era agôra a criada de confiança a *bonne*, como era alcunhada na familia, para mais distincção.

Um pouco palida e medrosa do passo arriscado que estava dando, fazendo uma coisa para que não pedira consentimento, Beatriz lembrava a rapariga timida que vai perturbadamente a uma primeira entrevista de amor.

Acompanhando duma saudação alegre o forte aperto de mão que se acostumara a dar entre camaradas, Frederica deu o braço á amiga e quiz logo saber o motivo desse encontro revestido de tantos preambulos misteriosos e algo romanescos.

Timidamente, muito receosa de principio, mas animando se ao calor das proprias palavras de confidencia, Beatriz contou á amiga o seu perturbante drama de amor.

Finalmente ia-se casar! Parecera-lhe que não chegaria nunca a realizar esse sonho ardente da sua grande paixão!...

O noivo, ela conhecia-o, era o primo, aquele rapaz já crescido que mal olhava para elas quando eram ainda miudas e enchiam a casa com a algazarra dos seus brinquedos infantis.

A pouco e pouco, desde que ela fôra crescendo e mostrando a promessa duma beleza, que era já uma realidade encantadora, fora-a chamando a si, absorvendo-a, moldando-a tão dominadoramente ao seu querer, que conseguira afasta-la de todos os seus e

torna-la um instrumento passivo do seu capricho doentio. Desde os doze anos que se entendiam ás escondidas de todos e aguardavam a idade para se declararem aos pais, que não suspeitavam dessa camaradagem perigosa entre os primos, nunca podendo supor que um rapaz já formado e pronto a entrar na vida, olhasse com amoroso sentido para uma criança, que vira crescer como se fosse uma irmãzinha inocente.

Então, sem que ninguém soubesse, escondendo-se do proprio noivo, tragificando esse gesto como quem comete um crime, quizera encontrar-se com a amiga, para que fosse ela, a sua companheira de infancia, a primeira a saber do que era a realização de todo o seu sonho de felicidade, o fecho glorioso do seu romance de amor.

Muito séria, muito grave, duma seriedade que dava dureza ao seu olhar negro de morena que os cabelos cortados e naturalmente frizados enquadravam em sombra, Frederica aconselhava-lhe muita prudencia num passo tão arriscado da vida.

Chamava-lhe criança, lembrava-lhe que não era aos dezasseis anos que uma mulher sabe definitivamente se o homem que a perturba será o seu verdadeiro amor, aquele que sem cansaço ha de ser para toda a vida o desdobraimento da propria existencia.

Mais velha era ella, tinha quasi vinte anos, e ainda hoje se não atrevia a afirmar se algum dos seus amigos e companheiros de estudo e de trabalho poderia agradar-lhe para a realização dum acto de que dependeria todo o seu futuro de mulher.

A outra defendia com entusiasmo o que chamava a sua felicidade completa, absoluta e eterna.

Dizia-lhe em confidencia os beijos perturbantes que o primo lhe dava desde pequena, e o prazer intenso que a fazia estremecer num arrepio de todos os seus nervos tangidos, quando lhe passava os dedos pelos cabelos loiros em ondas luminosas, caídos pelas costas, ainda era uma pequena de saias curtas.

Tudo quanto sabia lhe ensinara ele, que pouco ou nada trouxera daqueles passageiros meses no Bom Sucesso, em que conseguira apavorar as freiras e indisciplinar as condiscipulas contando-lhes historias lindas dos romances que lera. Juntos tinham lido os mais perturbantes romances de amor, decorando as poesias que seus labios murmuravam como beijos a arder.

Ah! se Frederica visse as cartas maravilhosas que ele lhe escrevia fazendo-a viver, na ausencia, toda a febre e toda a ansia dum amor sem egual...

—E teus pais?—preguntou Frederica.—Como consentiram um tal namoro?...

—Não sabiam de nada!... Ele proibiu-me que lhes dissesse até chegar ao momento de poder casar.

—E esse momento?!

—Chegou, finalmente; fiz 16 anos!... Até agora o segredo tem estado bem guardado nos nossos corações e só temos tido por confidente e auxiliar a dedicação da ama.

Maria Frederica não pode deixar de olhar com um franzir de testa severo a pobre mulher, que fez um gesto vago cheio de impotencia.

— Amanhã — continuava num fremito de entusiasmo — vou participar aos meus pais a minha resolução de casar com o José Pedro!...

— Mas teus pais decerto se opõem. Terão de esperar, pelo menos, cinco anos, até á maioridade.

— Se se opuzerem, fujo com ele. Temos tudo combinado. Depois não ha remedio senão deixarem-nos casar...

— És uma criança!... Em primeiro logar teu pai dá-te uma sova...

— Oh quem me dera, quem me dera sentir-me sofrer em minha carne dolorida por amor dele!... Sabería mostrar o meu amor a dar-se todo em sacrificio.

— Estás louca!... O José Pedro deu-te volta ao miolo com as suas frases de romance. Isso não tem seriedade nenhuma, é um projecto infantil, coisa de loucos. Teu pai decerto pega em ti, quando lhe forem participar essa extravagancia, e mete-te de novo no Bom Sucesso.

— Não ha nada que me demôya. Farei lá tais escandalos, que scrá impossivel as freiras receberem-me. Se me prenderem, o José Pedro encontrará meio de me libertar, bem sabes que é rico e bem colocado; a um homem como ele não se põem obstaculos.

— E com certeza, com certeza teus pais não desconfiam do que se passa?...

— Não! Bem sabes que temos sido criados como irmãos e confiam no José Pedro como num filho mais velho. Guardavam-me de todos e de tudo menos dele...

—Que merecia bem pouco a confiança de pessoas honestas!... vamos andando — murmurou Frederica, irritada.

—Pois tu não comprehendes que o amor é uma força imperiosa e superior a todos os preconceitos e a todos os deveres?...

—Pobre pequena!... Tudo isso não passa de mentiras em que ele te enrolou como as serpentinas do carnaval. Oxalá que ao menos não venha breve a tua quarta-feira de cinzas!...

—Frederica! — implorou Beatriz quasi desfeita em lagrimas e a tremer num presentimento de tristeza — porque dizes essas coisas?!... Tu não conheces a alma nobre, cavalheiresca e linda do José Pedro, que me adora como o sonho de toda a sua mocidade!

Sorrindo, entre grave e ironica, Frederica perguntou:

—E essa mocidade de quantos anos constará, Beatriz?

Sem attingir o sentido da pergunta, respondeu:

—Que idade tem o meu noivo? Vinte e seis anos, mais dez do que eu. Como é lindo ter um senhor tão novo e tão velho em comparação comigo, não achas?!... Ai, Frederica, como desejaria que tu fosses feliz como me sinto neste momento!...

—Queres crêr, minha louquinha, que te não invejo a felicidade, antes me sinto entristecer, apreensiva por esse drama em que tão nova te meteste?!...

—Então não sentes alegria pela realisação deste sonho, que é a minha felicidade?

—Nao! Sinto mas é medo por te ver tão só, tão

desamparada moralmente, caminhando ás cegas para um futuro tão mal cimentado!... Perdôa a minha franqueza, Beatriz, minha querida pequena!...

—É por esse teu feitio aspero e sacudido que tanta gente diz mal de ti...—murmurou Beatriz mal contendo as lagrimas.

—Que me importa? Eu vivo a minha vida e não a dos outros. Não procuro ninguem nem mendigo amizados.

—Mas foi por seres assim que me privaste da tua convivencia e amizade, tendo de optar pelo amor do José Pedro e afastando-me de ti.

—Ah, foi então ele que te fez afastar?...—riu desdenhosamente.—Era de prever! Precisava de campo livre e dos teus olhos de criança bem fechados á realidade...

Tendo-se sentado num banco afastado onde mal chegavam os gritos e as gargalhadas das crianças, brincando do outro lado do jardim, Frederica levantou-se irritada, no impulso evidente de se ir embora.

Alguns passos dados voltou para traz e assentou-se outra vez no banco, sentindo-se invadida por uma subita piedade pela fraqueza dessa criança, que fôra a maior ternura da sua infancia.

Pegando-lhe na mão continuou com intimativa:

—Confessa, Beatriz!... E se hoje me pediste para nos encontrarmos neste jardim tão afastado das nossas casas e onde não é natural que pessoas conhecidas da tua familia me vejam, não foi com a ideia de apelares para o meu affecto, pedindo-me que me não zangue por me não convidares para o casamento?!...

—Quem to disse?!...—preguntou a outra numa surpresa pasmada e ingenua.

—A minha experiencia da vida — respondeu numa importancia um pouco comica para os seus mal contados vinte anos.—Compreendo muito bem que os teus pais não podem deixar de convidar-nos, dadas as relações de amizade que ligam as familias, mas o teu noivo não me quer junto de ti... não é? E então tu, pobre pequena, lembreste-te de te dirigires á minha lealdade para que voluntariamente deixe de comparecer, mesmo sendo convidada... Estou a ler no teu pensamento como num livro aberto.

Beatriz, corada, confusa, nem se atrevia a confessar nem a negar.

—Pois bem—continuou com o ar solene que a gente nova põe nas pequeninas tragedias dos seus affectos—vai descansada! Eu farei com que meu pai não vá nem me deixe ir assistir á legalisação desse crime de que vais ser a victima.

—O que dizes?—preguntou Beatriz, apavorada, levantando-se e tomando-lhe o braço, carinhosa.

—Maria Frederica, não fiques mal comigo!... Olha que és a minha unica amiga e só contigo eu terei sempre coragem de desabafar, de dizer as minhas alegrias e as minhas tristezas, se algum dia as tiver...

—Mal contigo?!... Não! pobre pequena!... Serei para ti sempre a mesma, podes contar com a lealdade do meu affecto, como se fosse tua irmã. E quando te sentires muito desgraçada, podes recorrer sempre á minha inalteravel ternura...

E melancolicamente, na tarde que ia a descair na

suavidade doirada do poente, atravessaram as ruas manchadas do roxo rosado das olaias, que sacudiam a sua linda floração da primavera para a substituir pela folhagem dum verde tenro, que já se ia renovando.

Nos lagos parados, onde as sombras começavam a alastrar-se, os cisnes deslisavam gráves e hieraticos na inutilidade magestosa da sua vida escrava.

Ao portão separaram-se num aperto de mão muito efusivo e Frederica dum salto tomou um electrico que começava a andar, enquanto Beatriz e a ama seguiam para o elevador que as poria no Camões, no protesto de compras urgentes a fazer nas retrozarias do Chiado.

Com certa surpresa para todos, incluindo os proprios pais de Beatriz, o velho general não comparecera nem deixara assistir á cerimonia do casamento ninguém da sua casa.

A festa realisara-se com todos os preceitos consagrados pela moda, com a noivazinha infantil e vaporosa envolvida nos tules e nas sedas alvas duma primeira comunhante, a que por graça cobrissem das simbolicas flores de laranjeira — flores verdadeiras — dizia ela desvanecida, no triunfo do seu capricho vencedor — que o José Pedro mandara vir propositadamente dos pomares das suas quintas.

«Só era para admirar que Frederica, que fora a maior amiga, a companheira irmanada da noiva, não apparecesse naquele dia de tanta solenidade, o maior dia na vida duma mulher, a sua verdadeira consagração...»

«Esquisitices do velho general — explicava a dona

da casa ao grupo das amigas intimas que comentavam o facto. — Achava mal que tivessem consentido no casamento duma criança, como Beatriz, que nem sabia o que ia fazer. Quando o foram convidar protestou logo e disse que não sancionaria com a sua presença um acto... a seus olhos imoral!...

E sorria, invocando docemente o testemunho das mamãs que a ouviam.

«Nós tambem não queriamos, mas o que haviamos de fazer ante a teimosia dos namorados e o desgosto da menina?!

«Consentir, é claro!... Evitar escandalos, que é o dever dos bons pais.

«Ora — comentavam outras — naturalmente era inveja, que o noivo não era para desprezar. A Beatrizinha teve muita sorte, afinal!... O primo é um bom partido e tolos seriam os pais que não desejassem ver a sua filha assim bem arrumada!...

«Não; como pais não sentiam alegria nenhuma com esse casamento prematuro, que lhes arrancava a filha dos braços quasi ao nascer, uma menina, que nem mocidade tinha para gosar, mas... que fazer? ! com a violencia só a rebeldia poderiam esperar».

Ao copo de agua, quando os noivos ao topo da mesa recebiam sorrindo as homenagens e os brindes de todos, um criado apresentou a Beatriz um enorme cesto de lilazes brancos que Frederica enviara com a recomendação de lhe ser entregue nesse momento com um lindo estojo de prata onde brilhava um simples anel de platina com uma perola do mais puro oriente.

Era a prenda da amiga e companheira de infancia, que não a esquecerá no meio da sua festa.

Comovidamente, por entre os comentarios elogiosos das amigas, numa vaga melancolia de sugestão, Beatriz poz no dedo a jóia que não escandalisava, na pureza do seu reflexo suave, a immaculada alvura do seu traje de noiva.

II

Nessa tarde, Maria Frederica entrara no escritório um pouco irritada e fóra da hora do costume.

Dera ordens rapidas na sua voz clara e forte, fizera observações ao serviço em geral, e depois de lançar uma vista de olhos pelas varias secretárias onde os seus agentes escreviam cuidadosamente, entrou no seu gabinete particular com um arremesso de mau humor.

Tirou da cabeça o pequeno feltro duma simplicidade elegante e atirou-o para cima duma cadeira, despindo o manto de setim largamente orlado de peles caras em que se envolvia como na toga austera dum magistrado.

No gabinete a que os vitraes quebravam a luz já amortecida da tarde, o mobiliario em pau santo e estofos azul ferrete, tinham um aspecto austero e pesado que mais a enervava nessa tarde, em que os seus nervos vibravam numa vaga ameaça de neurastenia.

Em movimentos bruscos acendeu todas as lampadas electricas e correu a pesada cortina de veludo, que vedava completamente a janela; e logo o forro dum amarelo forte, com largos desenhos modernistas, da capa, que se alastrava na cadeira meia caída para o chão, poz na casa uma nota forte de côr,

como se fosse um tufo de tójos a gritar ao sol a alegria da vida intensificada de luz.

FredERICA continuava a ser aquela rapariga esbelta e elegante, talhada em linhas esguias, duma arte muito moderna, flexível sem abandono, elegante nas atitudes e nos gestos, que já não teem nada da altiva rijidez espartilhada e classica.

No seu rosto, quando o não animava a excitação da conversa, pesava um pouco a preocupação duma vida de responsabilidades e de luta.

Vestida com uma opulencia discreta, que se ostenta mais na qualidade dos tecidos e na correcção do corte do que nos arrebiques dos enfeites, era um modelo de elegancia, sem os exageros de feminilidade nem os exotismos masculinos, que são o escolho ridiculo de muitas.

Era a verdadeira mulher de acção e de trabalho, que a sociedade moderna, na sua luta impiedosa pela conquista do pão de cada dia já produziu, e aceita como colaboradora e concorrente com o homem, na vida social, cheia de ferocidade no egoismo de cada hora.

Entrara na luta com o seu curso distinto, e pensara que podia com ele ser o que o seu temperamento forte impunha que fosse: uma acção que se respeita, uma intelligencia que se impõe.

Em breve reconheceu que um curso por mais brilhante que seja, não é mais do que a disciplina necessaria para começar a trabalhar, pouco facilitando uma mulher para a vida forte de imposição que lhe pedia a energia do seu character.

E sem preocupações nem pretensões de intelectual, imposera-se e fôra bastante inteligente, bastante equilibrada para compreender a força social duma grande fortuna que se sabe criar e manter.

Do pouco que relativamente lhe ficara da herança materna e que o pai escrupulosamente administrara, acrescida do rendimento que não gastara, na rectidão da sua consciencia de soldado, avessa a calculos financeiros, conseguira organizar uma força que se impunha na praça. Não era ainda a fortuna positiva e amalhada, mas já as vantagens que ela dá em conforto e autoridade.

Naquele vasto escritorio admiravelmente montado com todos os requintes do commercio moderno, a correspondencia diaria fazia trabalhar as dactilografas, que em notas taquigraficas tomavam nota das respostas que ela dava perante os maços de correspondencia trazida no correio do estrangeiro, das colonias e de todo o país.

Ela só movimentava todo aquele organismo de propaganda que era no commercio a sua casa de importação e exportação, sahida do seu esforço, da sua intelligencia e do seu estudo nos mercados estrangeiros.

Assentada diariamente á secretária durante algumas horas, nada se fazia que lhe não passasse pelos olhos, escrevendo á margem as observações rapidas e nervosas que eram depois explicadas aos chefes de secção e comunicadas ás empregadas de correspondencia.

Naquella tarde, sob a aparente calma do costume,

sentia no fundo um nervosismo e um cansaço que não explicava.

O expediente estava quasi feito quando o pequeno *groom*, correctamente fardado com um chic de preocupação artística, entrou e respeitosa mente lhe apresentou um pedaço de papel branco dobrado em quatro.

— Que é isto?!... — franziu a testa mal humorada pela interrupção.

— É uma senhora que está na sala de espera e me pediu que entregasse já este papel a V. Ex.^a.

Ainda desconfiada, no aborrecimento constante dos pedidos que lhe chegavam ás mãos, leu a palavra escrita a lapis na larga caligrafia inglesa de todas as meninas elegantes: — Beatriz!...

— Manda entrar!...

Levantou-se logo a tempo de receber para um carinhoso abraço a amiga, que uma larga ausencia de convívio não afastara da sua ternura.

Beatriz era ainda a mesma pequenina delicada figurinha rosada e loira com o ar dumã criança mimada, que amúa e chora se não lhe satisfizerem os pequeninos caprichos fantasistas.

Não engordara nem crescera, mas a sua beleza tinha aquele encanto das grandes rosas de floração muito especial quando estão no momento de toda a formosura, mas já se sente que ao primeiro movimento brusco da haste, ao mais leve contacto da brisa, se vão desfolhar numa inutil tragedia de perfume e côr a esvair-se.

O casaco de veludo negro com a gola de peles

subida a cobrir-lhe quasi o rosto, sombreado pelas abas do largo chapéo do ultimo e mais exagerado figurino, quasi a tornariam desconhecida na rua.

Frederica sorriu:

— Querida pequena!... quasi te não conhecia, se não soubesse que eras tu!... — E abraçando-a doce-mente fê-la sentar no sofá e ajudou-a a desembaraçar-se dos abafos.

Depois, sempre sorridente e calma, premiu o botão da campainha electrica e explicou ao *groom*, que se precipitou ao chamamento:

— Ouves? venha quem vier a porta está fechada. Nem para os de fóra nem para os de dentro. Estou numa conferencia, percebes?

— Sim, minha senhora!

— És o responsavel pelas minhas ordens!

— Sim, minha senhora!

O pequeno, muito correcto, muito digno, na importancia do seu papel de guarda de confiança, saiu e fechou discretamente a porta, sobre a qual Frederica correu o pesado reposteiro de veludo.

Assentando-se junto de Beatriz, que a olhava entre confiante e surpresa, pegou-lhe na mão e perguntou-lhe carinhosamente:

— Que desejas de mim, minha filha?...

Bastou essa tão simples expressão de carinho para fundir em lagrimas toda a coragem da amiga.

Tapou o rosto com as mãos e por entre os dedos delgados e translucidos de loira de raça, as gotas do seu pranto soluçado escorriam como filtradas por uma

acumulação imensa de sofrimento, que lhe apertava o coração.

— Beatriz, Beatriz, então, minha pequena, não chores assim, dize, quem te fez mal? Não quero que sofras, ouves?!...

E afastava-lhe as mãos do rosto contraído num desespero de criança a quem partiram o seu bonito.

— Não queres que sofra, Frederica?!... Não queres que chore e que sofra?!... És a única pessoa do mundo que não quer que eu sofra!... — E atirou-lhe os braços ao pescoço e encostou a cabeça no seu ombro, na ternura carinhosa de quem procura um apoio e o encontra seguro num coração amigo.

— Ah, ainda bem, ainda bem que vim procurar-te.

— Mas conta, dize o que tens, o que queres que te faça; quem perturbou a tua felicidade!?...

— A minha felicidade?!... — de novo o pranto redobrou e Beatriz murmurou num sorriso de amargurada ironia:

— Eu nunca tive felicidade, Frederica! Desde a primeira hora do meu casamento que penso com desespero nas palavras que me disseste lá em cima na Estrela, lembras-te?!..

— Francamente, já foi ha tanto tempo e tenho dito tantas palavras depois dessas!... — respondeu sorrindo. — Precisamente não sei o que disse. Lembra-me que condenei esse acto imoral e infame, que foi o teu casamento. Não da tua parte, pobre criança ignorante, sem apoio moral de ninguém, mas de teu marido, um homem feito e consciente que abusou da confiança de teus pais e da tua ingenuidade.

— Condenaste, sim! Condenaste e disseste a verdade, só a verdade! Olha, vês este anel, vês?... É o unico que trago ha muito, alem desta horrivel aliança que é o simbolo da minha vergenhosa escravidão... Se esta perola tão linda te podesse contar quanto lhe tenho dito em pensamento, como se fosse mandado para o teu coração amigo, então saberias o que tem sido a minha vida!...

— A tua vida invejada e respeitada por todos! Porque tu és hoje, Beatriz, na sociedade portuguesa uma das mais lindas figuras morais, que todos reconhecem e louvam. No descalabro e na imoralidade geral, tu és a mística flor de devoção dum relicario gotico. A tua felicidade intima e profunda, a tua doce resignação de jovem mãe de familia cheia de deveres bem cumpridos, é o exemplo que as mães dão aos desvarios das raparigas modernas...

— Cala-te, Frederica! Não me horrorises mais com o espectaculo da hipocrisia que tenho dado ao mundo!... Houve, e ha, a sujeição covarde e a sujeição resignada duma pobre mulher sem coragem nem amparo moral. Esta miseria é a minha felicidade! ..

— Beatriz!... O que dizes, minha filha?!...

— Juro-te! Desde a primeira hora do meu casamento que sou um trapo abjecto aos meus proprios olhos!

— Minha filha, não digas blasfemias! Estás nervosa, socega!

— Não, não!... Chegou o momento de dizer tudo. Já não posso mais calar-me, quero contar-te tudo, tenho ansia de rasgar o meu peito para que vejas toda

a miseria da minha vida. Ouve-me, Frederica, minha amiga, minha irmã, meu unico amparo moral!... — As lagrimas tinham desaparecido e os olhos castanhos, luminosos e estriados de oiro tinham a fulgurancia duma grande febre interior, que lhe queimava as faces enrubescidas e os beiços quasi a sangrar.

A outra olhava-a num pasmo e tentava acalmá-la, chamando-a á razão.

— Não me digas nada, deixa-me falar, contar tudo, abrir finalmente o meu coração torturado! Compreende bem, Frederica, juro-te que é a pura verdade! Desde o principio que a minha vida foi uma tragica e dolorosa caricatura. O que fui eu para o José Pedro, sim, o que fui eu? Um capricho de rapaz, uma fantasia de degenerado...

— Não digas isso, Beatriz! Estás nervosa, és exagerada e violenta. Tu bem sabes que eu não gostei que casasses, mas dahi ao que dizes!...

— Não, não!... Não o defendas. Se tu soubesses?!... Tenho até vergonha de dizer, nunca, nunca me atrevi a contar a ninguem!... — E de novo as lagrimas lhe voltaram violentamente dos olhos desvairados. E continuou, a meia voz, ante o gesto de carinho da amiga:

— No dia do nosso casamento, quando nos encontramos finalmente sós e eu estava tremula e ansiada nos seus braços, julgando que lhe dava a maior felicidade na terra, como precioso dom de toda a minha vida, da minha innocencia e da minha paixão: sabes o que ele me disse?!...

« Afinal esperava que este momento fosse uma hora

única de felicidade para mim e não sinto nada de extraordinário!...

— Que bruto!

— Que cinico, dize! Talvez melhor diremos, que louco! — Dize e aprecia como quizeres. O que te juro é que foi por covardia, por medo do ridículo, pelo pavor da sociedade que não fugi para casa de meus pais, pedindo-lhes que me guardassem de novo, que me fechassem definitivamente no convento, que me escondessem á minha própria vergonha. Mas... Tinha dezasseis anos! E fiquei! E fui a mulher submissa, a escrava sofredora de todos os seus caprichos e de todos os seus vícios. Fui a sua criada, a ama dos seus filhos, a sua governanta, a sua enfermeira... Quando pegava num livro, mandava-me cozer as meias, ele que em solteira me alimentava de toda a perversidade sentimental duma literatura mal escolhida. Quando formulava uma opinião, ria desdenhosamente; quando exaltava o amor na sua essência sublimada, respondia-me que a mulher era uma simples maquina de procrear, incompetente para se elevar espiritualmente...

— E viveste com ele?!...

— Quatorze anos de revolta covarde e de nojo de mim propria! Era apenas isso que ele queria de mim!...

— Quantos filhos?

— Seis vivos e três abortos.

— E as crianças?

— Os primeiros são bonitos, meigos, interessantes. Rodeiam-me e acarinhos-me tanto, que até agora me têm prendido á vida sem ideal e sem nobreza que ele me criou. Os ultimos são uma desgraça, quasi uns

abortos. Parece castigo da Natureza ultrajada no meu corpo.

— Ha tempo vi a tua pequena mais velha; é muito linda. Lembra imenso a tua figurinha de boneca na sua idade... — E ameigando-a docemente, maternalmente: — Pobre querida, o que fizeram de ti!...

— Ah, sim! A minha Margarida é muito linda. Quando olho para ela, tão ingenua, tão fresca, tão infantil tão alegre e penso que tem hoje treze anos e na sua idade já ele me falava de Amor e me embriagava com romances de paixão... queres crêr que sinto uma arrepio de furor e uma repulsa física tão pungitiva que me faz mal?!... Sinto vergonha por ela, e por mim propria, na miseria da minha infancia poluída.

— Compreendo bem esse pudor da tua carne refletindo se na carne fresca da tua pequena. É bem natural, bem humano! Mas o mal passado é sem remedio, é preciso evitar o futuro!...

— Ah, eu não perdôo, não posso perdoar aos meus pais terem-me deixado nas garras daquele monstro, sem amparo fisico nem moral!... Foram os verdadeiros culpados da minha desventura, o meu pai revendo-se na posição social e na fortuna do sobrinho, a minha mãe com a ânsia de me dar *arrumação* e temendo que houvesse pecados a reparar, nem quiz saber ao certo o que se passava!... E eu é que fui a victima miseravel da infamia de uns e dos preconceitos dos outros! — De novo os soluços e as lagrimas faziam-na vibrar toda com um desespero dolorido de criança.

— Socega, Beatriz! Já não ganhas nada em lembrar o passado. É necessario remediar o presente e pensares no futuro. Agora o que pensas, o que queres fazer?

— Agora?!... — E a sua voz tinha um timbre ve-lado e cheio de rancor. — Agora, separar-me dele. Quero divorciar-me! Não posso continuar esta vida de repulsa, viver nesta revolta impotente e hipocrita, simulando mecanicamente o papel de esposa fiel e dedicada.

— Tens motivo para o divorcio?

— Tenho testemunhas de que me maltratou por palavras e gestos de ameaça, e um dia, mesmo deante dos filhos e das criadas, deu-me uma bofetada!...

— Se as testemunhas não faltarem é bastante, mas os filhos?

— Os que tenho quero-os para mim, mas não quero mais, entendes?... Não quero, não posso ter mais filhos dum homem que me repugna. Devemos ser, ao menos, senhoras do nosso corpo, não achas?

Frederica sorria:

— Não sei, minha querida! A lei parece que não dá ás mulheres casadas esse direito...

— Mas quero eu toma-lo, entendes? — E agora o seu olhar, o seu gesto, o ritus mordente da sua boca ainda tremula dos soluços, eram quasi ferozes. — Que me importa a infamia das leis que eles fizeram? Não quero, não quero, que saia mais miseria deste meu corpo abjecto! Os medicos já lho disseram quando nasceu o ultimo, e ele — o cinico! — riu-se e chamou-lhes bestas!

— E realmente, minha pequena, os que tens são já bastantes. Seis filhos é muita coisa nos tempos que vão correndo.— Sorriu Maria Frederica.

— E ele acha sempre poucos! Por sua vontade não teria um mês livre!...

— Parece loucura!

— E é, podes crêr! Julga que me tem assim mais segura e ninguém poderá olhar para uma mulher deformada por uma constante e pouco cuidada maternidade. Vingam-se do meu odio e do meu desprezo! Acredita, Maria Frederica, é um tarado, é um verdadeiro criminoso, que a sociedade acolhe como modelo da honestidade social!...

— Mas o que pensas fazer desses seis destinos que te estão confiados?

— Não sei! Tenho pensado tudo e não chego a conclusão alguma! Mas neste momento não se trata dos filhos... É outra coisa peor, é um drama muito mais violento e mais tragico que me despedaça a alma...

— Santo Deus, que frases tão romanticas!...

— Não rias, Frederica, não me tires a consoladora esperança com que eu vim procurar o teu coração amigo!...

— Não me rio, minha filha! Conta essa tragedia mais.

Torcendo as mãos, convulsa, quasi de joelhos, numa flexão do corpo a pôr-se sob os olhos misericordiosos da amiga, Beatriz murmurou febrilmente:

— Ha um homem que olhou para a minha miseria, que bem compreende o meu abandono...

—E quere aproveitar-se da tua mesquinha situação moral, atirando-te para o lodo e para a vergonha, não é verdade?... —Respondeu Frederica, tomando subitamente um aspecto irritado e grave.

—Frederica! Pelo amor de Deus não sejas cruel, não o insultes! Lutou muito, quasi ia morrendo de sofrimento para fugir a esta paixão que a ambos venceu!...

—É mentira!

—Que direito tens para duvidar?

—O direito que todos temos de julgar as pessoas pelos seus actos.

—Tu não o conheces, não sabes quais são os seus actos?

—Não o conheço?! Conheço já o suficiente para te repetir com toda a convicção, que te mentiui! Quem quer que ele seja, Beatriz, esse homem é tão cinico, tão covarde, tão criminoso perante a tua fraqueza de mulher infeliz, e moralmente insatisfeita, como teu marido o foi perante a tua inocencia de criança.

—Não digas! Se o conhecesses não falarias assim. Lutou muito antes de me confessar este amor, esta paixão que eu lia, sem a querer compreender, em todos os seus gestos, nos seus olhos que me procuravam quando eu não olhava para ele e se afastavam quando lhe falava; na timidez do seu sorriso, na graça delicada das suas ofertas de flores, do acordo das nossas opiniões quando se discutiam questões sociais...

—Tudo isso vem no código dos vulgares conquistadores de mulheres romanticas, honestas e casadas... Não é novo nem prova nada a seu favor.

Beatriz olhava-a entre revoltada e surpresa.

—Vamos a saber as coisas duma forma mais clara e mais pratica: Como encara esse apaixonado a tua situação de mulher casada?...

—Lamenta-me; como podes calcular!...

—E a tua situação de mãe de seis filhos?...

—Quere esquecer que eu sou mãe para só amar em mim a mulher espiritual, que o compreendeu e o prenderá para sempre...

—Beatriz, é necessario que olhes friamente para ti propria, que analyses a tua situação como se fosse uma vida extranha. Propõe a esse homem o divorcio e a situação definitiva e clara com as respectivas responsabilidades.

—Já lhe falei nisso...

—E que te disse?...

—Como não é rico não pode tomar uma responsabilidade definitiva... depois—e continuou meigamente—ouve minha querida, não faças para ele essa cara severa! depois, ele é contra o divorcio, que é a materialização grosseira do amor que se vai poluir numa legalização escandalosa, que a sociedade não aceita e... é contra os seus principios religiosos.

Frederica soltou uma gargalhada sarcastica.

—Pobre Beatriz! Em que mãos de milhafre caíste! Foges dum mau para cair noutro pior. Ainda não me disseste o seu nome, mas já te afirmo sob a minha palavra de honra, que é um intrujão sem escrupulos!...

—Ah, não digas tal! És injusta!

—Está bem; não te apoquentes, faze de conta que eu sou a tua mãesinha de outrora, conta-me tudo: Até

onde chegaram nessa comedia sentimental?... Fala com o coração aberto para ver a extensão do perigo e propôr o remedio.

— Se falas assim com esse desprezo da nossa paixão, não posso dizer-te mais nada! Só me resta ir-me embora na certeza de que não encontrei a tua amizade antiga!... É mais uma ilusão que euperco!...

Frederica não a deixou levantar, pegou-lhe no braço, tirou-lhe a peliça que já abotoava e subia no pescoço, despregou-lhe o chapéu e sorrindo, como se falasse a uma criança:

— Vem cá, minha pequena, ouve-me com atenção: Eu não tenho odio especial aos homêns, nem contrario sistematicamente as historias do amor, como querem fazer correr. A prova está no carinhoso interesse com que vigio os casamentos das minhas irmãs. Simplesmente conheço de perto os homens do nosso tempo e da nossa sociedade, que não teem deante de nós, mulheres de trabalho e camaradas de luta, as mesmas precauções na linguagem que teem deante de vós, as mulheres, que o destino marcou para a vida sentimental e caseira. Durante a minha já larga vida social, tenho visto algumas vezes sentimentos sinceros, que respeito e compreendo... mas a maioria não vale nada! Bem sei que o amor verdadeiro é a maior força da humanidade...

— Já vês?!...

— Mas não costuma andar tratado dessa maneira... Emfim, Beatriz; não podemos discutir assuntos destes em tése; precisamos factos. Dize-me: qual foi a tua ideia quando te lembraste de me procurar?!...

De olhos no chão, tremendo numa hesitação dolorosa, respondeu:

— Não sei! Senti-me tão só, tão desamparada, tão estonteada pelas suas palavras, que tive uma necessidade absoluta de me confiar á tua coragem, á tua força e á tua experiencia.

— Está bem. Mas o que te determinou hoje, precisamente, a vires ter comigo?...

— É que... Foi hoje que pela primeira vez nos encontramos propositadamente. — E ante o franzir de testa preocupado de Frederica:

— Encontramo-nos nos Armazens do Chiado...

— Ah, Beatriz!...

— Por acaso... sim, parecia mesmo por acaso, ninguém podia desconfiar.

— Essas coisas toda a gente as conhece logo. São o a. b. c. da vulgaridade burguesa.

— Pois é por isso... Falou-me em nos encontrarmos numa sala de confiança, de maneira a não dar na vista, não quer comprometer-me, não quer lançar o meu nome para o escandalo da sociedade...

— Mas, desgraçada! Tu não vês o ridículo de tudo isso?... Tu não comprehendes que estás a viver numa comedia baixa de amor á Primo Basilio?!...

— Pelo amor de Deus, Frederica, não mo repitas mais!... E num soluçar angustiado murmurou a medo:—No fundo da minha alma senti uma voz austera que me fez ver claramente o que me dizes agora...

— Ainda bem que a tua consciencia te deu alarme.

— Mas não é possível ser-se tão desgraçada, tão

atraiçoada nos mais belos sentimentos do coração!... Foi ao deixa-lo há pouco, que senti o vácuo e tive medo... E vim para ti, para que me desses o teu conselho! Foste a unica pessoa que ha quatorze anos me falou claro e me disse a verdade! Ah, se eu tivesse seguido os teus conselhos!...

—E hoje, como ha quatorze anos, desgraçada, és bem capaz de os não seguir! Mas vamos tentar fazer com que o teu raciocinio vença o teu proprio instinto. Compreendeste por intuição que esse passo dado em falso te conduziria ás mais atrozes vergonhas intimas, não é verdade?

A outra soluçava, trapo miseravel, de carne em sofrimento e em duvida.

—Se encetares essa vida toda urdida em mentiras, vais-te prostituir indignamente, passando dos braços do amante para os braços do marido, sem nobreza nem dignidade.

—Oh! não, não! Isso nunca, nunca mais!...

—Nunca mais o quê?

—Nunca mais, comprehendes? Nunca mais o poderei suportar. Pelo amor de Deus, Frederica, não te rias, não me arranques as mais belas illusões!...

—Mas que illusões, minha filha?... Não sejas criança, olha que já não tens idade para isso. Pois tu não vês que forçosamente, desde que te lances ás cegas nos braços dum amante, serás tu propria que amanhã terás de ir mendigar as caricias de teu marido para resalvares qualquer surpresa?!...

—Cala-te, Maria Frederica, pelo amor de Deus! A frieza dos teus raciocinios apavora-me! Não pode

ser assim, seria injusto, seria horrivel! O amor quando é puro, elevado e absorvente, como o nosso, não pode obedecer a calculos grosseiros. Quando uma mulher e um homem vão um para o outro pela fatalidade do sentimento, não podem pensar nas consequencias desse acto humano e divino, ao mesino tempo!

— Beatriz, o que estás dizendo não é do teu raciocinio nem do teu coração. São frases que te diz esse homem, que não sei quem é, mas que já conheço como se o estivesse a ver... As coisas são o que são e a fisiologia tem uma logica que se não ilude... Quando um homem e uma mulher se juntam, o que é natural, ou pelo menos, provavel, é que dessa união nasçam filhos. Por ti propria sabes muito bem que o sentimento nada tem com o facto material da maternidade, visto que de teu marido já concebeste nove vezes sem amor, segundo tu propria confessas.

— Que horror, que horror!... Tu reduces a vida a formulas tão simples, a equações tão matematicamente conduzidas, que eu endoideço no pavor de te compreender.

— Não, Beatriz, não endoideces pelas minhas palavras, mas sim pelos teus proprios pensamentos que não queres confessar e são os mesmos que te digo com mais preclção e mais clareza, porque me não cega a paixão. Decerto já pensastes no horror de teres um filho do homem que supões amar...

— Para que formúlas essa suposição?

— Não é suposição, é a mais tragica verdade! Pois bem, pensa que um filho do homem que amas

será um intruso na tua própria família, que terás de fazer aceitar por teu marido á custa de todas as vergonhas íntimas, rebaixando-te até á lama das ruas. Pensa no horror de ti própria quando vires os olhos curiosos e ingenuos de teus filhos, surpreendendo no irmão os traços dum pai que não é o seu!...

—Estás a torturar-me sem piedade!...

—É para te mostrar bem claramente que não podes, que não deves sair do caminho traçado. Sofras embora, Beatriz, a paz da tua consciencia é superior a todas as venturas que imaginas.

—E és tu, tu, uma mulher livre e superior a preconceitos sociais, que me aconselhas desta forma?!...

—Eu não sou uma mulher livre — respondeu Frederica gravemente — sou uma mulher que se libertou pelo proprio esforço, pelo trabalho, pela intelligencia e pela consciencia do seu dever. Sou livre porque não tenho compromissos senão comigo própria. Tudo quanto fizesse só directamente a mim interessaria, mas posso dar-te a minha palavra de honra, que sou uma mulher honesta. Isto é uma coisa que não interessa ninguem, mas que te confesso como se fosse uma falta, para não julgares que te digo uma coisa e faço outra. Entendo que a nossa maior força, a garantia do nosso socego está em sermos... o que eles não são, na grande maioria, pessoas moralmente limpas.

—Nunca supuz ouvir essas palavras da tua boca!...

—Se não querias ouvir as minhas opiniões não me devias ter procurado, bem me conheces e sabes que sou incapaz de dizer uma coisa contraria ao que penso.

—Meu Deus, valei-me!—E torcia as mãos num desespero, que comovia e fazia sorrir a amiga.— Vejo que tens razão, sinto que deve ser assim, mas ao mesmo tempo sinto-me covarde perante a sua dor. Se ele morresse eu morria de desespero!...

—Qual morre? Onde viste um homem morrer de puro amor, senão nos romances?!...

—Não morre de amor, mas da terrível doença que o mina e que tem na sua mão exagerar, procurando a morte libertadora...

—Essa frase é dele, Beatriz! Conheço-a bem! Esse homem está envenenando o teu espirito com as tragedias Ibsenianas duma pessima adaptação. Depois do Eça os nordicos, seguirá a faze d'Anunziana... O teu apaixonado não é um homem, é um episodio literario.

Desta vez a amiga não pode suportar a ironia cortante das suas frases e levantou-se, numa grande irritação contida, magoada, preparando-se para se ir embora.

Frederica tomou-lhe o passo:

—Para onde vais?

—Que te importa? O meu desespero não te comove, ris da minha tragedia intima, não deves preocupar-te com os meus actos.

—Ouve!—E a sua expressão era duma tão grande ternura e gravidade, que estacou, já quando ia a dirigir-se para a porta.—Não me rio da tua tragedia intima. Conheço-te desde pequenina, quero-te como se fosses uma filha do meu coração, tanto como quero ás minhas irmãs; não duvido do teu sofrimento nem

quero amargar o teu pensamento. . O que me irrita é estar a ver através das tuas palavras e das tuas lagrimas a falsidade, a infamia calculada friamente desse homem sem escrupulos, que para satisfazer o seu goso pessoal não se importa de redobrar o peso da cruz que o destino poz nos teus pobres ombros frageis de amorosa.

E fazendo-a assentar de novo, na docilidade como-vida da outra: — Minha querida Beatriz, minha pobre criança, nasceste para amar e ser amada! É a tua função, o teu destino na vida, mas a sorte adversa faz com que seja sempre inferior, ofensivo e grosseiro o amor que se oferece ao teu!

Ante um movimento de protesto de Beatriz, continuou docemente:

— Não me queiras mal pelo mal que as minhas palavras momentaneamente te possam fazer... Bem sabes que sou tua amiga.

— Bem sei!... Confio em ti mais do que em mim!

— Tens razão, não porque eu seja melhor do que as outras, mas porque o maior inimigo que hoje tens é o teu proprio coração desorientado. Acredita, minha querida, nestas coisas de amor só ha grandeza quando o acaso põe harmonia nos sentimentos partilhados. E contigo, apesar de o mereceres, tenho a certeza de que se não dá hoje esse facto, como se não deu na primeira dolorosa experiencia. Cafste, uma criança inexperiencede, na posse dum moço viciado e moralmente desequilibrado, e agora, cansada de sofrer, vais cair nas mãos criminosas dum conquistador de officio.

Beatriz estremeceu e protestou com uma indignação que já perdera a violencia do principio:

— Ainda não sabes quem é, não o conheces, como podes duvidar assim das suas intenções e dos seus sentimentos?...

— Estás enganada! Conheço-o de sobra, a ele como a muitos outros do mesmo genero. É por os conhecer muito bem que chego aos trinta e tantos anos solteira e sem a miseria dum amante. É isso que os irrita, comprehendes? Por infelicidade minha, talvez; por não ter merecimentos para isso, quero crêr, ainda não encontrei na vida...—e já agora parece-me um tanto tarde—concluiu sorrindo—um homem daqueles com quem sonha uma mulher como eu... que seja um amigo e um camarada; que tenha em nós a confiança dum irmão, o desinteresse dum pai, não deixando de ser um amante. Tenho muitos amigos, sabes tu? Mais ainda nos homens do que nas mulheres, tenho encontrado amizades sinceras e desinteressadas em camaradagem franca de colegas. Desde a escola que muitos veem para mim, como amigos, sem a mais pequena sombra de interesse. Outros tenho-os encontrado pela vida fóra quasi sempre em circumstancias de eu lhes ser util! Sou a colega, a confidente, muitas vezes!... E uma mulher que aceita o papel de confidente dos homens nunca se dispõe a ser a sua amante, a não ser por baixeza de vicio, ou inferioridade moral, que é o mesmo.

— Não posso acreditar que não tenhas encontrado na vida uma pessoa digna do teu amor!

— Não digo que não tenha encontrado, digo...

que não tem calhado. Sou muito orgulhosa, independente e autoritaria... tudo qualidades contrarias ás que os homens procuram nas suas mulheres. Mas não é de mim que se trata, minha querida filha, eu já organizei a minha existencia e agora, bem ou mal, é assim que a viverei. Toda a parte afectiva da minha existencia a tenho preenchida com o amor ás minhas pequenas. Os seus filhitos são os meus amores, os meus encantos. Penso que até trabalho para eles...

— Como és boa!

— O que é preciso é tratar de ti, salvar-te da tua desgraçada ilusão.

— Apesar de tudo que dizes e da tua experiencia não creio que ele seja como os outros... — sorriu Beatriz docemente.

— É quanto eu desejo. Vamos pois a saber quem é a excepção!

— Basta ser um homem de talento, um homem superior, com um nome conhecido por todos...

— Mas como queres que faça um juiso seguro se me não dizes o seu nome?!,... E eu tenho a certeza de que o conheço, vê lá! Estou a vê-lo fotografado atravez da ingenua sinceridade das tuas palavras.

— Não é possível!

— Então tu supões que é tão intenso e tão grande o meio em que nos movemos, que me seja difícil apontar-te um nome certo? A nossa Lisboa é uma aldeia onde todos nos conhecemos e sabemos tudo quanto fazemos, dentro dos limites da sociedade de que somos uma pequena parte ou á qual nos ligamos por qualquer forma. Sendo, demais a mais, um homem de

letras, como deprecendo das tuas palavras e um homem da sociedade, como tem fatalmente de ser, para que o tenhas encontrado com tanta confiança no teu caminho. Olha que entre as mil coisas que tem passado pelas minhas mãos, como agente de propaganda, também já me tem acontecido auxiliar as investigações da policia. Podia-te dar uma relação de todos os homens de Lisboa que poderiam ser o teu adorador, mas tenho a certeza que ao primeiro nome o reconhecerias. Ia jurar que é um dos meus amigos...

— Ah, isso é que não pode ser!

— Porquê, Beatriz?!... — perguntou com um sorriso ironico vincado nos labios.

— Porque... porque... Não gosta muito de ti!...

— Disse-to ele?

— Num dia em que por acaso falei na nossa camaradagem de infancia disse-me que não devia ter relações nenhumaas contigo, porque isso prejudicava uma senhora honesta!... Perdôa, sim? Elle não te conhece!...

— Ao contrario, Beatriz, é bastante esperto para me conhecer e é por isso que a sua honestidade se sobressalta ouvindo o meu nome. Lembra-te de que também teu marido te prohibiu de teres relações comigo... O que eles não querem é que por solidariedade feminina e, mais ainda, por amizade, te previna, contra os seus maus propositos. Se fosse um homem tinham a certeza que os não denunciaria por solidariedade, que é neles bem maior do que em nós. As mulheres colocadas na vida, como eu, são um perigo para eles.

— Mas não me digas que é como os outros. Juro-te que é uma excepção!

— Queres que te diga o nome de todos os que poderiam ser o teu adorador?

— Não quero que o confundas com os outros! Prefiro dizer-te o seu nome. É o Julião...

— Maldonado?

Beatriz abanou silenciosamente a cabeça procurando ler nos olhos da amiga a surpresa daquele nome conhecido. E ante o sorriso ironico de Frederica, hesitava entre a ansiedade esperançada e a duvida cruel.

— Era o primeiro da lista que te ia dar.

Num soluço de apavorada amargura, Beatriz tapou-lhe a boca com as mãos.

— Oh, não digas, não digas, pelo amor de Deus! Ele não é, não pode ser como os outros que conheces!

— É ainda peor do que os outros!

Frederica era agora outra mulher, quasi dura no gesto; uma expressão tão severa no rosto como se fosse um juiz austero que vai pronunciar uma sentença condenatoria, embora sinta a dôr das lagrimas que vai causar.

Com a voz breve e autoritaria de quem está habituado a ordenar para ser obedecido, disse, apontando para a mēsa de trabalho:

— Assenta-te, pega no auscultador do telefone e ouve o que se vai dizer. Mas não digas uma palavra, ouviste?

A outra, subjugada, obedecia mecanicamente, como hipnotisada.

Depois foi ao aparelho, fez a ligação e pediu: — Central 1002.

Momentos depois Beatriz, cujo aparelho estava em comunicação com o geral para que Frederica pudesse ouvir quando o entendesse, as comunicações dos seus empregados, escutou a resposta convencional.

— Está lá? donde fala?

— É você, Pilar? Daqui é Frederica.

E de lá uma grande algazarra festiva respondeu á comunicação.

— O Julião está ahí?

— Saiu ha pedaço, mas volta para a hora do chá.

— Diga-lhe que preciso falar com ele por causa duns artigos de propaganda de que necessito urgentemente nos jornais de cá e do Brasil.

— Bem pagos?

— Muito bem?

— Que alegria nos vem dar, minha querida! Você é o ideal das mulheres. O Julião vai ficar radiante, andava agora um pouco falhado ao naipe. Quer que lhe diga alguma coisa?...

— Não, não é preciso!... Ou se quer diga, é melhor. Olhe, Pilar, previna-o de que vamos lançar uma nova marca de automoveis e que ele tem de escrever uma cronica muito rendilhada, muito perfumada, em que meta os meus autos. Compreende? Uns passeios poeticos, um rapto sensacional, o que vocês quizerem. E desde já lhes ofereço um passeio no primeiro que chega, e já está na alfandega.

— Você é admiravel, Frederica! Você não é mulher...

— Nem homem, felizmente !

— É a propria Providencia ! E o Julião, coitado, tão bomzinho que ele é ! Precisava agora mesmo duns contitos. Até quasi chorava por não me poder oferecer a peliça, que adorei hontem no «Paris em Lisboa».

— Coitado ! Pois socegue-o, tudo se ha-de arranjar !

— Muito obrigadinha ! Venha tomar chá connosco para combinarem tudo...

— Hoje não posso, tenho umas poucas de conferencias aprazadas com os capitalistas que querem lançar a marca... Mas, sabe você Pilar ?

Tapando com a mão o telefone disse rapidamente a meia voz:— Sabes com quem é esta conversa ? Com a amante oficial do teu adorador.

E sem se preocupar com o estremeção de surpresa amargurada de Beatriz, continuou a falar com a sua voz mais amavel.

— Sabe porque me lembrei de lhe vir falar agora ? É que vi o Julião ha pouco a conversar muito animadamente com uma senhora elegante...

— Bem sei, bem sei !... — Gargalhou a outra. — É a sua ultima aventura.

— Ah sim ? Conte lá, conte lá...

— Quer saber ?...

Beatriz deu um salto na cadeira e deixou cair o auscultador fazendo-se lívida. A um gesto imperioso de Frederica, continuou a escutar, tremendo como uma haste desamparada.

Do outro lado a voz perguntou.

— Está ahi alguem consigo ?

— Não, porquê?

— Senti um barulho esquisito.

— Não. Fui eu que deixei cair o auscultador em cima da mesa.

— Ah, julguei perceber barulho. Mas oiça da última aventura do Julião. Imagine você que é uma senhora da sociedade...

— Sim? É espantoso como ainda ha quem o tome a serio!...

— Você é cruel! O Julião é tão bom! Creia que é incapaz de fazer mal a uma mosca.

— E muito leal, não é verdade?...

— Para mim tem sido, não me posso queixar dele. A nossa ligação é mais séria e honesta do que muitos casamentos.

— É o triunfo do amor livre!

— Lá está você com as suas piadas.

— Mas a conquista? Já lhe disse o nome?

— Já, mas eu não lho digo. Você também a conhece.

— Eu?!... Mas quem é? diga, diga!...

— Não digo, que ele ficaria furioso. Já o outro dia estava alarmado porque ela lhe falou de você. Estragava-lhe logo o arranjinho.

— Eu?!... Que ideia! E porquê?!... É a falta de confiança nos amigos. Eu não tenho nada com as suas conquistas, isso é com você.

— Comigo não! Eu não tenho receio de nenhuma. Mas parece-me que você é até muito amiga dela...

— Eu?!... Não me parece! As minhas amigas não se apaixonam pelo Julião Maldonado, porque todas

sabem que ele no fundo só ama a sua Pilar, como ela só o vê a ele...

— Isso é verdade, Frederica! Como você nos conhece bem! Eu divirto-me imenso com as suas aventuras e gosto de o ouvir contar as patéticas que lhes diz e o que elas respondem. Tenho guardadas as suas correspondências amorosas que classificamos para as futuras memórias literárias...

— E esta já lhe escreveu?

— Ainda não chegou a esse capítulo. Por enquanto ainda se passa tudo *en los reinos de la luna...* É muito vigiada, tem um marido feroz.

— Ah, mete marido?!... Então é preciso ter cautela!

— O marido não é o pior, são os seus escrúpulos romanescos de mãe.

— Também filhos?

— Sim, uma ninhada deles.

— Então não acredito na conquista; o Julião não gosta de mulheres com filhos, porque sempre são um perigo para o futuro!...

— Pois isso não gosta, mas com esta faz excepção.

● Estou ansiosa por o ouvir contar a entrevista de hoje...

— Canalha!... — gritou Beatriz num arranco, pondo um lenço na boca para abafar a voz, ante o gesto imperioso de Frederica.

Do outro lado a outra, perguntou desconfiada:

— Está ahí alguém?

— Não! quem havia de estar?...

— Pareceu-me ouvir uma voz que não era a sua.

— Foi ilusão. Mas olhe lá, você está brincando

com o jogo. Um dia o Julião prende-se duma vez e roubam-lho definitivamente. Acautele-se, Pilar!...

— Pode ser, mas não esta que é uma ingenua; nem parece deste tempo! Calcule que se convenceu que o Julião se deixará morrer se não o escutar!...

— Que romantismo! E isso com o Julião é admirável! Ele que tem o pavor da morte e até tem medo do ar que respira!...

— Figure-se!... O meu pobre Julião que vive no pavor das doenças e todas as noites se mete em flanelas como um bicho de seda no seu casulo!...

— É adorável de ingenuidade essa pobre senhora! Mas onde tem ela vivido que não sabe tudo quanto se conta do Julião?

— Sei lá!... Parece que vive nas nuvens. Temos rido imenso, nem calcula!

— Sim, calculo, mas acho que você não devia coadjuvar essa fantasia que lhe pode sair cara, se o marido sabe...

— Você conhece o marido?

— Como quer que saiba se o conheço se ainda me não disse quem era a mulher?

— É verdade, é verdade, tem razão!... Quer que lho diga?!

Desta vez Beatriz não pode mais, deixou cair o auscultador e gritou:

— Pulha, pulha, canalha!... É demais, é demais!...

E a voz de Pilar inquiria:

— Está ahi alguém?

— Que idécia!... Porquê?

— Pareceu-me que ouvi outra voz e uma pessoa a chorar!...

— Hade ser desvio da linha, aqui não ha nada. — Rapidamente Frederica foi desligar o aparelho e continuou no seu:

— Está lá?

— Sim, o que ha áhi?

— Nada, nada, estava a ouvi-la!

— Parecia-me que tinha desligado. Então está combinado dos artigos, posso dizer ao Julião?

— Decerto! Então o nome?

— Para a outra vez.

— Está bem, adeus!...

Beatriz soluçava com a cabeça enterrada nas almofadas do sofá. Lentamente, com a ternura maternal de que poucas mães teem o segredo, Frederica pegou-lhe na mão, puxou-a docemente para si e, beijando-a na testa, murmurou:—Perdôa, minha querida filha, o remedio foi talvez violento demais!... Mas o mal era tão grande, o perigo tão iminente!... Não me dizes nada, Beatriz?! Estás zangada comigo? Não me faças arrepender de ser tua amiga...

—Perdôa, perdôa, Frederica!... Ah, deixa-me chorar. Sofro tanto, tanto!

— Gostavas assim dele, queridinha?!...

— Não, não! Não choro por ele! O meu desprezo é tão grande que a sua imagem está morta e bem morta no meu coração. Choro a minha linda ilusão, choro sobre a miseria da minha propria existencia, sem razão de ser!

— Não digas isso, Beatriz! Tens os teus filhos,

tens mais do que eu o direito a lutar e a vencer a adversidade.

— A minha vida já não existe por si própria, é o que queres dizer, não é verdade?!... Que miséria de existencial... Para que serve viver, para quê?!

E de novo mergulhou a cabeça nas almofadas e os soluços faziam-na estremecer numa crise dolorosa e violenta.

Com muita doçura e paciência, Maria Frederica levantou-a, limpou-lhe as lágrimas como se fosse uma criança, animou-a e começou a falar-lhe persuasiva e calmante.

— Ouve, Beatriz, tem paciência! Isto é um incidente banal na tua vida. Amanhã hasde rir de ti própria...

— Mas o que tenho eu para substituir a ilusão que me tornava a vida suportável?!...

— Já te disse, minha querida filha, tens os teus filhos. O teu destino é seres uma mulher honesta e é preciso que o sejas. Por ti, por eles, pela própria beleza moral da vida, cada mulher tem o seu papel a desempenhar. Eu segui outro destino, organizei a minha existencia como entendi melhor. Sou livre, ninguém sofre com os meus actos pessoais. A minha honra é como a dos homens, é a honra dos negocios. Sou honesta por orgulho, por acaso, por insensibilidade, talvez! Mas se o não fosse, como dizem que não sou, ninguém sofria nem perdia com isso. Tu és outra coisa! Sobre os teus hombros frageis puzeram um castelo de responsabilidades morais; se te deixares vergar, se esqueceres um momento o sacrificio

que deves aos teus, é a derrocada pavorosa. Achas que eu sou mais feliz do que tu, Beatriz?!

—Decerto és! Basta seres livre! Quem me dera, quem me dera ser livre!...

—Criança! Que iludida vives! Se soubesses que terríveis momentos de amargura e de incerteza eu tenho sentido e cortido só, sem mesmo a ilusão dum coração amigo para desabafar! É a dor inerente á nossa miseravel condição humana e talvez, quem sabe? seja ela que consiga a remissão da nossa propria fragilidade material para que consigâmos elevar-nos em perfeição para a eternidade da alma!...

—Tu tambem sabes o que é amar e sofrer? Pode ser! Mas não sabes o que é viver esmagada na inferioridade dum destino falhado. Organisaste a tua vida e, bôa ou má, vive-la nobremente e eu... eu fui e serei sempre um trapo sem importancia nas mãos dos outros! Mas estou cansada, cansada, quero libertar-me!—gritou com violencia.—Ajuda-me a adquirir a minha independencia, quero trabalhar, quero ser como tu uma pessoa autónoma!—E soluçando, abraçou a amiga com muita ternura, como quem procura um apoio á propria fragilidade.

Maria Frederica sorriu-se:

—Não és tu a primeira que me diz pouco mais ou menos essas palavras. Trabalhar, ser livre! É o que todas me veem gritar nas suas horas amarguradas, sem consciencia do que dizem. Trabalhar como? Quem te preparou para trabalhares? Livre sê-lo-hás sempre que a tua alma se liberte, mas livre moralmente, que materialmente só o poderias ser se fosses

rica e ainda tendo a competencia do que devias fazer para não precisares de administradores.

— Rica, eu?!... Pobre de mim! Mesmo do meu dote, não vejo um centavo, nas minhas mãos, do seu rendimento!...

— É legalmente justo, teu marido é que é o administrador dos bens do casal.

— E alega que eu não sei governar, que o dinheiro desaparece das minhas mãos sem utilidade! Se soubesses o que ele diz aos meus pais sobre a minha administração na casa?!...

— Mas quem sabe se ele terá alguma razão?! Vê lá, Beatriz, quem te ensinou a ti a seres uma bôa dona de casa e mãe de familia? Só a pratica, por ti propria adquirida!

— Só a pratica, e os berros e as descomposturas chamando-me desmazelada diante de toda a gente, vexando-me diante dos filhos, das criadas, de todos!... Não, não! É impossivel, não posso continuar a viver! Prefiro a morte a voltar para o inferno da minha casa, agora sem uma unica illusão na vida a sustentar-me!

Gravemente, com uma grande energia e autoridade, a amiga respondeu á sua exaltação:

— O momento não é para sermões e lições de moral, mas já que vieste para mim, tenho o dever de te chamar á razão. Ouve: Na vida ha dois caminhos a seguir: Criar em nós proprios um ideal que nos eleve acima da propria existencia e por ele sacrificar tudo e todos sem nos importarmos dos sacrificios que impomos aos outros, sem sentirmos piedade por ninguem. . .

e para isto é necessario que o nosso ideal tenha uma finalidade que o justifique; ou então encontrar em nós proprios a força para nos realisarmos espiritualmente com a serenidade do nosso sacrificio corajosamente aceite. O teu caminho é este, Beatriz! Não tens personalidade nem energia para seguires outro. Por mais deslumbrante que te parecesse de principio, a tua pobre alma não resistiria á tragedia moral que esses destinos acarretam.

— Que queres então que eu faça?!

— Que vás para a tua casa e que tomes a sério o teu papel de mãe!

— De mãe dos filhos dele?!...

— Não tiveste coragem nem energia para repelles o pai antes de os ter e escolheres um homem que fosse mais digno, como é o grande dever da mãe consciente, agora não tens o direito de os abandonares. O teu dever é protegê-los e prepara-los para uma vida melhor do que a tua.

— Está bem! — disse bruscamente, com um assomo de energia. Passarei a ser unicamente mãe... Mas não com ele ao meu lado a vexar-me moral e fisicamente...

— Tens um meio, separa-te! Vai para junto de teus pais...

— E passarei a ser de novo menina tutelada?!... Não! Isso não! Ficaria peor do que estou!

— De qualquer maneira tens de ser uma tutelada, bem vê! Que elementos adquiriste para seres uma mulher independente? Se tens os motivos precisos para te divorciares, falas com ele e vê se o convences

amigavelmente a continuar juntos aparentemente para não dares aos teus filhos o escandalo da separação...

— Achas melhor que eles assistam ao escandalo do nosso divorcio intimo?!

— Não sei! Nesse ponto só tu podes decidir. O que é preciso é voltares para casa serenamente e serenamente decidires a melhor maneira de continuares a viver para o bem do teu nome e dos teus filhos. Olha que é ainda uma grande missão, talvez a mais bela de todas.

Sorrindo tristemente, Beatriz continuou:

— Compreendo-te! Tiras-me toda a ilusão de viver para mim! Não tenho mais o direito de pensar na minha felicidade, na minha alegria propria!...

— Hasde ser ainda muito feliz no teu destino de sacrificio, porque não?! E agora que estás mais serena vou levar-te a casa. Tenho lá em baixo o automovel e qualquer explicação servirá para justificar o nosso encontro. Teu marido ainda me tem muito odio?

— perguntou sorrindo.

— Não! Nunca mais me falou de ti.

— Agora era o outro!...

— Não fales mais dessa miseria!

— Está bem, está bem. Assim é que me agrada ver-te. Mas tu não tinhas tomado chá?! Que cabeça a minha! Aposto que nem almoçaste!...

E ante o sorriso triste e resignado da amiga:

— É claro, é claro! Não comeste nada! Pobre pequena! que asneira! Vamos aqui tomar o nosso chásinho, vais ver como gostas!

Muito senhoril, muito dona de casa, poz agua ao

lume num fogareiro electrico e tocou a campainha para vir o *groom*.

—Ouves? Mete-te no automovel e vai ao Marques que te dê sandwiches, croquetes, pasteis e muitos bolos. Não te demores! Olha, dize que é para mim e que mande bolos escolhidos, bombons e frutas cristalizadas. Fico á espera. Percebes?

E enquanto o rapazinho sahia como um raio, muito cheio de importancia da sua missão, ella ia desdobrando sobre uma pequena mesa propria para o serviço, a toalha em linho e rendas de Peniche, collocando as chavenas de porcelana transparente, dispondo os pratos e fazendo o chá no bule amorosamente abafado sob uma linda capa.

—Vês, Beatriz, como tambem sei ser dona de casa?...—disse sorrindo feminilmente para a amiga, que se decidia a ajuda-la tambem.

Quando chegou o rapasinho, vergado ao peso dum cabaz onde vinha cuidadosamente arrumado tudo quanto pedira, já as duas riam accumulando as gulodices sobre a mesa.

—Meu Deus, nem ha onde pôr tanta coisa, nem que tivéssemos fome de três dias.

—O que crescer é para levarmos aosteus pequenos.

—Oh! Frederica como és boa! Não te esqueces de nada!... E fazes com que eu tambem não esqueça!...

Já no automovel lembrou Maria Frederica:

—O Natal está á porta, que te parece? E se nós o annunciássemos levando alguns brinquedos aos pequenos? I decerto ficariam satisfeitos.

—Oh, decerto! Serias para eles uma bôa fada! Pouco depois as duas eram saudadas num grande alvoroço pela criançada em festa.

Beatriz sorria melancolicamente á alegria das crianças.

Frederica abraçou-a com ternura e murmurou-lhe ao ouvido:

—Perdôa, minha querida! Fiz-te sofrer muito mas livre-te de dares um passo em falso que seria sem remedio. Salvei-te de ti propria. Conheço-te bem e vi que a tua desilusão, depois, seria a tua morte!...

—Agradeço-te, Frederica! E abençoô como inspiração do meu bom anjo a ideia de te procurar. Estou triste, é natural, não é verdade?... Choro a minha mocidade que terminou hoje! Agora só me resta viver para o prolongamento da minha existencia neles! —acrescentou olhando as crianças.—E hei-de saber defender-me na sua alma! Principalmente a Margarida hade saber ser o que eu não fui, uma mulher consciente e forte, senhora do seu proprio destino. Neles eu viverei com orgulho do dever cumprido.

—Oxalá! Quantas mais mulheres assim houver menos perigosos são os homens como esses que infelizmente conhecestel!...

—Como é triste e inutil a vida!...

—Não digas isso, Beatriz! Quando mais tarde fizermos o balanço das nossas existencias, ainda hasde reconhecer que o melhor quinhão foi o teu que armazenaste amor para o futuro.

F I M







LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Campos Monteiro

- Os Lusíadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. 20\$00
Versos fora de moda, 2.ª edição 5\$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso). 2.ª edição. 8\$00
A oito dias de vista (crónicas) 10\$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). 2\$50
Miss Esfinge, 3.ª edição 10\$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos 2\$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (25.º milhar). 10\$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) 10\$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos 8\$00
Camilo Alcoforado 12\$50

Colecção A. Figueirinhas

(Para as crianças)

- N.º 1 — Velhos contos gregos.
» 2 — Três contos de Andersen.
» 3 — Contos Escandinavos.
» 4 — Velhos contos Ingleses.
» 5 — Contos meridionais e Fabelas de Esopo.
» 6 — Contos de Grimm.
» 7 — O vale magico.
» 8 — Os serões das crianças.
» 9 — Jack, o gigante assassino.
» 10 — O vale magico.
» 11 — Contos de Perrault e escandinavos.
» 12 — Contos, por F. Mechin.
Cada volumesinho 3\$00

João Paulo Freire (Marlo)

- O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos 8\$00
Homens do meu tempo 10\$00

Ana de Castro Osorio

- O Direito da Mãe (novela) 8\$00

André Brun

- Filosofia de Fellx Pevide 10\$00

Silva Tavares

- Rosario de Rimas. 12\$50
Mais Cantigas. 10\$00
Varões e... lustres 10\$00

(Biblioteca das familias)

M. Delly

- A Exilada 10\$00

Paul Bourget

- Coração enamorado não sabe para onde vai 10\$00

Ellénne Marcel

- A Avó 10\$00

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

- N.º I — Perdão Tardio (por Campos Monteiro). 3\$00
» II — A primeira Dulce que houve em Portugal (por Silva Tavares) 3\$00
» III — O Vingador (por João Grave) 3\$00
» IV — A verdadeira Mãe (por D. Ana de Castro Osorio) 3\$00
» V — O Patriota (por Rocha Martins). 3\$00

(Biblioteca Culinaria)

dirigida por Febronta Mimoso

- N.º I — Mais de cem maneiras de cosinhar bacalhau 2\$50
» II — Cem maneiras de fazer doces para chá 2\$50